

PRISCILLA ALYNE SUMAIO SOARES

LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva
inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena
Cachoeirinha



PRISCILLA ALYNE SUMAIO SOARES

LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva
inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena
Cachoeirinha

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2018

Soares, Priscilla Alyne Sumaio
LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva
inicial da língua de sinais usada pelos terena da
Terra Indígena Cachoeirinha / Priscilla Alyne Sumaio
Soares – 2018
213 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)
Orientador: Cristina Martins Fargetti

1. línguas de sinais. 2. língua terena de sinais. 3.
línguas indígenas. 4. LIBRAS. 5. povo terena. I. Título.

PRISCILLA ALYNE SUMAIO SOARES

LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 18 de maio de 2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira
Universidade Federal de Goiás – UFG
Faculdade de Letras

Membro titular: Profa. Dra. Denise Silva
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a todos os surdos terena.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida, por cada oportunidade de crescimento e pelas forças concedidas.

Agradeço à minha orientadora, por me permitir ter uma sólida formação linguística, por suas orientações seguras e sua amizade.

Quero agradecer também às professoras Gladis Massini-Cagliari e Rosane de Andrade Berlinck pelas valiosas sugestões dadas no exame de qualificação e no exame de defesa, e às professoras Christiane Cunha de Oliveira e Denise Silva pelas contribuições no momento da defesa desta tese.

Agradeço aos terena, por sempre me receberem, por me ensinarem tanto com paciência e carinho, especialmente Ondina e sua família.

Agradeço também à Denise Silva, por me apresentar aos terena e me dar valiosos conselhos nos momentos de trabalho de campo.

Agradeço a meus pais e a meus irmãos, por todo o apoio e incentivo em todos esses anos de vida acadêmica.

Quero agradecer também ao meu querido marido, Diego, por me apoiar e ajudar na preparação de cada trabalho de campo e nas viagens a congressos científicos. Muito obrigada por sempre me incentivar e por me compreender nos momentos difíceis da vida acadêmica.

Agradeço também a todos os professores e colegas que tive ao longo do doutorado. De alguma forma, todos trouxeram contribuições a esta pesquisa.

Agradeço ao professor Angel Corbera Mori e ao professor Wilmar D'Angelis, da UNICAMP, por discussões sobre os meus dados no mestrado e no doutorado.

Agradeço aos colegas do LINBRA (Línguas Indígenas Brasileiras), pelas discussões metodológicas e de análises, especialmente a Denise Silva, Adriana Viana Postigo, Lígia Egídia Moscardini, Flávia Berto e Mateus Carvalho.

Agradeço à Cristiane Nogueira Pereira, pelo incentivo no estudo da LIBRAS, e por ter sido uma professora tão generosa no meu estágio de doutoramento.

Agradeço à CAPES pela bolsa que financiou esta pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pelos auxílios concedidos para a realização de trabalhos de campo.

Agradeço também à família Soares, por me receber e me apoiar sempre.

RESUMO

O povo terena habita os estados de Mato-Grosso do Sul e São Paulo. Essa etnia conta com 28.845 pessoas (dados do IBGE, 2010), que estão divididas em 17 terras. Constataram-se terena surdos na Terra Indígena Cachoeirinha, de 4.920 habitantes, em quatro aldeias, próximas ao município de Miranda-MS. A língua oral terena é amplamente falada no local, e também foi observado o uso de sinais pelos surdos terena. O trabalho envolveu o estudo da(s) língua(s) utilizadas por surdos terena de diferentes faixas etárias, tendo como objetivo descobrir se os sinais que os surdos terena e alguns ouvintes estavam utilizando eram sinais caseiros ou uma língua, e se essa língua seria autônoma ou uma variedade da LIBRAS. É notável que parte dessas pessoas não conheça a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Alguns nunca frequentaram a escola ou tiveram contato com surdos usuários de LIBRAS. De maneira geral, os familiares dos surdos são ouvintes e falantes de português e terena, e os mais próximos conhecem o que chamo de língua terena de sinais. Alguns jovens estudam na cidade e estão avançando no uso e conhecimento da LIBRAS, porém estes mesmos jovens utilizam outra língua de sinais na aldeia, com seus familiares e amigos ouvintes, e outros surdos, que não sabem LIBRAS. Em viagens a campo, foram coletados sinais usados pelos terena por meio de fotografia e vídeo. Na pesquisa realizada durante o mestrado, muitos dados sobre os sinais usados pelos terena eram fornecidos por meio da língua portuguesa ou da LIBRAS, o que dificultou uma conclusão imediata (SUMAIO, 2014). No doutorado, entretanto, foram feitas mais coletas de dados com surdos, que permitiram chegar a conclusões definitivas. Avaliou-se então a fonologia, principalmente, e também o léxico, a morfologia, a sintaxe e a semântica desse sistema, chegando à conclusão de que não constitui variedade da LIBRAS e nem um sistema de sinais caseiros, mas uma língua autônoma.

Palavras-chave: línguas de sinais; língua terena de sinais; LIBRAS; povo terena

ABSTRACT

The Terena people inhabits the states of Mato Grosso do Sul and São Paulo. This ethnic group has 28,845 people (IBGE data, 2010) which are divided into 17 indigenous communities. Deaf Terena were discovered first at the indigenous area of Cachoeirinha, of 4.920 inhabitants and, on second field trip, also in the neighboring villages, near the city of Miranda-MS. The Terena oral language is widely spoken on site, and the use of signs by deaf Terena was also observed, which gave rise to this research. The project involves the study of languages used by deaf Terena of different age groups, aiming to find out if the signs that the deaf Terena and some listeners were using were home signs or a language, and whether that language would be autonomous or a variety of LIBRAS. It is notable that some of these people do not know the Brazilian Sign Language (LIBRAS, from Língua Brasileira de Sinais). Some of them have never attended school or had contact with deaf users of LIBRAS. Generally, family members of the deaf are listeners and speakers of Portuguese and Terena, and the closest know what I named Terena Sign Language. Some young people are studying in the city and are progressing in the use and knowledge of LIBRAS, but these same young people use other signs in the village with their listeners relatives, friends and other deaf people, who do not know LIBRAS. In field trips, signs used by the Terena people were collected through photography and video. In the research carried out during the master's degree, many data on the signs used by Terena were supplied through the Portuguese language or LIBRAS, which made an immediate conclusion difficult (SUMAIO, 2014). In the PhD research, however, more data were collected with the deaf, which allowed definitive conclusions to be drawn. The Phonology, mainly, and also the Lexicon, Morphology, Syntax and Semantics of this system were evaluated, arriving at the conclusion that it is not a LIBRAS variety and neither a system of homemade signs, but an autonomous language.

Keywords: sign languages; Terena sign language; LIBRAS; Terena people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Terra Indígena Cachoeirinha	21
Figura 2	Visão da frente da casa de Bebeto, Tainara e Elcio	31
Figura 3	Dete, tia de Elcio, Bebeto e Tainara, fazendo hi-hi	31
Figura 4	Tainara dando banho em seu filho	32
Figura 5	Alfabeto Manual ou Datilologia	45
Figura 6	Tainara (Maria Elisa)	68
Figura 7	Bebeto (Everton)	68
Figura 8	Ju (Jucilene)	69
Figura 9	Lalu	69
Figura 10	Dona Ximi (Beatriz)	70
Figura 11	Giane	71
Figura 12	Conjunto de Configurações de Mão da LIBRAS	80
Figura 13	Exemplo de par mínimo: configurações de mão como fonemas	84
Figura 14	Exemplo de par mínimo: locações como fonemas	84
Figura 15	Exemplo de par mínimo: movimentos como fonemas	86
Figura 16	Sinal TRAIR	86
Figura 17	Sinal VACA	86
Figura 18	Sinal MEU	87
Figura 19	Sinal EU	87
Figura 20	Sinal CAFÉ	88
Figura 21	Sinal CHÁ, Parte I e Parte II	88
Figura 22	Sinal ONDE?, Parte I e Parte II	89
Figura 23	Sinal POR QUE?, Parte I e Parte II	90
Figura 24	Sinal ÁGUA	91
Figura 25	Sinal BANHO	91
Figura 26	Sinal CACHORRO em LIBRAS	96
Figura 27	Sinal CACHORRO em LTS, Parte I e Parte II	96
Figura 28	Sinal CAVALO em LIBRAS	97
Figura 29	Sinal CAVALO em LTS	98
Figura 30	Sinal COBRA em LIBRAS	99
Figura 31	Sinal COBRA em LTS, Parte I e Parte II	99
Figura 32	Variação do Sinal COBRA em LTS, Parte I e Parte II	100
Figura 33	Sinais para numerais cardinais em LIBRAS	101
Figura 34	Sinais para numerais ordinais em LIBRAS	101
Figura 35	Sinal UM em LTS	103
Figura 36	Sinal DOIS em LTS	103
Figura 37	Sinal TRÊS em LTS	104
Figura 38	Sinal BRANCO em LIBRAS	104
Figura 39	Sinal BRANCO em LTS	105
Figura 40	Sinal MARROM em LIBRAS	106
Figura 41	Sinal MARROM sinais em LTS	106
Figura 42	Sinal PAI em LIBRAS	109
Figura 43	Sinal PAI em LTS, Parte I e Parte II	110
Figura 44	Sinal MÃE em LIBRAS	110
Figura 45	Sinal MÃE em LTS, Parte I e Parte II	111
Figura 46	Sinal FILHO em LIBRAS	112
Figura 47	Sinal FILHO em LTS, Parte I e Parte II	112

Figura 48	Sinal FLOR em LIBRAS	113
Figura 49	Sinal FLOR em LTS	113
Figura 50	Sinal ÁRVORE em LIBRAS	114
Figura 51	Sinal ÁRVORE em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	114
Figura 52	Sinal SOL em LIBRAS	115
Figura 53	Sinal SOL em LTS, Parte I e Parte II	116
Figura 54	Sinal COCHILAR em LIBRAS	117
Figura 55	Sinal COCHILAR em LTS. Parte I, Parte II e Parte III	117
Figura 56	Sinal ESPERAR em LIBRAS	118
Figura 57	Sinal ESPERAR em LTS, Parte I e Parte II	119
Figura 58	Sinal ACORDAR em LIBRAS	119
Figura 59	Sinal ACORDAR em LTS, Parte I e Parte II	120
Figura 60	Sinal CAMA em LIBRAS	121
Figura 61	Sinal CAMA em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV	122
Figura 62	Sinal REDE em LIBRAS	123
Figura 63	Sinal REDE em LTS, Parte 1 e Parte II	124
Figura 64	Sinal ÔNIBUS em LIBRAS	125
Figura 65	Sinal ÔNIBUS em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	125
Figura 66	Sinal GORDO em LIBRAS	126
Figura 67	Sinal GORDO em LTS, Parte I e Parte II	127
Figura 68	Sinal MAGRO em LIBRAS	127
Figura 69	Sinal MAGRO em LTS	128
Figura 70	Sinal RÁPIDO em LIBRAS	128
Figura 71	Sinal RÁPIDO em LTS, Parte I e Parte II	129
Figura 72	Sinal AZEDO em LIBRAS	129
Figura 73	Sinal AZEDO em LTS, Parte I e Parte	130
Figura 74	Sinal OLHO em LIBRAS	131
Figura 75	Sinal OLHO em LTS	131
Figura 76	Sinal CORPO HUMANO em LIBRAS	132
Figura 77	Sinal CORPO HUMANO em LTS, Parte I e Parte II	132
Figura 78	Sinal SANGUE em LIBRAS	133
Figura 79	Sinal SANGUE em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV	134
Figura 80	Sinal DANÇA KIPAÉ, Parte I, Parte II e Parte III	135
Figura 81	Sinal HI-HI, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV	136
Figura 82	Sinal PINTURA CORPORAL, Parte I, Parte II e Parte III	137
Figura 83	Sinal DORMIR	141
Figura 84	Sinal CAMA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V	142
Figura 85	Sinal MESA DE ESTUDOS, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V	143
Figura 86	Sinal MESA DE COZINHA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV, Parte V e Parte VI	145
Figura 87	Sinal FUTEBOL Parte I, Parte II e Parte III	148
Figura 88	Sinais MECÂNICO e ONÇA PINTADA em LIBRAS	149
Figura 89	Sinais FARMÁCIA e FRUTAS em LIBRAS	150
Figura 90	Sentença COPO (EU) DAR VOCÊ (eu dou copo para você), em LTS	151
Figura 91	Sentença GARRAFA CAFÉ (EU) DAR VOCÊ (eu dou a garrafa de café para você) em LTS	152
Figura 92	Incorporação de numeral definido ao sinal MÊS	154
Figura 93	Incorporação de numeral definido ao sinal HORA	154

Figura 94	Incorporação de numeral definido ao sinal SEMANA	154
Figura 95	SINAL GOSTAR em LTS	155
Figura 96	SINAL NÃO-GOSTAR em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV	155
Figura 97	Sinal NÃO-SABER em LTS	157
Figura 98	Sentença COPO DAR VOCÊ (eu dou copo para você) em LTS	150
Figura 99	Sentença GARRAFA CAFÉ (EU) DAR VOCÊ (eu dou a garrafa de café para você)	159
Figura 100	Pronomes interrogativos usados na LIBRAS	165
Figura 101	Sinal ONDE em LTS, Parte I e Parte II	166
Figura 102	Sinal COMO em LTS, Parte I e Parte II	167
Figura 103	Sinal POR QUE em LTS, Parte I e Parte II	168
Figura 104	Sinal ONTEM em LIBRAS	171
Figura 105	Sinal AMANHÃ em LIBRAS	171
Figura 106	Sinal FUTURO em LIBRAS	172
Figura 107	Sinal PASSADO em LIBRAS	172
Figura 108	Sinal ONTEM em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	173
Figura 109	Sinal AMANHÃ em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	174
Figura 110	Sinal PASSADO em LTS, Parte I e Parte II	175
Figura 111	Sinal FUTURO em LTS, Parte I e Parte II	176
Figura 112	Sinal CACIQUE em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	182
Figura 113	Sinal ALDEIA CACHOEIRINHA em LTS, Parte I, Parte II e Parte III	183
Figura 114	Sinal PROFESSOR em LIBRAS	184
Figura 115	Sinal PROFESSOR em LTS	185
Figura 116	Sinal PEDRA em LIBRAS	185
Figura 117	Sinal PEDRA em LTS	186
Figura 118	Sinal CANTAR em LIBRAS	186
Figura 119	Sinal CANTAR em LTS	187

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL American Sign Language
CM Configuração de Mão
EF Expressão Facial
ENM Expressões Não-Manuais
EUA Estados Unidos da America
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
L Locação
LFS Língua Francesa de Sinais
LIBRAS Língua Brasileira de Sinais
LO Língua Oral
LS Língua de Sinais
LSB Língua de Sinais Brasileira
LSK Língua de Sinais Kaapor
LSKB Língua de Sinais Kaapor Brasileira
M Movimento
MS Mato Grosso do Sul
Or Orientação da Mão
PA Ponto de Articulação
PISL Plains Indian Sign Language
SKA Sinais Kaingang da Aldeia
TI Terra Indígena
UEMS Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFSCAR Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

Introdução	13
1 APRESENTANDO O POVO TERENA	20
1.1 Demografia e localização	20
1.2 História e cultura	21
1.3 Etiologia da surdez dos surdos terena	25
1.4 A educação dos surdos terena	27
1.5 Acerca dos aspectos culturais terena	28
1.6 A língua oral terena	32
1.7 Conclusões sobre os terena e sua relação com essa pesquisa	34
2 AS LÍNGUAS DE SINAIS COMO LÍNGUAS	35
2.1 Línguas de sinais secundárias	35
2.2 Relembrando: línguas de sinais são línguas	37
2.3 Parâmetros morfológicos/fonológicos das línguas de sinais	44
2.4 Línguas ou possíveis línguas de sinais brasileiras	48
2.5 Conclusões iniciais sobre línguas de sinais	50
3 DISCUSSÃO METODOLÓGICA	52
3.1 A pesquisa etnográfica	52
3.2 A importância do trabalho de campo	53
3.3 Método de trabalho	64
3.4 Informantes surdos terena	66
3.5 Conclusões sobre a discussão metodológica	72
4 A FONOLOGIA DE LÍNGUAS ORAIS E DE LÍNGUAS DE SINAIS	73
4.1 Definição de língua, a língua terena de sinais e a fonologia de línguas orais	73
4.2 Análise fonêmica de uma língua de sinais	78
4.3 Fonologia de Línguas de Sinais	79
4.4 Exemplos de pares mínimos	85
4.5 Exemplo de um par análogo	91
4.6 Conclusões iniciais sobre o estudo fonológico da língua de sinais usada pelos terena	92
5 ANÁLISE LEXICAL E GRAMATICAL DOS SINAIS USADOS PELOS TERENA	93
5.1 Sinais da LIBRAS em oposição aos sinais dos terena	95
5.2 Sinais do campo lexical “animais”	96
5.3 Sinais do campo lexical “numerais”	101
5.4 Sinais do campo lexical “cores”	104
5.5 Sinais do campo lexical “parentesco”	109
5.6 Sinais do campo lexical “natureza”	113
5.7 Sinais do campo lexical “verbos”	117
5.8 Sinais do campo lexical “artefatos”	121
5.9 Sinais do campo lexical “nomes”	126
5.10 Sinais do campo lexical “partes do corpo”	131
5.11 Sinais de elementos “culturais”	135
5.12 Conclusões sobre a análise lexical e gramatical dos sinais usados pelos terena	138
6 MORFOLOGIA	140
6.1 Processos de formação de palavras	140
6.2 Incorporação de informação léxico-sintática	150

6.3 Incorporação de numeral	153
6.4 Incorporação de negação	155
6.5 Conclusões sobre a morfologia	161
7 SINTAXE	162
7.1 Sintaxe Espacial	162
7.2 Marca de referente no espaço de sinalização	163
7.3 Espaço de sinalização em línguas de sinais diferentes	164
7.4 Formação de sentenças interrogativas	165
7.5 Conclusões sobre a sintaxe	169
8 SEMÂNTICA	170
8.1 Exemplos: sinais que expressam conceitos temporais	171
8.2 Conclusões sobre a semântica da língua terena de sinais	177
9 CONTRIBUIÇÕES	178
9.1 Configurações de Mão da língua terena de sinais e sua relação com grafocentrismo	178
9.2 Seriam os sinais criados pelos terena “sinais caseiros”?	188
9.3 Sobre verbos e nomes nas línguas de sinais	195
9.4 Conclusões sobre as contribuições	196
CONCLUSÃO	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199

INTRODUÇÃO

A pesquisa que originou este trabalho foi motivada por sua contribuição no âmbito social. Feita a pedido da própria comunidade, que mostrou interesse pelo tema, e mostrou não ter condições de análise a partir de um membro da própria comunidade, ou seja, um nativo (por nenhum membro possuir formação linguística). Os informantes fazem parte de uma ou mais minorias (indígenas e também indígenas surdos). Tendo em vista que, quando uma língua não é estudada, valorizada, preservada, conhecimentos de diversos ramos se perdem (como conhecimentos biológicos, farmacêuticos, culinários, dentre outros), além de identidades que são marcadas e permeadas pela linguagem, um trabalho como este contribui não só para a sociedade indígena na qual a língua está localizada, mas também para a sociedade em geral. Assim, a análise fonológica, morfológica e de outros níveis da língua feita sobre o sistema de comunicação entre surdos e ouvintes terena¹ comprovou que ele constitui uma língua, ou seja, que faz parte de uma cultura, de uma identidade compartilhada entre essas pessoas, que difere da cultura e identidade de surdos que usam a língua brasileira de sinais (doravante LIBRAS) na área urbana brasileira, por exemplo. O trabalho tinha o objetivo de analisar os sinais usados pelos surdos terena para estabelecer comunicação com seus familiares e amigos, buscando saber se eles constituíam uma língua, e, caso constituíssem, se seria autônoma (não uma variedade da LIBRAS). Seu resultado trouxe uma visão mais ampla e um conhecimento concreto da língua terena de sinais para ouvintes da própria comunidade terena (uma comunidade indígena grande, com mais de 4.000 pessoas apenas na TI Cachoeirinha), e não só para a comunidade científica.

Esta pesquisa também apresenta contribuição no âmbito científico: feita sob interesse da comunidade acadêmica, a pesquisa revelou características linguísticas de uma língua nunca antes estudada. A pesquisa linguística de línguas de sinais é algo muito recente, bem como a pesquisa de línguas indígenas, no Brasil (antes feita geralmente por missionários, gerando listas de palavras, só recentemente feitas de maneira sistemática, por linguistas). Assim, este trabalho contribui academicamente no sentido de trazer uma proposta de metodologia, ao estudar mais do que uma língua indígena ou uma língua de sinais, uma língua indígena de sinais. Também traz contribuição com uma proposta de método de análise fonológica de línguas de sinais, ou seja, línguas de uma modalidade diferente (modalidade visual ou viso-gestual, e não oral

¹ Os nomes de povos indígenas não recebem marca de plural, seguindo convenção internacional dos etnólogos.

auditiva). Esse tipo de análise, logicamente, se faz de maneira diferente da análise de línguas orais, e vem sendo desenvolvida muito recentemente. Esta tese pode auxiliar pesquisadores da área que objetivem estudar a origem, a história e a estrutura das línguas de sinais no Brasil e no mundo, a aquisição de língua de sinais e os efeitos da idade em que a língua de sinais é aprendida, e também o processamento psicolinguístico de línguas de sinais.

Assim, este trabalho de doutorado não só cumpre com a obrigação de ser um trabalho que traz ineditismo em seu tema (a determinação de uma língua até então desconhecida, como um sistema linguístico autônomo), mas também em sua metodologia e seus resultados.

Esta pesquisa foi desenvolvida em um contexto de preocupação com a preservação de comunidades indígenas, com línguas que correm risco de extinção. Rodrigues (2002, p.14), que desenvolveu um extenso trabalho sobre línguas indígenas brasileiras, divulgou dados numéricos aproximados há vinte anos, que revelavam já uma situação alarmante:

Há apenas uma língua com pouco mais de 30.000 falantes, duas entre 20.000 e 30.000, outras duas entre 10.000 e 20.000, três entre 5.000 e 10.000, 16 entre 1.000 e 5.000, 19 entre 500 e 1.000, 89 de 100 a 500 e 50 com menos de 100 falantes. A metade destas últimas, entretanto, tem menos de 20 falantes. Em resumo: das 180 línguas apenas 24, ou 13%, têm mais de 1000 falantes; 108 línguas, ou 60%, têm entre 100 e 1000 falantes; enquanto que 50 línguas, ou 27%, têm menos de 100 falantes e metade destas, ou 13%, têm menos de 50 falantes [...]. Em qualquer parte do mundo línguas com menos de 1000 falantes, que é a situação de 87% das línguas indígenas brasileiras, são consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção e necessitadas, portanto, de pesquisa científica urgentíssima, assim como de fortes ações sociais de apoio a seus falantes, que como, comunidades humanas, estão igualmente ameaçados de extinção cultural e, em não poucos casos, de extinção física.

Mais recentemente o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pontua que apenas 37,4% dos 896.917 brasileiros que se declararam como índios falam a língua de sua etnia e somente 17,5% desconhecem o português. Assim, conclui-se que só uma minoria dos indígenas brasileiros tem acesso a conhecimentos históricos de seu povo por meio de sua língua nativa.

Rodrigues (2002) lembra que é preciso preservar nossas línguas nativas por meio de demarcações de áreas indígenas, mudanças na educação escolar indígena, com um ensino bilíngue: da língua portuguesa e da língua da respectiva etnia e, logicamente, o incentivo a pesquisas científicas com fortes ações sociais de apoio aos falantes. Os terena mostram preocupação com a valorização e a preservação de sua(s) língua(s) e sua(s) cultura(s), como veremos a seguir. Eles moram em áreas indígenas demarcadas e estão lutando pela recuperação de mais terras. Já fizeram mudanças nas práticas educativas das escolas na TI Cachoeirinha, onde é feito o ensino bilíngue (em terena língua oral e língua portuguesa). Os terena também recebem linguistas, como Denise Silva, que pesquisam a gramática da língua oral e

desenvolvem estudo lexicográfico, atuando a favor da língua e da história dos terena. Entretanto, ainda há muito a ser feito. A língua terena de sinais, por exemplo, não havia sido ainda estudada.

Uma pesquisa como esta possibilita o início de outras ações sociais, como a elaboração de vocabulário e material didático específico voltado para a educação de surdos terena. Também pode incentivar outras pesquisas sobre línguas indígenas de sinais, e pode tornar mais conhecidas comunidades muitas vezes desconhecidas, que até hoje são tidas por muitos como iletradas, incultas. Tem a capacidade de desconstruir essas ideias preconcebidas à medida que comprova que índios surdos brasileiros têm uma língua própria, uma cultura particular, uma riqueza imaterial tangível por meio da pesquisa científica.

Antropólogos, linguistas e outros estudiosos têm debatido a necessidade e urgência de se documentar línguas e o patrimônio imaterial em geral de povos indígenas. Esse é um tema complexo porque, ao mesmo tempo em que os povos indígenas sentem a necessidade de manter alguns segredos tradicionais somente entre seus descendentes, também sentem de forma crescente a necessidade de registrar de maneira definitiva e correta as suas tradições, para que não se percam com o advento do contato cada vez mais constante com o branco. Gallois (2008, p.16) esclarece:

[...] muitos estudiosos do patrimônio imaterial indígena defendem a necessidade e mesmo a urgência de sua documentação, apresentando outra indagação: o conhecimento tradicional é mais bem preservado quando mantido sob segredo, ou reservado para uso exclusivamente local? Ou ele se fortalece quando é mostrado, explicado, traduzido e defendido com a ativa participação de seus detentores nas ações de difusão? O número crescente de publicações, de exposições, de *websites*, etc, criados ou mantidos por indígenas revela seu interesse na apropriação de novas mídias para expressar suas particularidades culturais. De acordo com Kurin (4), defender sua cultura consiste em perceber que "se o mundo no qual estou vivendo se ampliou, ainda tenho meu próprio lugar nesse mundo". Os inventários, nessa perspectiva, abrem espaço às culturas indígenas no mapa das culturas do mundo. Mas, por si só, não garantem nem a sobrevivência nem a continuidade de uma prática cultural.

No caso desta pesquisa, uma falante² da língua terena de sinais se mostrou preocupada com a preservação da língua (tendo em vista que ela mesma se deu conta de que poucas pessoas a utilizam e algumas delas são bastante influenciadas pela LIBRAS), tomando a iniciativa de buscar um linguista para estudá-la, uma vez que é pedagoga, sem formação linguística. Entretanto, como ressaltou Gallois, o estudo linguístico isoladamente não vai garantir a preservação de alguma língua. Se é verdade que estudos linguísticos, documentários, livros didáticos e outros materiais não garantem a continuidade de uma língua, por que a comunidade

² Embora uma língua de sinais não seja sonora, obviamente, é uso corrente na área o termo "falante" para designar os seus usuários.

científica e mesmo leigos devem se preocupar com essas línguas em risco de extinção? Pinker (1994, p. 260) vai dizer:

Why should people care about endangered languages? For linguistics and the sciences of mind and brain that encompass it, linguistic diversity shows us the scope and limits of the language instinct. Just think of the distorted picture we would have if only English were available for study!³

Assim, devemos lembrar que cada língua reflete um modo de ver o mundo, um modo diferente de pensar. Se perdemos uma língua, perdemos possibilidades, perdemos a capacidade de criar, imaginar, pensar de um modo novo e talvez até mais adequado para uma dada situação. A língua estudada no presente trabalho mostra um modo de ver indígena e também um modo de ver surdo que se entrelaçam, se encontram e se complementam.

Por se tratar de uma língua desconhecida pela ciência e mesmo em parte ignorada pela comunidade de fala, também era essencial estudar a língua terena de sinais, descrevê-la adequadamente, para que no futuro possam existir materiais didáticos, dicionários e outros materiais úteis à comunidade nessa língua. Não é possível construir nenhum material educativo sobre uma língua se primeiro sua gramática não for profundamente analisada. Atualmente temos visto projetos voltados para a inclusão de surdos e indígenas na educação, mas ainda falta apoio (financeiro, logístico, político) para pesquisas linguísticas que possam gerar o conhecimento necessário para esse objetivo.

Grande parte de nossa população desconhece a LIBRAS, que, contudo, é uma língua falada por milhares de pessoas no país. Diante disso, pode-se compreender que as línguas indígenas de sinais sejam, portanto, muito mais raramente conhecidas. Se a língua de sinais da área urbana sofre preconceitos até hoje, muito mais sofrem as indígenas. Portanto, um trabalho como este, que analisa uma língua indígena de sinais como analisaria qualquer outra (oral ou visual, indígena ou não), com os mesmos métodos e preocupação científica, pode ratificar seu valor perante a sociedade.

Esta pesquisa foi feita com o objetivo de analisar os sinais usados pelos surdos terena para estabelecer comunicação com seus familiares e amigos, buscando saber se eles são sinais caseiros ou se constituem uma variedade da LIBRAS ou uma língua autônoma. Para isso, foi necessário estudar a história do povo terena e as línguas faladas por esse povo. Foi necessário também conhecer outras línguas de sinais, e a realidade dos informantes dessa investigação. Foi

³ “Por que deveríamos nos preocupar com línguas em risco de extinção? Para a linguística e as ciências da mente e do cérebro que abrangem estudos linguísticos, a diversidade linguística nos mostra o escopo e limites do instinto para a linguagem. Imagine que figura distorcida teríamos se apenas o inglês estivesse disponível para estudo!”

preciso realizar coletas de dados e a análise destes, baseada nas teorias que serviram de fundamentação para alcançar os resultados esperados.

Na seção I, são apresentados os terena e os lugares onde vivem. Fala-se sobre sua população, as terras indígenas em que habitam, as línguas que falam, e também de um pouco de sua história e alguns de seus costumes, para que seja possível estabelecer mais facilmente a relação língua-cultura entre a língua terena de sinais e a cultura terena, que inclui os surdos terena. Compreender essa relação é importante para compreender o contexto de que foram extraídos os dados e também a forma como foram analisados.

Na seção II, são explicitadas as bases científicas das pesquisas que comprovam que línguas de sinais são línguas, não mímica, um conjunto de gestos ou pantomima, como se acreditava até recentemente, quando foram publicados os estudos pioneiros de Stokoe (em 1960). Compreender que línguas de sinais são línguas naturais, assim como as línguas orais, é essencial para se aprofundar nos estudos gramaticais de uma língua de sinais, como este. Também são citadas nessa seção as línguas ou possíveis línguas indígenas de sinais do Brasil, que estão sendo estudadas contemporaneamente.

Na seção III são identificados os informantes surdos da pesquisa e os trabalhos de campo são comentados. Existe uma polêmica entre estudiosos de línguas indígenas, que se perguntam se os informantes de uma pesquisa devem ser identificados ou não nos trabalhos científicos. Certamente há uma preocupação com a privacidade de cada informante. Entretanto, parece existir um consenso no sentido de que de alguma maneira os informantes devem ser reconhecidos como donos dos saberes sobre aquela língua que expuseram, que compartilharam. Apesar do conhecimento científico que o torna capaz de coletar e analisar dados ser, geralmente, apenas do pesquisador, seu trabalho não seria possível se seus informantes não o recebessem em suas casas e expusessem a sua língua. No caso das línguas de sinais, ainda existe uma questão extra a se acrescentar no debate: a imagem dos informantes aparece obrigatoriamente nos trabalhos, quando são apresentados os dados, por uma questão de modalidade linguística (porque as línguas de sinais são visuais). Então, de qualquer maneira, o informante será revelado, ainda que seu nome não seja citado. Portanto, neste trabalho, são colocadas as imagens e o primeiro nome dos informantes, como forma de referenciá-los cientificamente e socialmente, como fornecedores dos dados da pesquisa. Os trabalhos de campo que foram feitos são citados e comentados, uma vez que constituem parte essencial da pesquisa. Eles contextualizam, também, a coleta e análise de dados entre os terena.

Na seção IV consta o referencial teórico utilizado sobre fonologia. Recentemente

diversos trabalhos sobre fonologia da LIBRAS e outras línguas de sinais têm sido feitos, trazendo contribuição para a linguística em geral, dialogando com a fonologia de línguas orais. Com certeza, por ser uma área de estudos muito recente, os pesquisadores enfrentam diversos desafios em suas análises. Entretanto, o objetivo de dialogar com os estudos de línguas orais tem sido atingido, com novos métodos de coleta e análise de dados sendo descobertos. Também nesta seção se encontra a análise fonológica dos dados.

Na seção V são explicitadas as diferenças entre sinais da língua de sinais criada pelos terena e os sinais da LIBRAS. Essa comparação é feita com o objetivo de mostrar características gramaticais (configuração de mão, movimento e locação) específicas da língua de sinais terena, que apontam, segundo estudos léxico-estatísticos, para a autonomia desta. São discutidos, especialmente, os sinais para numerais e sinais para cores da língua terena de sinais. Esses campos lexicais chamam a atenção de linguistas por estudos terem mostrado que palavras para numerais e cores existem em todas as línguas do mundo, ou seja, são universais linguísticos. Pesquisas sobre línguas de sinais, como esta, podem trazer novas discussões e contribuições para a linguística nesse sentido.

Na seção VI são abordados alguns aspectos morfológicos da língua terena de sinais, como a formação de novas palavras. Assim como acontece em línguas orais e em outras línguas de sinais, a língua terena de sinais possui sinais que são formados pela junção de dois sinais diferentes ou de partes desses sinais. Também são discutidos tópicos como incorporação de informação léxico-sintática, incorporação de numeral e incorporação de negação nas línguas de sinais, com exemplos da língua terena de sinais.

Na seção VII trato de sintaxe, especialmente sintaxe espacial. Essa seção mostra o uso da apontação como parte da gramática das línguas de sinais, o uso do espaço de sinalização e também o uso de interrogativos, sinais que iniciam uma pergunta. São colocados exemplos explicando essas características na língua terena de sinais.

Na seção VIII são abordados de maneira resumida alguns aspectos semânticos presentes na língua terena de sinais. Aponta a existência de conceito de passado, presente e futuro, marcados por sinais criados pelos terena, o que demonstra capacidade de abstração, característica de línguas naturais.

Na seção IX, são apresentadas algumas contribuições que este trabalho trouxe à linguística. Mostro que a criação dos sinais da língua terena de sinais, especialmente no que se refere às configurações de mão, não apresenta influência da escrita da língua oral usada majoritariamente pelo povo, como acontece com a LIBRAS e o português. Como as línguas

indígenas brasileiras são ágrafas, o mais provável é que todas as línguas de sinais do país apresentem essa característica. Sendo assim, este trabalho apresenta contribuição para tipologia de línguas de sinais.

Por fim, estudos sobre os chamados “sinais caseiros” são discutidos e minha dissertação de mestrado (SUMAIO, 2014) é retomada. Os resultados obtidos com esta nova investigação são expostos e a autonomia da língua terena de sinais é evidenciada.

1. APRESENTANDO O POVO TERENA

Procurando entender, pelo menos em parte, o que os terena são hoje, busquei em trabalhos de historiadores, etnólogos, antropólogos, informações valiosas sobre a história, o pensamento, os costumes desse povo, visto que tudo isso influencia e está refletido constantemente em sua(s) língua(s), inclusive a língua de sinais que usam.

Também procurei saber sobre o estado atual da educação dos surdos terena, visto que a maioria dos jovens terena, hoje, recebem educação escolar (seja com educação escolar indígena, na aldeia, ou na cidade, entre os não-indígenas). O fato de alguns desses surdos estudarem na cidade e conviverem com a LIBRAS trouxe questionamentos interessantes a esta pesquisa, como será visto ao longo deste trabalho.

1.1 Demografia e Localização

O povo terena possui língua homônima que faz parte da família linguística Aruak. Esse povo habita em vários territórios indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. O estado de Mato Grosso do Sul abriga a segunda maior população indígena do país, com 65.984 pessoas, divididas em diferentes etnias. Segundo o último censo demográfico (2010) divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a etnia terena é a quinta com maior número de indígenas, por localização do domicílio, contando com 28.845 pessoas, que estão divididas em 17 terras: Água Limpa, Limão Verde, Taunay/Ipegue, Aldeinha, Araribá, Buritizinho, Dourados, Ikatu, Kadiwéu, Lalima, Nioaque, Pilade Rebuá, Umutina, Nossa Senhora de Fátima, Terena Gleba Iriri, Cachoeirinha e Buriti (LADEIRA; AZANHA, 2004). Os povos Aruak habitavam originalmente as Guianas, uma região próxima ao Norte do Brasil, algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas. Eles dividiam seu espaço com outro povo indígena, os Karib. Esses dois povos foram os primeiros a ter contato com os europeus. (BITTENCOURT, LADEIRA, 2000, p.12)

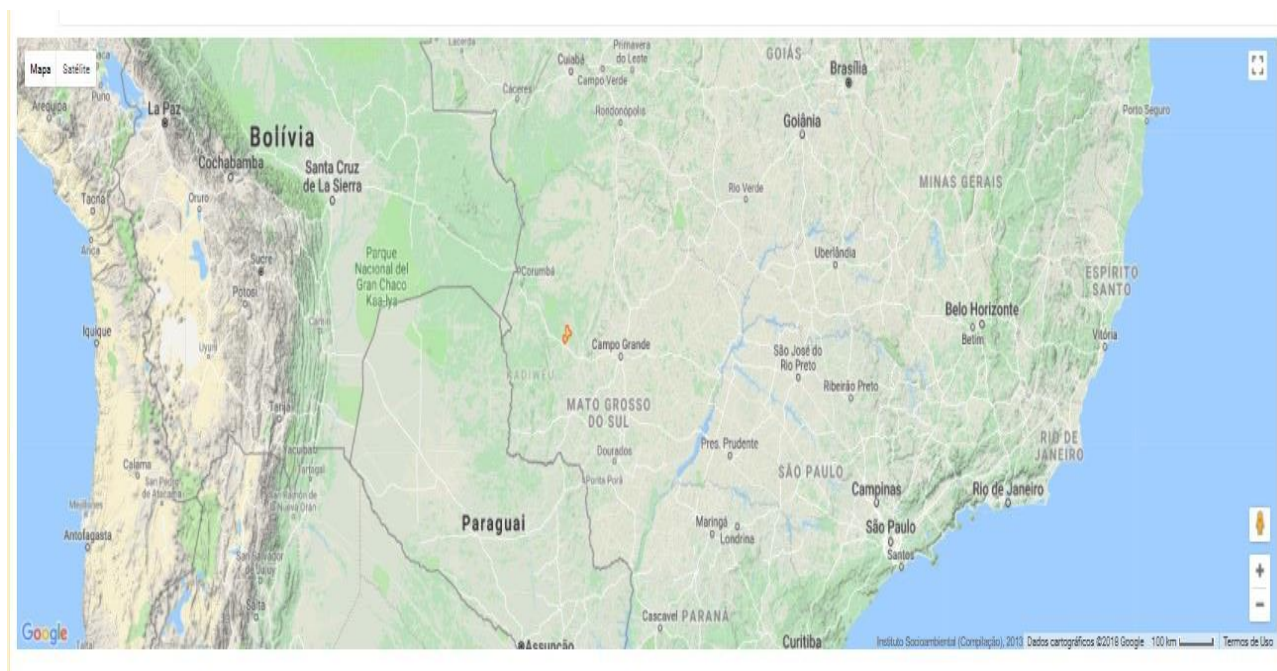
Os grupos Aruak que habitam a região mais ao sul da América são os terena. Os terena habitam a região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do Rio Paraguai, no Mato Grosso do Sul.

Na década de 1930 um grupo terena foi enviado para o estado de São Paulo, para uma área na qual moram índios Kaingang e Guarani (Ñandeva), na região de Bauru (essa reserva

hoje é chamada Terra Indígena Araribá).

Este trabalho foi realizado com informantes surdos e ouvintes da aldeia Cachoeirinha, da aldeia Argola e da aldeia Babaçu. Todas essas aldeias pertencem à Terra Indígena Cachoeirinha, de 4.920 habitantes (Fonte: Instituto Socioambiental, 2010), localizada na cidade de Miranda-MS. A TI Cachoeirinha pode ser vista (marcada em vermelho) no mapa:

Figura 1 - Terra Indígena Cachoeirinha



Fonte: ISA (Instituto Socioambiental), 2010

1.2 História e cultura

Os grupos de família linguística Aruak, além de possuírem a mesma língua de origem, também possuem semelhanças em sua organização social e são tradicionalmente agricultores e conhecedores de técnicas de tecelagem e cerâmica (BITTENCOURT, LADEIRA, 2000, p. 18).

Falando especificamente dos terena, ressalto aqui alguns momentos importantes de sua história. O primeiro momento, destacado pelos historiadores, é a Saída do Exiva (conhecida pelos brancos como Chaco Paraguai). Os terena saíram do Exiva utilizando pequenas embarcações feitas de um tipo de taquara trançada com cipó, ou apoiados em alguns tipos de tronco de árvore. Algumas pessoas amarravam pedaços de tronco na cintura, para poderem transpor o Rio Paraguai. Eles saíram do que é hoje conhecido como Paraguai, fugindo de conflitos com portugueses, espanhóis e outros povos, que ambicionavam extrair ouro e prata

descobertos no local. Esse período é chamado "Período dos Tempos Antigos".

O segundo momento é aquele no qual ocorreu a Guerra do Paraguai. Nesse período, os terena e os guaicuru se uniram aos brasileiros para lutar contra os paraguaios, preservando assim seu território. Quando a guerra acabou, as aldeias terena estavam destruídas, e o povo terena perdeu a maior parte de seu território para brancos que já haviam se tornado proprietários de suas terras com o apoio do governo, para plantar e criar gado. Sem alternativas para garantir sua subsistência, os terena foram obrigados a servir de mão-de-obra barata/escrava para estes fazendeiros. Esse período é chamado "Tempos da Servidão".

O terceiro momento é o da delimitação de reservas terena. Esse momento começou com a chegada da Comissão de Construção das Linhas Telegráficas, cujo chefe era Rondon, no território dos terena, no Mato Grosso do Sul. Esse momento gerou mais proximidade com os *purutuye* (assim são chamados os não-indígenas, pelos terena) e mudanças nos hábitos e costumes dos terena (BITTENCOURT, LADEIRA, 2000, p. 26). Esse período foi nomeado posteriormente de "Situação de Reservas". Contemporaneamente, estamos testemunhando um quarto período, uma quarta etapa dessa história, apresentada pelo pesquisador terena Claudionor do Carmo Miranda, como "Tempo do Despertar" – ou como "Etapa da busca da autonomia", "marcada pela presença dos Terena numa maior integração com a sociedade, nas instituições, na política, nas universidades e, nas grandes mobilizações pela demarcação de seus territórios tradicionais, na perspectiva da autonomia Terena." (MIRANDA, 2006, p. 22).

Podem ser citados alguns exemplos. Realizando os trabalhos de campo pude conhecer Ondina, uma das informantes desta pesquisa e a terena que sempre me recebe em sua casa quando faço pesquisa de campo. Ela é mãe de três filhos surdos, e militante pelos direitos dos surdos terena. Há alguns anos, ela vem organizando encontros de surdos terena e seus familiares, um grande evento para o qual são convidados todos da aldeia Cachoeirinha (local onde ela reside com sua família) e das aldeias vizinhas. São convidados também os ouvintes e surdos *purutuye*, como intérpretes, professores, políticos e outros, das cidades de Miranda, Campo Grande e outras, para que sejam esclarecidos conceitos sobre o surdo terena e debatidos os direitos dele. Ondina e sua família realizam essas ações não somente na ocasião desses encontros, mas também na escola municipal Cacique Timóteo, onde atuava como docente e em outros locais. Ela é um exemplo de como os terena hoje buscam ferramentas e se mobilizam em favor de seus direitos. Hoje podemos encontrar diversos terena atuando na política e na academia. Existe um vereador terena eleito na cidade de Avaí, por exemplo, o cacique de Kopenotí, Edenilson Sebastião (conhecido como Chicão).

Existem diversos jovens terena cursando sua graduação na UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos) e também na UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul) e na UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). Há também pesquisadores terena realizando seu mestrado e doutorado nas áreas de Linguística, Educação, História e outras, como Aronaldo Júlio, da TI Cachoeirinha e a professora Maria de Lourdes Elias Sobrinho (2010), mestre em educação, a pesquisadora Rosa Maria Santana Marchewicks, filha de mãe terena, que fez seu mestrado em Letras na área de linguística, estudando as representações no mundo terena por meio da Análise do Discurso de linha francesa. Eder Alcântara Oliveira também realiza um importante trabalho, estudando aspectos culturais dos terena, em especial a dança Kipaé, ou Dança da Ema, também conhecida por muitos como "Dança do Bate-Pau", apesar de esse nome ser melhor traduzido para o português como "Dança da Ema" (OLIVEIRA, 2016, p. 178).

Existem muitos outros pesquisadores terena que não podem ser citados por falta de mais informações, mas o certo é que seu trabalho certamente mostra uma mudança positiva que aconteceu no meio da sociedade terena, mostra que os terena estão lutando, com todas as armas possíveis (inclusive a pesquisa), por sua liberdade de escolha, de expressão, por seu direito de ser terena.

Entretanto, apesar de os terena se encontrarem em uma situação que parece mais favorável que as anteriores, eles continuam enfrentando antigos problemas. A necessidade de uma demarcação justa de terras é um deles, e o que talvez mais se destaca hoje, tanto pela necessidade ser urgente para eles, quanto pela visibilidade que a mídia dá a ele, mostrando as lutas entre fazendeiros e índios terena (ainda que muitas vezes de maneira deturpada, colocando os brancos como vítimas e os indígenas como marginais, desocupados, arruaceiros que "invadem" a terra daqueles). Júlio e Souza falam sobre isso tratando da terra indígena Cachoeirinha:

Em relação ao território da TI Cachoeirinha, posso afirmar que é o principal problema por nós enfrentado nessa TI . O espaço físico está muito restrito e a população crescendo muito. Para resolver esse problema, só retornando a terra que foi perdida anos atrás. Os governantes não entendem que os povos indígenas estão crescendo, e não mais fadados à extinção. O problema se agrava, envolvendo o índio e não índio, com a polêmica da "Demarcação de terras indígenas", garantida por Lei e assegurada na Constituição Federal de 1988, e até a presente data não se chegou a um entendimento entre a sociedade, governo e ministério público. Com isso, os conflitos aumentam nas aldeias do município de Miranda, se estendendo por todo o território do Estado de Mato Grosso do Sul. (JÚLIO; SOUZA, 2016, p. 7).

Esse momento de tensão política influencia, como se pode imaginar, a situação social, educacional e linguística dos terena. Muitos terena enxergam a língua portuguesa como o melhor instrumento de defesa quando atacados por não indígenas, seja individualmente ou coletivamente. Assim, muitos consideram interessante abandonar sua língua nativa, aprendendo a usar cada vez mais e melhor a língua portuguesa. Esse tipo de conclusão chega até alguns surdos terena, com as devidas adaptações. Em vez de desejarem aprender o português (a língua oral majoritária), desejam aprender LIBRAS (a língua de sinais majoritária do país).

Oliveira (1976, p. 21-22) mostra o importante papel que os terena tiveram na construção e desenvolvimento de áreas urbanas no estado de Mato Grosso do Sul, como nas cidades de Aquidauana e Miranda.

Os Terêna representam, pois, um dos subgrupos Guaná ou Txané que, ao lado de outras tribos desse grande grupo Aruák, aparecem como os índios que mais contribuíram à formação do Sudoeste brasileiro, seja como produtores de bens para o consumo dos primeiros moradores portugueses e brasileiros naquela região, seja como mão-de-obra aplicada nas fazendas que começaram a proliferar depois da Guerra do Paraguai, sem esquecer, ainda, o papel por eles desempenhado naquele conflito, quando foram levados a lutar contra o exército paraguaio.

Os terena, bem como outros subgrupos Guaná, já enfrentaram diversos problemas ao longo de sua história, inclusive ameaças à sua conservação, trazidas à tona não somente por purutuyes (não-índios) como também por outras etnias.

Houve épocas que alguns grupos Guaná tiveram sérios conflitos com os Mbayá-Guaikurú. Segundo Almeida Serra, “Os Uaicurús, sempre errantes, e sempre atrozmente guerreiros, fiados nos seus cavalos, e conhecendo toda a sua força e superioridade sobre as outras nações que os não tem, sempre flagelaram os Guanás com uma guerra de diárias emboscadas, e intempestivos ataques, não sobre suas aldeias, que sempre cercam de estacadas, mas sim estragando-lhes as plantações, e espreitando-os tanto nas suas roças, como quando iam e voltavam delas; ou no campo matando e cativando os que apanhavam em descuido, e em menor número. Estragos e danos que obrigavam os Guanás a pedirem paz, e a deixarem-se chamar seus cativos, dando-lhes voluntariamente parte das suas colheitas, para pouparem o resto, e as mortes que cada ano sofriam”. E assim, os Guaná, “apesar de terem maior número de homens do que os Uaicurús, se viram, para sua conservação, na urgência de comprarem paz e a amizade daqueles seus opressores” (OLIVEIRA, 1976, p.35).

Esses fatos expõem a bravura e capacidade de resistência há muito demonstrada pelos terena. Entretanto, a relação com os Mbayá-Guaikurú trouxe outras consequências. Trouxe uma estigmatização contra o trabalho na roça que acabou sendo reproduzida posteriormente pelos próprios terena, como acontece hoje em relação ao preconceito dos *purutuye* contra a língua e outras características dos terena:

Podemos levantar a hipótese de que graças ao caráter simbiótico das relações Guaná-Mbayá, as parentelas dos caciques Guaná teriam procurado adotar os padrões de conduta dos aliados Mbayá-Guaikurú, por expressarem esses padrões um *status* superior. Não sendo os Mbayá-Guaikurú lavradores – e, sim, coletores e caçadores, e posteriormente, pastores – atribuíam aos seus cativos os trabalhos agrícolas, o que concorria para a estigmatização do trabalho-de-roça, base sobre a qual assentava a sociedade Guaná. E seja dito que essa estigmatização se acha exaustivamente comprovada na crônica sobre aqueles índios. Mais, ainda, nossa hipótese parece se confirmar pela existência de certas modalidades de comportamento, que permanecem bastante vivas nas comunidades Terena de caráter mais arcaico. Em Cachoeirinha, por exemplo, verificamos que as mulheres das famílias tradicionais, i.é., remanescentes do antigo grupo-local, não aprovam o trabalho feminino na roça(...).” (OLIVEIRA, 1976, pp. 43-44)

Todo esse histórico de estigmatização sofrido pelos terena gerou muitas consequências de grandes proporções, como será visto logo a seguir e no decorrer desta tese.

1.3 Etiologia da surdez dos surdos terena

Um desejo frequentemente demonstrado pelos pais de surdos terena é o de saber a causa da surdez de seus filhos. Descobri que eles também sofrem preconceitos, sendo acusados por algumas pessoas de terem feito coisas erradas, e por isso estarem agora recebendo esse “castigo de Deus”. Em minha dissertação de mestrado (SUMAIO, 2014), cito brevemente a etiologia da surdez em geral, mas gostaria de destacar aqui informações encontradas em bibliografia que podem levar a uma resposta sobre a surdez específica dos surdos terena: Oliveira (1976, p.42) fala sobre as antigas técnicas reguladoras de matrimônio entre os Guaná-Terena. Ele explica que existia uma “estratificação tribal em três camadas distintas”:

- Chefes (“grandes” e “pequenos”)
- Povo e
- Cativos

Os descendentes dos chefes deveriam casar-se apenas entre si, e o mesmo acontecia nas outras camadas, sendo proibido o casamento entre pessoas de diferentes classes, exceto quando uma pessoa do “povo” ou dos “cativos” tornava-se um herói de guerra, matando um inimigo. Somente então essa pessoa poderia ser elevada socialmente à camada imediatamente superior à dela (p. 44). Além disso, o autor também cita a “divisão dual, i. é., duas metades também endogâmicas” que dividiam “o grupo em Xumonó e Sukirikionó” (OLIVEIRA, 1976, p. 45).

Uma pessoa que fosse do grupo dos Xumonó não poderia, então, casar-se com alguém dos Sukirikionó. Depois de determinada época, porém, essa divisão passou a aparecer somente

“em sua forma cerimonial”. (OLIVEIRA, 1976, p. 45)

O etnólogo escreve, ainda, sobre outras características da estrutura social que devem ser apontadas neste trabalho:

O primeiro se refere à ênfase dada pela tribo na solidariedade do grupo de irmãos e irmãs, obedecendo ao princípio de unidade de grupo de sibling, formulado por Radcliffe-Brown. Analisando-se a terminologia de parentesco dos Terêna, por exemplo, iríamos verificar que os termos usados para irmãos (ãs)- seja Ego masculino ou feminino – são extensivos aos primos paralelos e cruzados. A consequência seria a impossibilidade do matrimônio no grupo de sibling, i.é, entre os parentes consanguíneos da geração de Ego, o que constitui uma técnica a mais; além das metades e das camadas, na regulamentação do matrimônio. Isso, aliás, nos permite classificar de “Havaiano” o sistema de parentesco Guaná-Terêna, de acordo com Murdock, e compreender quão difícil era para a estrutura social tradicional sobreviver, uma vez que ela atomizava o grupo de sorte a impedir ou dificultar sobremaneira o casamento no grupo-local. Isso levava, naturalmente, a uma exogamia de grupo-local, vigente enquanto era possível o contato regular entre as antigas aldeias. Com a Guerra do Paraguai (...) destruídas essas aldeias e seus habitantes espalhados pelas fazendas que começaram a surgir em grande quantidade, a antiga estrutura não encontrou mais condições para sua sobrevivência. Restaria acentuar ainda a respeito do matrimônio – o seu caráter monogâmico, combinado com poliginia, inclusive em sua forma sororal. (OLIVEIRA, 1976, p. 46)

Isso pode explicar, provavelmente, a surdez entre os terena. Essa surdez pode ter sido causada devido a genes recessivos que foram combinados nos casamentos endogâmicos, assim como aconteceu com o grupo beduíno Al-Sayyid e com a comunidade de Martha’s Vineyard (SOUZA; SEGALA, 2009, p. 35).

Walsh et al. (2006) relatam, por exemplo, algumas tradições de casamento que são recorrentes no oriente médio. Eles dizem que a história demográfica do oriente médio levou a muitas comunidades endogâmicas. Segundo os autores, por mais de 5.000 anos até os tempos atuais, as costas orientais do Mediterrâneo têm vivido o contexto da imigração de povos oriundos de uma ampla variedade de culturas. Ainda segundo Walsh et al. muitas vezes as vilas foram constituídas por algumas famílias estendidas e, mesmo com sua proximidade geográfica, continuaram demograficamente isoladas. De acordo com os autores, há séculos os matrimônios têm sido arranjados dentro das famílias estendidas nessas aldeias, o que gerou um alto nível de consanguinidade e, conseqüentemente, altas frequências de caracteres recessivos como o da surdez congênita (WALSH ET AL., 2006, p. 203).

Até hoje acontecem casamentos entre “irmãos” (os terena usam às vezes a palavra irmão, querendo dizer, com isso, “primo”) na aldeia Cachoeirinha. Esse fato, provavelmente, portanto, foi o que gerou e ainda pode gerar um alto índice de surdez entre os terena.

1.4 A educação dos surdos terena

Outro desejo dos pais dos surdos terena é que as escolas indígenas das aldeias pesquisadas possam ter condições de receber estes para ali estudarem. Os próprios professores terena possuem esse desejo, revelado em diversos momentos. Tenho constatado, assim como outros pesquisadores, que os professores das escolas indígenas terena têm se munido cada vez mais de informações, e reivindicado seus direitos perante o governo do Estado. Um exemplo disso é a tese de Vargas (2011, p. 20-21), que pontua:

Na situação contemporânea as relações e as reivindicações dos Terena junto ao Estado brasileiro permanecem, porém seus interesses se modificaram. Os antigos “agradados” e os “brindes”, que costumavam ser distribuídos pelos militares e administradores da DGI no século XIX e pelo SPI no início do século XX, não mais são almejados pelos indígenas. Afinal, os índios negociam, conforme suas necessidades e atualmente, elas consistem, em recuperar os territórios perdidos e conquistar melhores condições de educação e de saúde. Nesse sentido, os professores indígenas estão contribuindo diretamente para a ampliação das discussões em busca de seus direitos. Eles são os responsáveis pelo fortalecimento da escola indígena, que se revela como uma nova referência, a partir da qual as aldeias formulam suas reivindicações, constituindo-se como um novo mecanismo apropriado pelos índios para fortalecê-los. Dessa maneira, tornam-se cada vez mais organizados e conscientes de sua história, tanto aquela aprendida com os mais velhos, como aquela adquirida junto às universidades, registrada pelos não índios.

Minha dissertação de mestrado (SUMAIO, 2014), por exemplo, deu margem para estudos sobre a educação dos surdos terena e de outros surdos indígenas do estado do Mato Grosso do Sul (BRUNO; COELHO, 2016). Bruno e Coelho tratam dos sinais criados por surdos indígenas de Mato Grosso do Sul, refletindo sobre a influência de seu uso na sua cosmovisão e, conseqüentemente, na compreensão ou não do que aprendem na escola não-indígena. Assim como afirma Vargas, espero que os próprios professores terena possam se utilizar de trabalhos científicos como a presente tese para que um dia seja possível a educação formal desses surdos utilizando e respeitando seus sinais próprios.

D’Angelis (2008) considera que o ensino escolar gera perda de vitalidade das línguas indígenas no Brasil Meridional. A educação escolar indígena (que se difere da educação indígena, a educação tradicional passada de geração em geração entre os povos indígenas) sempre foi planejada e executada pelo Estado de maneira que privilegiasse o estudo e uso da língua portuguesa e dos costumes não-indígenas, segundo o pesquisador. Essa é uma realidade entre vários povos indígenas, não apenas da região sul do país, inclusive entre os terena. Em contrapartida, o linguista defende que o desenvolvimento da escrita em língua indígena (que geralmente ocorre em programas escolares) pode ser um dos principais instrumentos de

fortalecimento dessas línguas. Entretanto, a estruturação de uma educação escolar feita em uma língua indígena de sinais pode ser muito mais complexa, visto que línguas de sinais geralmente não possuem sistema de escrita (e é esse o caso dos terena).

Algumas comunidades surdas recentemente estão adotando o Sign Writing, um sistema de escrita criado originalmente para registrar passos de dança, como sistema de escrita de suas línguas de sinais. Esse sistema, entretanto, parece precisar ainda de bastante desenvolvimento, contando com estudos de linguistas e das comunidades surdas. De fato, esse sistema ainda causa bastante estranhamento entre utentes de línguas de sinais e é conhecido de poucas pessoas, por ser recente. Também existem pesquisas no Brasil para desenvolvimento de um sistema de escrita de línguas de sinais, o ELIS (Escrita das Línguas de Sinais), criado pela pesquisadora Mariângela Estelita de Barros (BARROS, 2016). Este sistema, entretanto, foi desenvolvido recentemente e está em fase de implantação. Assim, para realizar uma efetiva educação escolar indígena dos surdos terena seria, talvez, necessário elaborar um projeto totalmente voltado para uma educação visual, com registros por meio de fotos e vídeos, por exemplo, na língua terena de sinais e na LIBRAS, como segunda língua, independente de escrita, na medida do possível.

Vilhalva observa que o Ministério da Educação ainda “não desenvolveu nada específico para o índio surdo, pensando em outra língua usada que não fosse a LIBRAS” (VILHALVA, 2012, p. 79). O presente trabalho aponta que há outras línguas de sinais sendo utilizadas no Brasil e os terena, com o apoio em especial dos agentes de educação, devem exigir do governo a ampliação das suas possibilidades nesse sentido, construindo, por exemplo, novos projetos político-pedagógicos.

1.5 Acerca dos aspectos culturais terena

Baldus diz que cultura, no sentido que lhe dão os etnólogos, é a expressão harmônica total do sentir, pensar, querer, poder, agir e reagir de uma unidade social, expressão que nasce de uma combinação de fatores hereditários, físicos e psíquicos com fatores coletivos morais, e que, unida ao equipamento civilizador (instrumentos, armas etc), dá à unidade social a capacidade e a independência necessárias à luta material e espiritual pela vida. Um dos problemas principais da etnologia é estudar a mudança contínua desta expressão e as causas dessa mudança. (BALDUS, 1979, p. 1)

O pesquisador também afirma que

o trabalho etnológico é a compreensão fenomenológica da “personalidade cultural”

(Thurnwald) de um povo, isto é, não somente dos aspectos de sua cultura, mas ainda das particularidades de toda sua função cultural. A etnologia não visa determinadas leis e valores, como o fizeram, por exemplo, a teoria da evolução e a chamada sociologia “formal” ou “pura”; não usa tampouco da dedução, porque esta conduziria a hipóteses. Pela indução, a etnologia reconhece que a **necessidade** e o **indivíduo condutor** (Notwendigkeit und führendes Individuum) são, antes de tudo, as forças que constroem a cultura (BALDUS, 1979, p. 2-3).

Assim, os falantes de língua de sinais terena, em especial os surdos (por viverem em um mundo visual, e não auditivo), foram observados como aqueles que, desde a idade comum para a aquisição da linguagem, tiveram a necessidade de usar uma língua, e que, portanto, eram prováveis condutores desse fato (a criação de uma língua de sinais original, criada pelos terena).

Baldus descreve o “Apatxirú”, a derrubada de árvores feita pelos Tapirapé, e fala sobre como os tapirapé e outros indígenas encaram o trabalho (BALDUS, 1979, p. 51-56). O trabalho não é caracterizado pela monotonia e repetição como é geralmente entre os não-índios. Segundo o etnólogo, eles se dedicam totalmente à atividade que julgarem mais necessária naquele momento, até a exaustão, e depois descansam o quanto for preciso. O autor diz que alguns desavisados podem ver o índio descansando um ou dois dias na rede sem saber que veio de uma derrubada de árvores enormes ou de uma caçada de dias e pensar que ele é preguiçoso, ou ainda observar uma mulher de um povo já influenciado/prejudicado pelo branco cozinhando, tecendo e fazendo outras atividades consideradas como atividades de mulheres naquele povo e ver o homem parado, logo julgando-o também como preguiçoso, sem entender que ele não tem mais condições de exercer as atividades de antes, atribuídas a seu papel na comunidade (pelas mudanças trazidas pelo branco, como a produção em massa, os instrumentos de ferro e, no caso dos terena, a interferência também em seu ambiente natural, como a falta de rios, a falta de terras e excesso de pragas, o que impossibilita a pesca e o cultivo, lembrando que os terena foram tradicionalmente um povo coletor e agricultor).

O autor resume uma situação visível entre os terena até hoje:

O índio arrancado da sua cultura e impelido para nossa civilização encontra-se numa situação semelhante à do lavrador ou trabalhador industrial europeu, cuja atividade se tornou supérflua graças à introdução de novas máquinas. Em ambos os casos, a mudança do processo de produção diminuiu o trabalho manual, sem abrir aos forçosamente ociosos novo campo para o emprego das suas capacidades tradicionais e adquiridas. A força vital do homem, assim inibida, pode tomar dois caminhos: revoltar-se contra o impedimento ou exaurir-se diante dele. Por meio da revolta contra o processo mudado da produção em sua unidade social, a força vital do indivíduo pode recuperar plena atividade, mas só à custa da força vital da própria unidade social a cuja atividade ela se opõe. Este caminho significa, pois, a luta social, a fragmentação da unidade social em partes contrárias; e é possível, no caso do lavrador, ou trabalhador industrial europeu, porque este só representa determinado grupo dentro da sua unidade social, sendo, como é, uma parte do total. É impossível, porém, para o índio, porque neste caso toda a unidade social foi tocada pela mudança do processo

de produção de uma maneira que impede a atividade da força vital, sendo a oposição do total contra o total, quer dizer, contra si mesma; e porque, provavelmente, não se pode contar que uma tribo de índios destrua os instrumentos de ferro para poder trabalhar novamente com o cepilho de casca de caracol, com o cinzel de dente de roedor e com o machado de pedra (BALDUS, 1979, p. 54-55).

No caso dos terena, como já dito, não há terra para todos plantarem nas aldeias. Apenas algumas famílias conseguem plantar, e, ainda assim, com dificuldade, pois não há mais sementes no local, e nem sempre eles conseguem adquiri-las. Os habitantes de Miranda não dão a eles empregos. O que resta, muitas vezes, a eles é vender o que foi cultivado a um valor abaixo do valor de mercado, trabalhar na changa (cultivo de cana) sujeitos a condições degradantes ou trabalhar na colheita de maçãs, tendo descontados de seu pagamento a sua hospedagem, passagens e alimentação sem prévio aviso (o que resulta em uma redução drástica do valor combinado a princípio, suficiente para pouco tempo de provisão básica para uma família). É relevante citar também causas de mudança de cultura entre os índios do Brasil. Sobre as causas dessa mudança, Baldus (1979, p. 177) diz:

Entre as causas da mudança de cultura podemos distinguir as que vem de “dentro”, isto é, da própria unidade cultural, e aquelas que vem de “fora”, isto é, são trazidas de outra unidade à unidade cultural em questão. Essas causas podem apresentar-se sob a forma de necessidades ou de indivíduos condutores(...)
Temos que considerar como causas que vêm de “fora”, sob a forma de necessidades, por exemplo, a finalização do estado de guerra e a introdução de instrumentos de ferro, mas também a importação de epidemias e a expulsão do território hereditário para outro, com condições de vida diferentes. Tais causas já se apresentaram para o caso de todos os índios aqui estudados.

Apesar dessas mudanças, existe um movimento, como já citado, no sentido de manter e até mesmo revitalizar costumes terena, valorizando seu todo cultural. Alguns trabalhos acadêmicos comprovam, por exemplo, que o costume de dançar a dança Kipaé ou Dança da Ema, permanece vivo entre os terena, e que diversas crenças e superstições fazem parte do dia a dia deles até hoje (MARCHEWICKZ, 2006), o que também foi observado por mim (SUMAIO, 2014).

Essas mudanças na cultura (que ocorrem em qualquer meio, não só com os terena pelo contato antigo e contínuo com o branco), trazem resultados nas ciências e nas artes. Neste momento, por exemplo, há terena estudando fotografia, produção visual. As fotografias a seguir são amostras desses estudos. Elas foram feitas por alguns jovens cinegrafistas terena da aldeia Babaçu (Edgar Rodrigues e Joeliton da Silva) que também filmaram e fotografaram os dados da coleta de dados desta pesquisa, em 2016.

Figura 2 - Visão da frente da casa de Bebeto, Tainara e Elcio⁴



Fonte: A autora

Figura 3 - Dete, tia de Elcio, Bebeto e Tainara, fazendo hi-hi



Fonte: A autora

⁴ A pesquisadora possui o direito de uso das imagens, mas os fotógrafos continuam possuindo a autoria destas.

Figura 4 - Tainara dando banho em seu filho



Fonte: A autora

Com essa breve revisão de dados sobre sua cultura, é possível compreender o estado atual dos terena, inclusive dos terena surdos. Enfrentando desafios remanescentes de sua história de lutas pela sobrevivência, seja com outros povos ou com não-índios, os terena permanecem adquirindo e produzindo conhecimentos novos, costumes novos e ricos, que permeiam sua cultura de maneira abstrata e concreta, como é o caso de suas línguas.

1.6 A língua oral terena

Como já dito, na década de 30 um grupo terena foi enviado para o estado de São Paulo, na região de Bauru (essa reserva hoje é chamada Terra Indígena Araribá, e está localizada na cidade de Avaí). Assim, a língua terena, como dizem Bittencourt e Ladeira (2000, p. 18), passou a ser falada também nessa região, porém hoje é usada por poucas pessoas, em geral apenas pelos mais velhos, oriundos de aldeias do estado do Mato Grosso do Sul. Os mais jovens em geral têm o português como primeira língua e têm receio de usar a língua terena, devido ao longo histórico de repressão e preconceito sofrido por parte do governo e dos purutuye circunvizinhos, o que é revelado por alguns trabalhos, como o de Adsuara. A pesquisadora relata que

muitas crianças e jovens manifestam a insatisfação sobre terem de dançar durante as festas da aldeia ou mesmo em apresentações na cidade e em outras aldeias, quando geralmente recusam-se a participar dos ensaios e a falar a língua Terena. Segundo membros da comunidade, chegam a dizer por exemplo, “não sou índio, não sei porque vocês ficam aí dançando e falando essa língua” ou ainda “pára de falar essa língua feia” (ADSUARA, 2016, p. 79-80).

Entretanto, uma situação diferente é a da Terra Indígena Cachoeirinha, onde foi realizada esta pesquisa. Silva (2013, p. 27) relata que a língua é amplamente falada na aldeia Cachoeirinha, e menos, na outras aldeias da TI :

A língua Terena é falada por um grande número de indígenas, mas o seu uso e frequência são desiguais nas várias comunidades e terras indígenas. Por exemplo, em Dois Irmãos do Buriti e em Nioaque, são poucas pessoas que a utilizam. Em outras localidades, como Cachoeirinha, em Miranda, a língua é falada por quase toda a comunidade.

A pesquisadora diz ainda que em algumas comunidades apenas os mais velhos conhecem e usam a língua terena, enquanto os mais jovens falam apenas português:

por meio do Projeto de extensão: “Keukapana ra vemo’u e Yakutipapu” e do projeto de pesquisa: “Educação escolar indígena: língua, raça, cultura e identidade”, desenvolvidos nas comunidades da região, com o envolvimento direto de pesquisadores do Departamento de Educação do Câmpus de Aquidauana (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), constatou-se que, em algumas, como, por exemplo, Limão Verde e Ypêgue, os mais velhos conhecem e utilizam a língua, mas a maioria dos jovens e crianças não a utilizam, valendo-se da língua portuguesa para se comunicarem. As comunidades que a utilizam apresentam variações que parecem comuns, se considerarmos que a fala é que a faz viva e real. Por outro lado, a dinâmica da língua e as transformações culturais por que passaram/passam os Terena interferem nessas variações, modificam a língua, inclusive com empréstimos que estão sendo a ela incorporados (SILVA, 2013, p. 27).

Rosa (2010, p. 53-54) diz que as variantes faladas nessas comunidades devem ser objeto de estudo da sociolinguística:

Algumas comunidades são monolíngues em português, e algumas são bilíngues. Há variantes faladas que precisam de estudo sociolinguístico. Relações socioeconômicas tem obrigado os terena a aprender e usar o português.

Na aldeia Cachoeirinha, onde está localizada a maior parte dos informantes desta pesquisa, a comunidade é bilíngue. As crianças aprendem português na escola, mas falam apenas em terena com seus pais, irmãos e outros familiares. Apesar dos pais saberem falar o

português muito bem, preferem se comunicar usando a língua oral terena em casa e em atividades sociais, como em cerimônias religiosas, reuniões de lideranças indígenas e nas escolas. Esse fator me levou a pensar se o mesmo estaria acontecendo com os surdos terena e seus familiares. Eu me questionava se os surdos terena, juntamente com seus familiares ouvintes, teriam criado, em sua infância, sinais caseiros para se comunicar e que, com o tempo, se tornaram uma língua estruturada, com gramática, como já aconteceu em outras comunidades com alto índice de surdez. Ao contrário do que se possa imaginar a princípio, esse fenômeno é muito comum. Assim como aconteceu com o português, alguns surdos terena até poderiam ter aprendido LIBRAS na cidade de Miranda (como será exposto na seção III) e poderiam estar usando essa língua na escola, mas poderiam ter optado por manter a língua que já falavam em sua comunidade, por uma questão de identidade e de integração social, já que seus familiares e amigos nunca aprenderam LIBRAS. Todas as questões históricas, sociais, culturais e linguísticas expostas aqui auxiliaram na compreensão da realidade, identidade e necessidades sociais dos surdos terena, inclusive e principalmente, a necessidade de comunicação.

1.7 Conclusões sobre os terena e sua relação com essa pesquisa

Como se pode perceber, os terena tem uma longa história de luta pela sobrevivência e conquistas. Não existem muitos registros sobre os terena antes da saída do Exiva, mas os registros da história desse povo desde a chegada ao Brasil mostram que os terena resistem e persistem na preservação de sua língua, valores e costumes, apesar de todo o contato com o branco, que foi imposto por este. Os terena lutam para ter educação indígena e também educação escolar indígena, inclusive para os surdos. Eles têm mantido diversos costumes como a dança kipaé ao longo das gerações e tem também aderido a novos costumes, como é comum em qualquer cultura. Os surdos terena utilizam uma língua de sinais que reflete e permeia todos esses acontecimentos culturais, o que será visto nas próximas seções.

2. AS LÍNGUAS DE SINAIS COMO LÍNGUAS

Como foi dito na introdução deste trabalho, a pesquisa linguística de línguas de sinais é algo muito recente. Por isso, dentre outras razões, as línguas de sinais são até hoje confundidas com mímica, um conjunto de gestos ou pantomima. Algumas pessoas chegam a confundir o alfabeto da língua de sinais com toda a estrutura da língua em si. De maneira geral, as línguas de sinais sempre foram consideradas inferiores às línguas orais até recentemente, quando foram publicados os estudos pioneiros de Stokoe (em 1960). Compreender que línguas de sinais são línguas naturais, assim como as línguas orais, é essencial para se aprofundar nos estudos gramaticais de uma língua de sinais, como este.

É preciso, portanto, separar o que é língua de sinais do que não é. A seguir, pontuo o que são línguas de sinais secundárias, o que é o alfabeto de uma língua de sinais e o que é a língua de sinais e falo sobre mitos que cercam as línguas de sinais, com argumentos que já foram refutados pela linguística.

2.1 Línguas de sinais secundárias

Antes de tratar de línguas de sinais propriamente ditas, eu gostaria de citar a existência de sistemas linguísticos que podem parecer, a princípio, línguas de sinais, mas não são. Esses sistemas são chamados "línguas de sinais secundárias", também conhecidas como "línguas de sinais alternativas", que são sistemas de comunicação que não resultam de necessidades comunicativas de surdos ou surdo cegos (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012, p.528). Pfau vai tratar de quatro tipos de línguas de sinais secundárias: da *sawmill sign language* (língua de sinais utilizada em serrarias nos EUA), das línguas de sinais monásticas, das línguas de sinais de aborígenes australianos e das línguas gestuais dos índios das planícies (PISL). A *sawmill sign language* é uma comunicação gestual, sistema usado em momentos que impedem comunicação oral, por exemplo, em situações de caça e mergulho. Pfau explica que em alguns trabalhos - como no caso de homens que trabalhavam com toras de madeira muito pesadas nos EUA e caminhões e não conseguiam se comunicar muito bem oralmente - funcionários desenvolveram esses sinais para se comunicar no trabalho, mas ocasionalmente usavam os sinais para fazer brincadeiras, para conversas mais íntimas. Um fato interessante é que descobriram que uma LS usada por um surdo serralheiro com seus familiares deriva de sinais da antiga LS sawmill local, mas a *sawmill sign language* está extinta atualmente. Ele fala das

línguas de sinais monásticas, que tinham um léxico maior e mais variado do que a *sawmill sign language*, porém ainda restrito, visto que alguns líderes monásticos decidiram que o léxico não poderia ser ampliado, caso contrário o propósito que motivou a criação desses sinais seria abalado. A intenção era que todos se calassem em atitude de contemplação, de meditação, direcionamento da mente a Deus, então perceberam que se o léxico aumentasse corria-se o risco de os religiosos começarem a conversar muito em sinais e isso seria o mesmo que conversar oralmente, portanto o foco seria perdido da mesma maneira.

Sobre as línguas de sinais de aborígenes australianos, criadas também por ouvintes, sabe-se que existem muitas. Elas foram pesquisadas em diferentes partes da Austrália desde o final do século XIX.

Pfau traz dados interessantes sobre a Plains Indian Sign Language (doravante PISL). Um dado instigante é que durante o século XIX e primeira parte do século XX, o uso da PISL foi tão comum que ela pode ser considerada como uma língua franca. Ele fala do uso de sinais em certas ocasiões por alguns povos (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012, p.540). Os propósitos para uso dos sinais poderiam incluir entretenimento público como contação de histórias, a dança de sinais Chaiene, oratória, práticas rituais e atividades como caça, que requeriam silêncio. Depois desse primeiro momento em que a PISL foi usada apenas por ouvintes, nasceram surdos nesse povo e então a língua de sinais foi ensinada a esses surdos. Na verdade, primeiramente eles aprenderam a ASL como língua materna e depois eles aprenderam os sinais nativos com alguns membros do grupo, mas o número de usuários hoje dessa língua é desconhecido. O léxico dessa língua contém palavras interrogativas incluindo o sinal geral de interrogação QU, pronomes, numerais, quantificadores e negação (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012, p.541). Baseado nessas características, assim como nas propriedades sociolinguísticas, Pfau declara que é fácil concluir que a PISL é muito mais do que simplesmente um conjunto de gestos. Essa língua mostra muitas das propriedades características de línguas de sinais naturais: é geracional (transmitida de uma geração a outra), transcultural (influenciada por fatores culturais), não-emergente (que já está estabelecida há anos, que não surgiu recentemente. Geralmente se considera emergente uma língua de sinais que ainda não passou por duas ou três gerações, mas esse é um tema que necessita ser mais pesquisado e debatido), altamente convencionalizada (possui regras gramaticais estabelecidas).

Conseqüentemente a PISL pode ser mais parecida com village sign languages do que com línguas secundárias (isso foi dito a Pfau em comunicação pessoal). Pfau diz que a PISL mostra uma pequena influência das LO circundantes, o que não surpreende considerando que

originalmente ela foi usada por ouvintes como uma língua franca entre falantes de diferentes línguas. Ele destaca que é altamente problemático considerar a PISL como uma língua secundária. Uma língua de sinais secundária seria uma língua usada apenas por ouvintes, em poucas ocasiões, com vocabulário restrito, sem muitas novas criações, sem criações morfêmicas, dupla articulação (capacidade de usar morfemas e fonemas para formar novos sinais), sem sintaxe específica e não é o que essa língua mostra. Segundo Pfau a discussão revela que a considerável variação existente dentro do grupo de sistemas de comunicação manual pode resultar de diferentes cenários sociolinguísticos, por exemplo village sign languages e contextos de uso, por exemplo línguas de sinais táteis. Por outro lado, a variação gramatical atestada reflete conhecidos padrões tipológicos do estudo de LOs. O autor afirma que quanto mais tipos de LSs forem estudadas por linguistas, mais aprenderemos sobre os potenciais e limites das línguas humanas, assim como sobre sua evolução (PFAU, 2012, p. 545).

Concluindo, as línguas de sinais secundárias são sistemas de comunicação que não resultam de necessidades comunicativas de surdos ou surdo cegos, são sistemas usados em momentos que impedem comunicação oral, por exemplo, em situações de caça e mergulho, ou por motivos religiosos. Uma língua de sinais secundária é uma língua usada apenas por ouvintes, em poucas ocasiões, com vocabulário restrito, sem muitas novas criações, sem criações morfêmicas, dupla articulação, sem sintaxe específica e não é o que essa língua mostra. Isso posto, será explicado o que é uma língua de sinais.

2.2 Relembrando: línguas de sinais são línguas

As línguas de sinais, bem como os surdos, historicamente foram cercadas por preconceitos. Diversos pesquisadores de línguas de sinais dizem que as opiniões das comunidades ouvintes sobre a natureza das línguas de sinais geralmente subestimaram sua complexidade. Esses linguistas ressaltam que embora seja fácil combater os argumentos preconceituosos relativos à natureza gestual-concreta (ou seja, que se materializa visualmente) das línguas de sinais e destacar a sua eficácia, ainda estamos apenas no início da compreensão de sua estrutura gramatical.

Se esse fato é notável na história de línguas de sinais estudadas pioneiramente, ou seja, desde 1960, como a ASL e a LFS, na história da LIBRAS e das línguas de sinais indígenas, é muito mais.

As línguas de sinais se desenvolvem de maneira espontânea, assim como as línguas orais. Sandler (2009, p. 243) diz que línguas de sinais são línguas que ocorrem espontaneamente em um grupo de pessoas surdas que tem a oportunidade de se conhecer e interagir regularmente. Elas não são conscientemente inventadas por ninguém, nem são derivadas de línguas orais que estejam no mesmo ambiente. O linguista pontua que as línguas de sinais são o produto do mesmo cérebro humano e da interação social que produzem as línguas orais, mas que são auto-estruturadas em uma modalidade física diferente. Ainda segundo Sandler, mais de meio século de intensiva pesquisa sobre línguas de sinais demonstrou que existem substanciais semelhanças formais entre línguas nas duas modalidades, embora se diferenciem de maneira interessante umas das outras.

As línguas de sinais possuem parâmetros linguísticos que regem o seu funcionamento, como as línguas orais. Entretanto, a compreensão desse funcionamento sempre estará ligada à sua modalidade visual. Aronoff, Meir e Sandler (2005, p. 4) pontuam que, por causa da modalidade pela qual são transmitidas, as línguas orais não podem transmitir conceitos espaciais de forma motivada. Segundo os pesquisadores, as ondas sonoras não podem transmitir informações visuais e espaciais iconicamente, e a morfologia das línguas faladas é, portanto, necessariamente arbitrária neste domínio e na maioria dos outros. Ainda segundo os linguistas, os sistemas morfológicos bifurcados das línguas de sinais podem ser explicados com base em dois fatores: a juventude de línguas de sinais, e a modalidade de sua transmissão.

Supalla (2006, p. 22) lembra que “a natureza de nosso entendimento das línguas de sinais de todo o mundo baseia-se em nossa história específica de pesquisa em língua de sinais”. Segundo o pesquisador, a história de poucos anos da pesquisa em línguas de sinais modernas inclui conquistas importantes que aumentaram o conhecimento dos linguistas, mas também pautas de investigação que fecharam o foco e limitaram esse conhecimento. Ao longo desse período, segundo Supalla (2006, p. 22), a gênese e a evolução das línguas visuais constituíram uma área fora do foco de pesquisa.

A ideia de línguas de sinais “impuras”, segundo Supalla (2006, p. 22), significou que os pesquisadores de linguística histórica entenderam que processos históricos “naturais” nas línguas visuais eram ofuscados ou destruídos pelo imperialismo linguístico. Porém, como diz o autor, essa visão nega, erroneamente, a naturalidade do contato entre línguas na história da humanidade.

Segundo Meier (2006), as línguas de sinais e as línguas orais têm muitas propriedades fundamentais em comum, como por exemplo, vocabulários “convencionados”. Nas duas

modalidades (visual e auditiva), as línguas compartilham a característica de ter palavras que são constituídas de unidades fonológicas sem significado; assim, as línguas de sinais e as línguas orais apresentam uma dupla articulação, de acordo com o autor. Ainda segundo Meier (2006), as línguas de sinais, tanto quanto as línguas orais, possuem mecanismos para a construção de novos vocabulários por meio da composição e derivação morfológica. As duas modalidades de língua exibem regras similares na combinação de palavras ou sinais para formar sentenças, como veremos mais adiante.

De acordo com Meier (2006), as línguas de sinais e as línguas orais exibem também diferenças interessantes no que se refere à forma como são produzidas e percebidas.

Os articuladores manuais podem ser vistos em um espaço tridimensional transparente, enquanto os articuladores da fala são invisíveis, explica o autor. Por isso, a leitura labial não é o suficiente para que uma criança surda entenda a fala. Meier (2006) ressalta ainda que existe, tanto na oralidade, quanto na língua de sinais, uma variedade de articuladores. Entretanto, o que chama a atenção de linguistas é que diferentemente dos articuladores orais, os articuladores manuais são emparelhados. Com isso, Meier (2006) quer dizer que o sinalizador coordena a ação das duas mãos. Essas propriedades articuladoras diferenciadas, segundo o pesquisador, explicam, parcialmente, o motivo pelo qual a oralidade tem uma capacidade limitada para iconicidade, enquanto os sinais têm uma possibilidade muito maior para representação icônica. Meier destaca que, especificamente, o movimento dos braços em um espaço transparente permite que as línguas de sinais representem as formas de objetos e as trajetórias dos movimentos.

A iconicidade, segundo Meier (2006), é um recurso na modalidade visual-gestual muito mais rico do que na modalidade oral-auditiva das línguas orais.

Nas línguas orais, pelo que se estudou até hoje, geralmente a palavra é resultado de uma associação arbitrária entre forma e significado (SAUSSURE, 1916). Entretanto, segundo Meier (2006), algumas palavras de línguas orais representam iconicamente os sons característicos dos objetos a que se referem. O pesquisador dá como exemplo os galos, que na linguagem de falantes do inglês, dizem *cockadoodledoo*, enquanto que, na linguagem de falantes de português, dizem *cocoricó*, e na de falantes de espanhol dizem *quiquiriqui*. As palavras diferentes para o mesmo referente dessas três línguas demonstram, de acordo com Meier, que essas formas icônicas são convencionalizadas. Contudo, o fato de que essas formas são completamente convencionais não quer dizer que elas sejam completamente arbitrárias.

As semelhanças interlinguísticas nessas palavras, segundo o linguista, mostram que nem todas as palavras nas línguas orais são arbitrárias em sua forma; ele mostra que algumas são motivadas, pelo menos em parte, por iconicidade. Assim, as línguas na modalidade oral-auditiva também contém iconicidade, não sendo essa característica exclusiva das línguas de sinais. A modalidade viso-gestual apenas oferece oportunidades mais frequentes para a representação icônica, como afirma Meier.

Diferentes línguas de sinais frequentemente contém representações icônicas para o mesmo conceito (MEIER, 2006), mas elas podem, como ocorre em qualquer língua natural, evoluir independentemente e produzir sinais diferentes que possuam o mesmo significado.

Assim, tanto a LIBRAS quanto os sinais terena podem ter sinais icônicos para referenciar árvore, por exemplo (como de fato têm), porém com parâmetros diferentes na constituição do sinal (como de fato ocorre, com a localização e o movimento, nos dois sinais, mostrados em SUMAIO, 2014). Isso ocorre porque, apesar de serem ambos icônicos, os sinais pertencem a culturas diferentes, a visões de mundo diferentes.

O debate sobre iconicidade em línguas de sinais pode gerar profundos estudos sobre arbitrariedade e não-arbitrariedade em línguas. Por causa da iconicidade, como já dito, as línguas de sinais já foram alvo de muito preconceito e até hoje são, muitas vezes sendo consideradas apenas um conjunto de gestos. Entretanto, a iconicidade é apenas uma das características das línguas de sinais como línguas naturais, e além disso, é fundamental na gênese e desenvolvimento de novas línguas de sinais. A iconicidade é crucial quando crianças surdas criam o sistema caseiro de sinais (GOLDIN-MEADOW, 2003).

A literatura sobre a língua brasileira de sinais mostra que essa língua recebeu status linguístico no meio acadêmico há algumas décadas, e, recentemente, foram criadas leis que reconhecem sua legitimidade oficialmente:

A legislação que regulamenta oficialmente a Língua Brasileira de Sinais é datada de 24 de abril de 2002 e recebe o número 10.436:

‘Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único – Entende-se como Língua Brasileira de Sinais Libras – a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, como estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil. (BRASIL, 2002)

Essa lei, ao contrário do que muitos usuários da LIBRAS e alguns pesquisadores dizem, não estipula que LIBRAS é a segunda língua oficial do Brasil, mas já configura uma grande conquista para a comunidade surda, já que estabelece, em lei, que a LIBRAS é uma língua, e não um conjunto de gestos, mímica ou qualquer outro sistema não-verbal. A partir da criação dessa lei, a LIBRAS ficou cada vez mais em evidência. Essa língua, conhecida como LIBRAS (sigla para língua brasileira de sinais, nome dado por pesquisadores ouvintes) e também como LSB (sigla para língua de sinais brasileira, nome dado pela comunidade surda e que segue o padrão internacional para nomear línguas de sinais), é uma língua com poucos estudos ainda (se compararmos a quantidade de estudos feitos sobre línguas orais com a quantidade de estudos feitos sobre línguas de sinais).

A língua de sinais é a língua mais natural para o surdo, apesar de alguns pais de surdos e/ou alguns surdos adotarem o método da oralização (com o qual o surdo aprende, geralmente de maneira lenta e sofrida, a língua oral de seus pais) (GESSER, 2009) ou a comunicação total, que engloba também o oralismo e a leitura labial.

Apesar de a LIBRAS ser uma língua natural, e ser reconhecida como tal por lei, como já dito, até hoje os surdos, bem como seus familiares, intérpretes, professores e outros profissionais ou pessoas que lutam junto aos surdos, lutam para reafirmar sua legitimidade. O preconceito contra a LIBRAS e outras línguas de sinais, advindo da falta de conhecimento sobre elas, fere até hoje os direitos dos usuários dessas línguas, e por isso mesmo, deve ser combatido, com o máximo de informações possíveis sobre essas línguas sendo expostas. Com esse objetivo, Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) fazem uma análise de seis mitos envolvendo as línguas de sinais, análise resumida aqui, no intuito de trazer mais familiaridade com as línguas de sinais, caso algum leitor necessite. Também com esse objetivo, em seguida tratarei dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais, visto que o conhecimento destes é fundamental para discutir a língua terena de sinais.

Mito número 1: "A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos".

As pesquisadoras dizem que o equívoco desta ideia é pensar que os sinais são gestos. Os sinais são palavras de uma língua, apesar de não estarem em uma modalidade oral-auditiva. Os sinais são tão arbitrários quanto as palavras de uma língua oral. Os usuários de línguas de sinais também se utilizam de gestos, como acontece com usuários de línguas orais. A diferença, segundo as autoras, é que os gestos também são visuais-espaciais, o que faz com que as

fronteiras entre eles e os sinais sejam mais difíceis de estabelecer. Sobre a expressão de conceitos abstratos, as autoras deixam claro que é possível falar de qualquer tema em uma língua de sinais. Pode-se falar de sentimentos, emoções, assim como nas línguas orais.

Mito número 2: "Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas".

Segundo as autoras, a ideia que gerou esse mito está ligada ao mito número 1. A concepção é a de que como os surdos falam por gestos, possuem uma língua universal. Entretanto, isso constitui uma falácia, segundo as autoras, já que as línguas de sinais já estudadas são diferentes umas das outras. Elas pontuam que, assim como acontece com as línguas orais, existem línguas de sinais pertencentes a troncos diferentes. Existem no mínimo dois troncos linguísticos identificados: o da língua de sinais francesa e o da língua de sinais inglesa. É provável que a LIBRAS pertença ao tronco das línguas de sinais de origem francesa.

Mito número 3: " Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas orais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais".

Esse mito também está relacionado ao primeiro mito. Como as línguas de sinais são consideradas um conjunto de gestos, imagina-se que elas não possuem a mesma complexidade das línguas orais. Isto é refutado pelo fato de que as línguas de sinais, como já dito, são línguas, e também pelo fato de as línguas de sinais serem independentes das línguas orais. Uma prova disso, segundo Quadros e Karnopp, é que a língua portuguesa de sinais tem a sua origem na língua inglesa de sinais e a LIBRAS tem sua origem na língua francesa de sinais, ainda que o português seja a língua majoritária dos dois países (Brasil e Portugal). Como essas línguas são de troncos diferentes, elas são muito diferentes. Deve ser retomado também o fato de as línguas de sinais não terem relação com as línguas orais de seu país (apesar de estarem em contato). As linguistas lembram que as línguas de sinais são autônomas e possuem os mesmos níveis de análise linguística e são tão complexas quanto as línguas orais.

Mito número 4: "A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral".

Como já foi dito pelas autoras, as línguas de sinais possuem a mesma complexidade que as línguas orais. Com as línguas de sinais é possível produzir poemas, contos, falar sobre política,

filosofia e qualquer outro tema. É possível aconselhar, criticar, debater ideias, e usar essas línguas para qualquer função, como são usadas as línguas de sinais. Portanto, a língua de sinais não é inferior, é igual a qualquer outra língua.

Mito número 5: "As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes"

A concepção errônea de que sinais são equivalentes a gestos reaparece nesse mito. As autoras afirmam que as pessoas costumam pensar que as línguas de sinais são fáceis de aprender porque estão diretamente relacionadas ao sistema gestual usado por qualquer falante de uma língua oral, o que não é verdade. As línguas de sinais demoram tanto tempo para serem aprendidas/adquiridas quanto as línguas orais. A comunicação feita por meio de gestos é extremamente limitada, pois impossibilita tratar de assuntos mais abstratos. Assim sendo, é até possível que um surdo compreenda o significado de alguns gestos, como aconteceria também com um ouvinte, mas para conseguir tratar de qualquer tema com um surdo, é necessário usar a língua de sinais.

Mito número 6: "As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem".

Quadros e Karnopp (2004) informam que pesquisas feitas com surdos que tiveram lesões em um dos hemisférios do cérebro revelam que as línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo assim como as línguas orais. Entretanto, o processamento de ordem espacial dessa língua existe, também, no hemisfério direito do cérebro, o que pode indicar um processamento mais complexo do que o existente em pessoas que usam línguas orais. Contudo, o que se destaca é o fato de as línguas de sinais serem processadas também do lado esquerdo, o que é mais uma prova de que elas são línguas naturais.

Posto isso, concordo com as autoras, que dizem que essas concepções possuem em comum a ideia de que as línguas de sinais são inferiores às línguas orais, usadas pelos ouvintes. Entretanto, todas essas ideias já foram desmistificadas por estudos linguísticos, e hoje está comprovado que as línguas de sinais são línguas "completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31-37).

2.3 Parâmetros morfológicos/fonológicos das línguas de sinais

Para uma melhor compreensão desses níveis, passarei a seguir para uma explicação mais detalhada dos parâmetros das línguas de sinais.

Os sinais, segundo Stokoe, são “símbolos complexos e abstratos que podem ser analisados em unidades menores” (STOKOE, 1960). Foram estudados por ele alguns parâmetros da ASL (American Sign Language) que podem ser verificados em todas as línguas de sinais: configuração de mão (CM); locação (L) ou ponto de articulação (PA); e movimento (M). Posteriormente, foram feitas pesquisas sobre outras características, como orientação de mão (Or) e expressões não-manuais (ENM), conforme Karnopp e Quadros (2004). As pesquisas nacionais sobre línguas de sinais têm seu início recente, em 1980, por Ferreira-Brito e Felipe, Karnopp e Quadros. (FERREIRA-BRITO; LANGEVIN, 1995; QUADROS, KARNOPP, 2004; FELIPE, 2006). É necessário destacar que as línguas viso-gestuais possuem as mesmas características presentes em outras línguas naturais, como: flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; descontinuidade; criatividade/produtividade; dupla articulação; padrão e dependência estrutural (QUADROS, KARNOPP, 2004).

Kyle e Woll (1987, p.29) afirmam que há outros componentes fonológicos na articulação de um sinal que recentemente foram reanalisados como bloco de construção de sinais. Estes são as seguintes características: expressão facial, padrões dos lábios, o olhar do signatário (um sistema gramatical complexo em certas línguas é baseado em olhar e posição no espaço), a postura do corpo, os ombros e a cabeça (cada um deles é usado na comunicação de línguas orais, mas pode ter uma relação muito mais formal com a articulação e significado de um sinal, numa língua visual). Assim como as palavras em línguas orais podem ser divididas em partes componentes, os sinais podem mostrar componentes similares complexos.

Assim como as línguas orais, cada língua de sinais possui, também, uma gramática particular, apresentando variações de acordo com a região em que é utilizada e propriedades diferenciadas. Em cada país do mundo, fala-se uma língua de sinais diferente, e às vezes mais de uma no mesmo país, como no caso do Brasil (no qual se fala também, a Língua de Sinais Ka'apor (LSK), da qual falarei mais adiante).

O alfabeto manual ou datilologia também é parte integrante na morfologia das línguas de sinais e é vista como secundária porque se liga a um primeiro sistema, o da língua alfabética (ALMEIDA, 2000). O alfabeto manual é uma ferramenta que pode ser utilizada para a escrita

de nomes próprios, nomes de instituições, para palavras que ainda não possuem representação em sinais (CASTRO; CARVALHO, 2005) ou podem fazer parte da composição de alguns sinais. Muitos surdos usam a datilologia, apesar de a princípio ter sido criada para ensinar o surdo a “falar” (aprender uma língua oral) (RAMOS, 2007). Vemos a seguir um exemplar do alfabeto manual da LIBRAS.

Figura 5 – Alfabeto Manual ou Datilologia



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Por esse alfabeto ser bastante divulgado, muitos ouvintes o confundem com a língua brasileira de sinais. Talvez os famosos cartões distribuídos por surdos em meios de transporte e outros locais públicos contendo o alfabeto datilológico deveriam conter o seguinte aviso: "Atenção, isso não é a língua brasileira de sinais"!!!

Sobre a estrutura da LIBRAS e de outras línguas de sinais, Castro e Carvalho (2005) destacam que muitos sinais são icônicos, o que é natural, já que essas línguas são de modalidade viso-gestual. Foi comprovado, porém, cientificamente, que línguas de sinais não são mímicas ou gestos (KLIMA; BELLUGI, 1979), como já dito, até porque a iconicidade presente em um sinal pode não ser transparente para o interlocutor, geralmente varia de acordo com a visão de mundo dele e pode se perder com o passar do tempo. A mímica e as pantomimas podem ser usadas, mas apenas como recurso no momento do uso da língua.

As mãos, e também o corpo todo e o rosto, possuem propriedades fonológicas nas línguas de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Entretanto, tratarei desses parâmetros mais detalhadamente na próxima seção.

Ao contrário da crença comum, não existe apenas uma língua de sinais que pode ser usada por todos no planeta. Na verdade, provavelmente existem tantas línguas de sinais diferentes quanto comunidades surdas. Ainda assim, muitas línguas de sinais podem ser relacionadas umas com as outras devido a contato histórico.

As línguas de sinais devem ser analisadas a partir do conhecimento de que linguagem é um meio de representação, composta por signos, que por sua vez possuem significante e significado e pensando que a categorização faz parte da cognição e da linguagem.

A categorização, segundo Duque e Costa (2012), é a atividade por meio da qual organizamos entidades em classes, a partir de critérios cognitivos e sócio-culturais. “Categorizar promove economia cognitiva. Diminui a quantidade de informações que temos de aprender, perceber, recordar e reconhecer”. Os autores dizem que para eles uma categoria é uma estrutura mental que é criada através do tempo e que evolui algumas vezes vagarosamente e outras, rapidamente, e que contém informação de forma organizada, permitindo acesso a ela sob condições apropriadas. Eles ainda afirmam que a categorização contínua é indispensável à nossa sobrevivência, tanto como os batimentos cardíacos. Sem ela, não entenderíamos o mundo, não nos comunicaríamos e não teríamos base para agir.

A partir disso, podemos aplicar os princípios da categorização para entender o funcionamento da linguagem e sua parte concreta, as línguas. A categorização pode auxiliar pesquisadores de LS. Podem-se formular perguntas que auxiliarão no desenvolvimento de uma pesquisa, como: “Como os surdos categorizam os elementos do mundo, do seu mundo? Como os surdos categorizam os elementos de seu mundo e criam sinais para representá-los? Que ligações eles estabelecem entre a forma e o conteúdo dos sinais que criam? Como estabelecem?”

Certamente a iconicidade em línguas e, em especial, em línguas de sinais, envolve categorizações. Vêm-se categorias na língua brasileira de sinais (LIBRAS), por exemplo, pois sinais (sejam nomes ou verbos) que se referem a comer, por exemplo, geralmente se realizam próximos a boca. Sinais ligados a pensar se realizam próximos da cabeça/cérebro e assim acontece com sinais ligados a diferentes temas. Isso se observa em outras línguas de sinais e nos sinais terena também.

É possível, assim, refletir sobre a iconicidade presente nos sinais terena, a organização de categorias na criação deles, o que pode levar a algo muito relevante para a pesquisa: a origem desses sinais, investigando se tiveram sua origem em outra língua de sinais (como a LIBRAS) ou se evoluíram de sinais caseiros para uma língua, com gramática.

Existem diversas características das LS que devem ser mais estudadas. Sobre reduplicação, por exemplo, Pfau (2010) diz que esse fenômeno existe nas duas modalidades de língua e tem algumas funções em línguas de sinais, e outras em línguas orais. O espaço de sinalização em diferentes línguas de sinais também deve ser mais estudado. Pesquisadores de

línguas de sinais pontuam que, em geral, o espaço de sinalização é o espaço imaginário que se limita a pontos um pouco acima da cabeça e pontos no meio do tronco do sinalizador, independente da LS. Segundo Pfau (2010, p. 71), a maioria dos verbos em línguas de sinais são planos, no sentido de que não podem expressar concordância da mesma maneira que os verbos considerados “concordáveis” (por exemplo “amar”, “sonhar”, não fazem concordância por meio de movimento, em língua holandesa de sinais). A ordem das palavras e auxiliares resolve a questão em outras línguas (p. 71). Pfau (2010) sugere que em todos os verbos com concordância o movimento é determinado por regras semânticas (temáticas), não por regras gramaticais dos argumentos verbais (por exemplo no verbo “convidar” em língua holandesa de sinais).

Sobre sintaxe, são destacadas as wh-questions. Wh-questions em línguas de sinais ganharam interesse considerável porque elas exibem propriedades que são intrigantes de uma perspectiva linguística. Foi descoberto que, em claro contraste com muitas línguas orais, a maioria das línguas de sinais permite um posicionamento em final de sentença dos elementos QU (ZESHAN, 2004). Além disso, é muito comum para elementos QU serem duplicados, isso é, ocupar a posição inicial e final da sentença. A quantidade de paradigmas de wh-signs é também sujeita a variação. Enquanto a maioria das línguas de sinais tem um grande paradigma de wh-signs (WHAT, WHO, WHY, WHEN, WHERE, etc), a língua gestual dos índios das planícies (PISL) tem um paradigma mínimo que consiste só do wh-sign geral, G-WH. Esse sinal sempre aparece no final da sentença e não pode ser duplicado. A interpretação desse sinal é altamente dependente do contexto. Dependendo do contexto, os mesmos sinais podem ser interpretados como “Por que seu amigo está dormindo?” ou como “Quando seu amigo dorme?” (ABOH; PFAU; ZESHAN, 2005, p. 24).

Deve-se lembrar também que marcadores não-manuais são parte integral do componente sintático de LS e que regras específicas de língua têm uma importante função dentro desse componente fonológico. Pfau lembra que foi comprovado que não-manuais também têm importantes funções pragmáticas. Diferentes marcas não-manuais podem ser combinadas simultaneamente, isso é, podem se organizar em camadas (WILBUR, 2000 *apud* PFAU, 2010). Em um dos exemplos dados pelo autor, uma marca lexical (o gesto bucal acompanhando o sinal ESTAR-PRESENTE) simultaneamente combina com duas marcas sintáticas, uma sinalizando negação (movimento de cabeça) e outra marcando a elocução de uma questão sim-não (movimento de sobrancelhas). Argumenta-se que muitas das marcas não-manuais têm uma função prosódica, isto é, elas se comportam como contornos entoacionais em

línguas orais (SANDLER, 1999 *apud* PFAU, 2010). Em particular, elas podem definir constituintes prosódicos como palavras prosódicas e frases entoacionais.

Pfau (2010, p. 78) atesta que línguas de sinais são mais do que “movimentos de cabeça e movimentos de mão”. Provando o contrário, elas possuem estruturas gramaticais complexas em todos os níveis linguísticos. Ainda assim, por causa do potencial para expressar conceitos iconicamente e do uso de espaço de sinalização para vários propósitos gramaticais, LSs aparentam ser mais similares umas das outras do que línguas orais. É esperado que investigações mais profundas sobre aspectos gramaticais de diferentes línguas de sinais - incluindo línguas de sinais urbanas e village sign languages que ainda não foram estudadas - nos ajudem a descobrir quais aspectos da gramática de línguas de sinais são específicos da modalidade e quais são independentes de modalidade.

Com essa breve análise dos parâmetros das línguas de sinais, fica evidenciado o status linguístico destas, que é idêntico, ao menos cientificamente, ao status das línguas orais. As línguas de sinais, como se pode ver, possuem características fonológicas, morfológicas, sintáticas. Elas possuem prosódia e variação, como as línguas orais. Têm flexibilidade, arbitrariedade, produtividade. Isso posto, citarei algumas prováveis línguas de sinais de que se tem notícia, existentes no Brasil.

2.4 Línguas ou possíveis línguas de sinais brasileiras

Diversos estudos já mostraram que podem existir variedades de uma mesma língua de sinais em um determinado país, como acontece com as línguas orais. Citando poucos exemplos: fora do Brasil, Schermer (2004) estudou variação lexical regional existente na língua holandesa de sinais. Stamp et al (2014) realizaram um extenso estudo sobre variedades regionais e mudanças na língua britânica de sinais. Johnson e Johnson (2008) estudaram variedades da língua indiana de sinais em cinco cidades da Índia. No Brasil, os estudos de Andrade (2013) e Ferreira e Ferreira (2016), por exemplo, chamam a atenção para variedades da LIBRAS existentes no Pará e na Paraíba. Considerando esse fato, não é coerente dizer que uma língua de sinais que está sendo usada em determinada região do Brasil por determinado grupo é uma língua de sinais autônoma, tendo apenas um contato inicial com ela. É preciso estudar a fonologia e também a morfologia, a sintaxe e a semântica dessa língua, comparando suas

características com as características da LIBRAS, para determinar se ela constitui uma língua autônoma ou se é uma variedade da LIBRAS. Esse é um procedimento científico padrão, inclusive para línguas orais nunca antes estudadas.

Existe, também, a possibilidade de serem um conjunto de sinais caseiros. Goldin-Meadow e Mylander (1984) pontuam que estudos de crianças surdas de pais ouvintes demonstraram que essas crianças utilizam espontaneamente símbolos (gestos) para se comunicar mesmo se elas não são expostas a um modelo de língua de sinais convencional. Esses gestos foram chamados, inicialmente, "sinais domésticos" ou "sinais caseiros". Hoje existe um grande debate em torno de sinais caseiros, pois estudos posteriores mostraram que eles são altamente estruturados. Alguns linguistas afirmam que eles constituem um tipo de língua, uma língua em seu estágio inicial, mas uma língua. Entretanto, sinais caseiros parecem ter muita variação, não ter morfemas e fonemas bem definidos, por exemplo, e nem uma forma específica de organizar sentenças (sintaxe). Portanto, parece não ser científico classificar um conjunto de sinais caseiros como uma língua.

Por causa dessas possibilidades, pelo fato de terem estudos muito recentes (a maioria ainda em fase inicial) e por outras questões que serão discutidas mais adiante, chamarei esses sistemas de comunicação em sinais do Brasil de línguas ou "possíveis" línguas. Um desses sistemas é composto por cenas, utilizado na Comunidade Várzea Queimada. O antropólogo Éverton Luís Pereira (2013) estudou, dentre outras questões culturais, o uso de "uma linguagem gesto-visual", conhecida como cena, utilizada na já referida comunidade, que fica na zona rural no município de Jaicós, estado do Piauí. Essas "cenas" ou sinais, não passaram por estudo linguístico até o momento. Um outro sistema é o de sinais dos sateré-mawé, usado por surdos mawé da região de Parintins, no Amazonas. Azevedo (2015), pesquisador surdo, pôde conhecer alguns dos sinais desses surdos indígenas. Ele apresenta diferentes sinais e nomeia-os como sinais caseiros, como sinais emergentes, como língua de sinais dos sateré mawé e também como sinais da LIBRAS, como uma variedade linguística da LIBRAS.

Uma língua indígena de sinais conhecida no país é a língua de sinais ka'apor (LSK): antigamente ela foi estudada por Kakumasu (1968), linguista e missionário americano. No momento ela está sendo estudada pelo antropólogo Gustavo Godoy. Muitos pesquisadores pensaram que essa língua havia sido extinta, mas o pesquisador tem dados que comprovam que ela continua sendo usada por surdos e ouvintes em comunidades localizadas no estado do Maranhão (GODOY, 2015).

Existem também os sinais guarani, citados por Vilhalva (2012), que faz um trabalho na

área de políticas linguísticas, mapeando os surdos indígenas existentes no estado do Mato Grosso do Sul. Os sinais dos surdos e ouvintes guarani kaiowá desse estado não têm estudo aprofundado, apesar de também serem citados na pesquisa (na área de Educação) de Lima (2013), que os classifica como "sinais domésticos" e os chama também de senhas.

Os sinais usados pelos terena, também citados por Vilhalva, foram estudados linguisticamente por Sumaio (SUMAIO, 2014; FARGETTI, SOARES, 2016).

Há também um estudo sobre os sinais kaingang da aldeia (SKA). Eles foram assim nomeados e analisados, porém sem viés propriamente linguístico, em dissertação de mestrado na área de Educação, por Giroletti (2008).

Os sinais usados pelos paiteer-suruí: estão sendo estudados por Eler (2017) e Costa (2017), com foco na perspectiva da identidade cultural do povo paiteer suruí de Rondônia.

Os sinais usados pelos akwe-xerente são citados no estudo sociolinguístico de Barretos (2016), porém não há nenhum estudo sobre seus parâmetros.

Também existem as línguas de sinais dos surdos pataxó, do sul da Bahia: assim são chamados os sistemas linguísticos desses surdos (em comunicação pessoal), por Letícia Damasceno, que ainda está em vias de publicar sua dissertação de mestrado.

Essas línguas/prováveis línguas de sinais, juntamente com muitas línguas orais, são um reflexo da diversidade linguística do nosso país, e devem ser cuidadosamente estudadas. As línguas de sinais devem ser estudadas com o mesmo cuidado que recebem as línguas orais, no sentido de serem analisadas cientificamente. Elas não devem ser consideradas um conjunto de sinais caseiros, quando se conhece apenas alguns de seus sinais, e nem uma língua autônoma, quando não existe certeza de que ela não constitui uma variedade de outra língua, como será explicado mais adiante. Espero, com a presente tese, poder contribuir de alguma forma com esses estudos linguísticos.

2.5 Conclusões iniciais sobre línguas de sinais

Como foi possível ver até aqui, não se pode confundir língua de sinais com gestos, nem pantomima ou um grupo de gestos (apenas gestos). Também não se deve confundir línguas de sinais com línguas de sinais secundárias, criadas por ouvintes por necessidades imediatas, ou com sinais caseiros. As línguas de sinais possuem todas as características das línguas orais, como flexibilidade, versatilidade, abstração. Elas podem ser analisadas em todos os níveis

linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos etc) assim como as línguas orais. Pode parecer óbvio dizer isso, mas a verdade é que ainda existem muitos preconceitos e mitos, como citado, em torno dos surdos e, conseqüentemente, das línguas de sinais. Portanto, a língua terena de sinais, assim como outras línguas indígenas de sinais, que possuem essas mesmas características, devem ser mais estudadas, trazendo esclarecimentos para o meio acadêmico e para a sociedade sobre línguas visuais.

3. DISCUSSÃO METODOLÓGICA

3.1 A pesquisa etnográfica

Esta pesquisa seguiu os padrões de uma pesquisa etnográfica qualitativa.

Malinowski (1922, p. 25) define a etnografia como a “compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo”. Portanto, para realizar um trabalho linguístico sob a perspectiva etnográfica, o pesquisador deve fazer um grande esforço no sentido de despir-se de todo etnocentrismo e preconceito linguístico. Essa atitude é irrefutavelmente necessária, uma vez que uma língua caminha sempre com uma cultura, uma cosmovisão, muitas vezes diferente da cosmovisão do pesquisador.

O método etnográfico busca desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural (SEGOVIA HERRERA, 1988). Assim sendo, o etnógrafo busca descrever o grupo social (nesse caso, o grupo indígena) da forma mais ampla possível – falando sobre sua história, religião, política, economia e ambiente –, pois entende que a descrição e a compreensão do significado de um evento social só são possíveis a partir da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto (GODOY, 1995, p.28). Esse fato é particularmente relevante no estudo de línguas indígenas.

Os instrumentos que forneceram os dados para essa investigação foram: a) revisão bibliográfica sobre os terena; b) revisão bibliográfica sobre descrição de línguas indígenas orais, línguas de sinais e línguas indígenas de sinais; c) entrevistas com informantes terena, ouvintes e surdos.

Peirano (2014, p. 5) diz que para se fazer uma boa etnografia alguns cuidados são necessários:

Boas etnografias cumprem, pelo menos, três condições: i) consideram a comunicação no *contexto da situação* (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica.

No caso deste trabalho, um trabalho linguístico, procurei analisar os dados coletados levando em consideração o contexto de fala. Procurei também trazer com precisão o que foi coletado e analisado, retirando conclusões sobre a língua que chamarei “língua terena de sinais”.

Um dos principais cuidados que o pesquisador deve ter é o de não idealizar a língua que vai estudar, atendo-se ao que e como ela é de fato.

Orlandi e Souza (1988, p. 28) fazem reflexões sobre a “língua imaginária”, que é aquela idealizada por alguns, com preconceitos, e a “língua fluída”, a língua como de fato é. Os autores afirmam que a “língua imaginária” não é inofensiva, não deixa de produzir um efeito sobre o real. Eles ratificam também a importância de sempre estudar uma língua baseado em textos, na “língua fluída”, como ela é e funciona em diferentes contextos, e não apenas com palavras isoladas.

Para pesquisadores de línguas indígenas isso é muito importante, como disseram os autores citados, e eu acrescentaria ser crucial para pesquisadores de línguas de sinais. Ainda precisam ser feitos muitos estudos sobre a distinção entre nomes e verbos em línguas de sinais, por exemplo, pois essa diferenciação pode ser feita de maneira muito diferente de como é nas línguas orais. Por serem de modalidade visual, as línguas de sinais têm essa característica: a função de um mesmo sinal pode variar, passando de nome a verbo ou de verbo a nome, sendo que a função é depreendida em cada situação pelo contexto. Assim sendo, é fundamental que um linguista observe com muito cuidado o contexto em que acontece e o texto no qual está presente determinado vocábulo.

O primeiro passo para o pesquisador é ser observador (TARALLO, 1999, p. 20). Segundo Tarallo (1999, p. 21), isso faz com que o pesquisador se inteire sobre a comunidade de fala, para mais tarde, ao interagir com os falantes, obter melhores resultados. Também é importante notar que a coleta de dados deve estar sujeita à espontaneidade da situação e dos falantes. Além disso, a coleta de dados deve ser feita com material de coleta sonora (ou, no caso de línguas de sinais, sonoro e visual) adequado e de qualidade.

3.2 A importância do trabalho de campo

O trabalho de campo, segundo Herskovits (1963), é feito junto ao povo que se pretende estudar, escutando as conversas, visitando os lares, assistindo aos ritos, observando o comportamento habitual, interrogando sobre tradições para obter, com o conhecimento direto dos modos de vida, uma visão de conjunto da cultura.

Por ser *purutuye* (palavra utilizada pelos terena para designar alguém que não é indígena), surgiu a necessidade de criar contextos para a coleta de dados. Era preciso conhecer

a fundo a história do povo terena e o contexto em que os surdos terena da TI Cachoeirinha vivem hoje. Por isso, fiz diversas visitas.

Visitei lideranças, tanto caciques quanto pessoas consideradas autoridades espirituais e conselheiros nessas aldeias. Visitei os chamados “velhos”, símbolos de sabedoria e força para as novas gerações. Conheci escolas na aldeia e na cidade, conhecendo professores e colegas de meus informantes. Conheci igrejas (católicas e evangélicas, dentro das aldeias) de alguns de meus informantes, conhecendo um pouco melhor costumes e questões de fé entre os terena. Visitei ceramistas, conheci cerâmica terena, prática rara hoje em dia, por falta de transmissão do conhecimento, mas ao mesmo tempo valorizada e usada até hoje. Conheci também intérpretes dos surdos que estudavam na cidade, que me apresentaram primeiras impressões sobre alguns surdos e os sinais terena.

De acordo com Sakel e Everett (2012), trabalho de campo é essencial para expandir nosso conhecimento sobre como a linguagem funciona. Não estamos aptos a ter novas ideias teorizando sozinhos. Dados reais são necessários para tornar descobertas válidas. Assim sendo, trabalho de campo é indispensável para desenvolvimento teórico (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 1).

Discutindo o que vem a ser “trabalho de campo”, os autores explicam as diferenças entre um trabalho de campo prototípico e um trabalho de campo não-prototípico. Eles dizem que grande parte das pessoas pensa em trabalho de campo como um trabalho envolvendo coletar dados de línguas em risco de extinção em um lugar remoto e geralmente “exótico” (SAKEL; EVERETT, 2012, p.2).

Citando Hyman (2001 *apud* SAKEL; EVERETT, 2012, p.3), os autores explicam que o trabalho de campo prototípico envolve o trabalho linguístico com falantes em um lugar pequeno e distante por um longo período de tempo. A língua é falada em seu contexto natural, os dados são naturais e a motivação para conduzir o trabalho de campo é inteiramente impulsionada pela língua. O oposto de cada um desses pontos é o trabalho de campo não-prototípico, que seria os linguistas entrevistando a eles mesmos ou sendo observados por outros em um lugar grande e próximo de onde moram. O trabalho de campo dura apenas pouco tempo, sendo a língua estudada bem conhecida. O objeto de estudo seria o sistema formal da língua, sendo os dados da língua controlados e todo o estudo dirigido por teoria.

Os autores citam Newman e Ratliff (*apud* SAKEL; EVERETT, 2012, p. 5), que se referem a trabalho de campo como “o complexo e envolvente trabalho de descrever a língua como é usada por falantes atualmente em ambientes naturais”.

A definição dos próprios autores é muito interessante: segundo eles, “trabalho de campo” descreve a atividade de um pesquisador analisando sistematicamente partes de uma língua, geralmente diferente de sua língua nativa e usualmente dentro de uma comunidade de falantes dessa língua (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 5).

Os autores tratam de algo importante no campo terminológico/semântico quando se trata de trabalhos acadêmicos que se propõem a descrever línguas: afirmam que quando alguém diz que está “descrevendo a gramática de uma língua”, na verdade está querendo dizer que está descrevendo partes dessa língua, em determinado momento temporal, com determinados dados (SAKEL; EVERETT, 2012, p.6).

Os autores dizem que de preferência o trabalho de campo deve ser feito no local “original” (na comunidade dos falantes), mas se não for possível ou se for melhor, em outro lugar (SAKEL; EVERETT, 2012, p.7).

Uma técnica muito válida que os autores sugerem usar para iniciar uma coleta de dados é pedir que o informante descreva a si mesmo. Isso possibilita conhecer mais do povo com quem o pesquisador vai trabalhar e a maioria dos entrevistados poderá falar alguns minutos sobre esse tópico, o que renderá uma considerável quantidade de dados inicial (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 11).

Outra boa ideia é mostrar aos informantes cartoons ocultando a fala dos personagens, para que eles possam fazer a narrativa da história. Isso ajuda a obter dados com o mínimo possível de influência de outras línguas. (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 23). Usei esses dois métodos em minhas coletas de dados. Para tornar a situação de apresentação mais espontânea e para evitar o constrangimento diante da câmera, disse que a pessoa estava se apresentando para o (a) cinegrafista que me acompanhava, ou para alguma pessoa da minha convivência que desejava conhecê-lo (a), como meu marido ou minha orientadora (que assistiria ao vídeo posteriormente).

Os linguistas falam também sobre trabalho de campo bilíngue e monolíngue. Eles dizem que o trabalho de campo monolíngue requer do linguista falar e entender o suficiente da língua estudada para que os dados tenham sentido. Isso dispensa o uso de língua franca, mas pode, segundo eles, parecer um trabalho com hieróglifos de línguas perdidas – só que sem uma pedra de Rosetta. (SAKEL; EVERETT, 2012, p.27)

Trabalho de campo bilíngue significa que o pesquisador usará uma língua diferente da língua alvo para se comunicar com os falantes. Esse tipo de trabalho significa que você tem outra língua em comum com o falante da língua alvo. A língua em comum, ou língua franca,

pode ser a própria língua materna do linguista, ou a língua que ele aprendeu com o intuito de estar apto a realizar seu trabalho de campo, e que ambos – ele e o informante – sabem o suficiente para se comunicarem bem. De qualquer forma, o linguista precisa falar a língua franca suficientemente bem para estar apto a se comunicar, por provavelmente não conhecer nada, ou ter um conhecimento muito restrito da língua alvo. (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 26, 27). No meu caso, uso uma língua franca, a LIBRAS, com todos os meus informantes surdos, na medida do possível. Quando não é possível (quando o informante não fala e não compreende nada de LIBRAS), conto com o trabalho de um intérprete (um informante surdo que possa interpretar os dados e passar para mim em LIBRAS ou um tradutor ouvinte que passe os dados para o português).

Os autores explicam que o problema de se usar uma língua franca é que isso pode fazer o pesquisador enxergar a língua alvo por meio de “lentes embaçadas”. O pesquisador pode não entender todas as sutilezas da língua alvo, simplesmente porque elas não existem na língua franca.

Além disso, os informantes irão apresentar interferência da língua franca em sua língua se aquela é usada como uma língua de trabalho. Por exemplo, se o pesquisador for perguntar como se traduz “Eu gostaria de fazer uma caminhada hoje”, o informante pode traduzir isso usando a mesma ordem sintática da língua franca. Essa ordem sintática resultante pode ser aceitável na língua alvo, mas pode não ser a ordem sintática não-marcada dela. Por essa dentre outras razões, é importante usar uma variedade de métodos ao coletar dados, e não apenas elicitación, em particular em trabalhos bilíngues (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 28).

Os autores falam da importância do trabalho monolíngue, citando Pike. Segundo o linguista, o trabalho monolíngue nos ensina sobre linguagem como experiência holística, independente de fatores extra-linguísticos (como gestos, expressões faciais, postura corporal). Ele força o pesquisador a se aproximar da língua, aprendendo sua gramática e o povo que a utiliza holisticamente, simultaneamente (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 30,31).

Além disso, outra razão para fazer um trabalho monolíngue é mostrar profundo respeito pela língua que se estuda. Isso emerge quando o povo em questão percebe que o pesquisador está evitando línguas que podem ser vistas como “línguas de dominação”. (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 31)

E, finalmente, outra razão para se trabalhar sem uso de língua franca é o fato de não ter escolha. Isso aconteceu com um dos autores, Everett, quando trabalhou com os Pirahã, no Brasil (EVERETT; SAKEL, 2012, p. 30).

Os autores dão ideias para um trabalho de campo (prototípico) monolíngue: eles dizem que é uma boa ideia começar a elicitación monolíngue com objetos da natureza. Então eles dizem para o pesquisador pegar folhas, gravetos, pedras, ossos ou outros itens para começar. Falam para o pesquisador tentar descobrir seus nomes apontando para eles e dizendo quais são seus nomes na sua língua (no meu caso, primeiramente pensei em usar a LIBRAS, que não seria então uma língua franca, visto que os informantes não a conhecem, mas uma língua mais próxima de sua modalidade de comunicação, uma língua de sinais, visto que a língua portuguesa provavelmente eles teriam dificuldade de associar com os referentes). Eles dizem para o pesquisador não apenas grunhir, mas para usar sua língua livremente. Depois recomendam repetir o que foi falado pelo informante, para correção. Após isso, recomendam dizer a palavra de novo deixando, por exemplo, a pedra cair no chão e escrever (não usar o gravador ainda, apenas papel e os ouvidos) o que ouviu, e depois dizer novamente.

No meu caso, usei câmeras (posicionadas em tripés) desde os primeiros momentos, pois estou estudando uma modalidade de comunicação visual, então, obviamente, é bastante complicado lidar com objetos, observar os sinais do informante e anotar tudo praticamente ao mesmo tempo. Eu poderia parar para anotar, mas tinha pouco tempo para estar com o informante e achei que poderia ser constrangedor ou incômodo pedir a toda hora que ele me desse um tempo para anotar os sinais que ele usou, principalmente por ser a primeira vez que nos falávamos, por ainda não termos uma convivência que o deixasse bastante confortável com a situação. Devido ao fato de estar em uma situação específica, adaptei as recomendações dos autores, seguindo as sugestões de minha orientadora. O que me propus a fazer então, foi o seguinte, na coleta de dados monolíngue:

- Dizer "eu Priscilla (meu sinal)" e perguntar "e você"? Até que o informante responda com seu sinal.
- Depois disso, perguntar o nome de objetos naturais para a realidade deles, como "colar", "tiara", "pulseira", "elástico de cabelo", "pedra", "graveto", "folha" etc.
- Após isso, depois de mostrar um por um e saber os sinais, mostrar cada um aos pares e procurar saber o plural de cada um e numerais.
- Para descobrir os "verbos", fazer diferentes coisas com os objetos. "Colocar o colar", por exemplo. "Tirar o colar". "Jogar no chão". "Pegar do chão". "Quebrar", "engolir", "jogar em cima de uma mesa", depois "jogar em cima de uma cadeira". São ações possíveis para eles, para as quais provavelmente existe representação por meio de sinais. Anotar tudo. Primeiro

fazer isso com um, depois com dois e mais objetos ao mesmo tempo. Os autores dizem que isso pode fazer com que o pesquisador descubra numerais e números, artigos, etc. Depois conferir com outros informantes e com os mesmos, usando os sinais em outras situações que tiverem o mesmo objeto ou verbo.

- Trabalhar cores e tamanhos. Mostrar dois objetos diferentes, como um graveto e uma folha e deixá-los cair no chão.
- Verbos transitivos: bater em si mesmo e depois fingir que bate no informante (se houver liberdade para isso) é uma ideia interessante.
- Trabalhar com verbos intransitivos como pular.
- Mostrar histórias em quadrinhos e observar os sinais que são usados para explicá-las, reproduzi-las.

Esses métodos foram adaptados e usados, gerando dados essenciais para essa pesquisa, como será visto nas próximas sessões. Aliados a eles, estão os conselhos dos autores para o primeiro dia de estada na aldeia, para o pesquisador. Essas orientações são úteis no primeiro dia e algumas delas foram adaptadas a outras situações posteriores, também. Sakel e Everett dizem o seguinte: “quando você vai pela primeira vez fazer um trabalho de campo, com pessoas que não te conhecem, o primeiro dia é crucial. Eles irão saber sobre você, e você saberá sobre eles”. Eles pontuam que para tornar esse encontro o mais proveitoso possível, há coisas que o pesquisador pode fazer: primeiramente, estar preparado. Ler muito sobre o povo com quem vai trabalhar: saber sobre a língua e a situação linguística dele. O primeiro dia, segundo Sakel e Everett, é quando os informantes vão formar sua opinião sobre o linguista. Vão procurar saber se o pesquisador é uma pessoa confiável, uma boa pessoa. Vão querer saber quais são seus propósitos ali e quão aberto a aproximação ele é. Vão querer saber se o linguista é uma pessoa que as pessoas querem conhecer melhor. Os autores afirmam que, linguisticamente, o pesquisador impressiona mais positivamente se aprender logo frases na língua. Os autores recomendam ouvir e procurar imitar para aprender o que os falantes dizem enquanto desfaz as malas. Eles dizem também que algumas vezes é difícil saber como agir. Por exemplo, se alguém te pedir algo que é seu e você der, se você vai ser visto como "bobo" e vai ser sempre obrigado a dar suas coisas, ou se vai ser visto como uma boa pessoa e não vão mais te pedir nada. Uma maneira de lidar com isso é observando outros, perguntando a outros, lendo e aprendendo com experiências de outros. O primeiro dia não é apenas de aprendizado linguístico. Também é dia de desenhar mapas da comunidade, aprender quem é o líder local, se

existir um e também falar com ele. Se possível, falar com o líder antes de ir e explicar seus objetivos e saber as aspirações dele e da comunidade. O linguista deve saber também como deve pagar por seus gastos, onde conseguir água, etc. Fotos também ficam melhores nesse estágio. Também é hora de aprender frases metalinguísticas como "o que é isso"?, "o que ela está fazendo"?, e "quando você vai?". Sakel e Everett (2012) aconselham aproveitar esse dia ao máximo, ele nunca vai se repetir, e os outros dias não serão nem um pouco parecidos com ele.

Meu foco, a princípio, em relação à pesquisa de campo, foram as aldeias de Cachoeirinha, Babaçu, Argola e Morrinho, próximas ao município de Miranda, estado do Mato Grosso do Sul, onde a língua oral indígena é amplamente falada (com exceção da aldeia Babaçu) e onde conheci pessoas surdas cujos sinais me interessaram. Apesar do atual destaque dado e das discussões realizadas em torno da LIBRAS e de outras línguas de sinais, uma língua indígena de sinais é fato raro no país. Dificilmente tem divulgação na mídia, o que seria fundamental para garantir ainda mais os direitos desses grupos minoritários.

No ano de 2011 foi realizada a primeira viagem a campo. Trabalhei somente na aldeia de Cachoeirinha, com a devida autorização da comissão de professores e do cacique, sob a orientação de minha orientadora, professora Cristina Martins Fargetti, e com o apoio de Denise Silva, pesquisadora da língua oral terena, que me apresentou aos meus informantes e seus familiares. Percebeu-se que existem várias pessoas surdas na comunidade e tive notícia de que existiam mais surdos em aldeias próximas, como Babaçu, Argola e outras. Esses surdos e suas famílias foram receptivos à minha proposta.

A maioria dos surdos com quem conversei pela primeira vez sinalizava em LIBRAS, apesar de apenas dois deles utilizarem a língua com bastante fluência. Conversei com os familiares dos surdos, questionando-os acerca do tipo de surdez de seus filhos, sua situação escolar, suas atividades sociais e sua forma de se comunicar. O estudo da cosmovisão dessas pessoas, das línguas que utilizam, gera preocupação e uma sensação de integração na comunidade. Os surdos não são excluídos propositalmente: professores das escolas indígenas e, principalmente, as famílias desejam se aproximar e conhecer, de fato, quem são esses terena que não falam português nem terena. Outras famílias, porém, com outros membros surdos, ainda seriam contatadas numa próxima visita à aldeia e consultadas sobre o desejo de participar do projeto, para uma maior coleta de dados e melhor análise da situação, até mesmo do ponto de vista demográfico, na medida do possível.

A segunda viagem a campo ocorreu no segundo semestre do mestrado, em agosto de 2012. Tive a oportunidade de conhecer outros surdos terena e rever os que já havia conhecido

no período de aproximadamente 15 dias que passei na aldeia de Cachoeirinha e também 3 dias em Campo Grande, onde residem atualmente três informantes desta pesquisa. No total, contei com dados de 13 informantes surdos terena no mestrado, além da participação de alguns de seus parentes ouvintes. Dois dos informantes são oralizados e fazem leitura labial da língua portuguesa. Alguns dos outros informantes fazem leitura labial também, mas de poucas palavras, da língua terena. Entretanto, a bibliografia consultada e minha experiência como intérprete para surdos me permitiram perceber que, de fato, a língua mais natural para o surdo e em geral mais apreciada por ele é a de sinais.

Subsidiar a comunidade com oficinas de curta duração (aproximadamente dois dias) sobre línguas de sinais e educação de surdos, que foi um pedido formal feito a mim por parte da comissão de professores, também foi parte do projeto, pois colabora para a integração dos surdos – que também participam das oficinas - aos ouvintes da comunidade e oferece a oportunidade de analisar como isso é possível por meio da língua apropriada e do combate ao desconhecimento que gera preconceitos. Além disso, é uma oportunidade de presenciar o uso de sinais terena no contato dos surdos com outros ouvintes além de seus familiares. Esses momentos possibilitam coleta e discussão de dados valiosos.

Em 2011, uma oficina com conceitos básicos sobre línguas visuais, o surdo e a surdez foi ministrada por mim na escola estadual Cacique Timóteo – uma escola da aldeia Cachoeirinha. Em 2012, preparei uma oficina sobre a História da Educação dos Surdos no Brasil e ao redor do mundo, a surdez do ponto de vista das famílias de surdos e diferentes línguas de sinais, incluindo as indígenas. Essa oficina foi realizada nas aldeias de Cachoeirinha, Babaçu e Argola, sendo que nesta última contamos com a presença dos professores da aldeia Mãe Terra. Os professores e os surdos terena receberam essas oficinas com entusiasmo. Em 2014, foi feita uma nova viagem a campo e uma nova coleta de dados. Dessa vez, foi possível coletar mais sinais terena, sem tanta interferência da LIBRAS, resultando em uma coleta mais produtiva.

Como já dito, o trabalho envolve duas visões de mundo distintas, a surda e a ouvinte terena, mas que caminham juntas, nesse caso. Pretendo, de maneira geral, poder colaborar para que ocorram mudanças positivas na comunidade indígena e também na sociedade ouvinte urbana em relação à língua e à cultura dos surdos.

Dialogando com a direção, a coordenação, professores, funcionários e colegas das escolas onde alguns jovens surdos estudam na cidade de Miranda, nas três viagens a campo, foi possível perceber que, apesar de as escolas serem “referência em educação especial” locais,

como a própria coordenação destaca, os alunos surdos sofrem, sim, com o preconceito e a falta de conhecimento da sociedade envolvente.

Gostaria de trabalhar, se fosse possível, com mais surdos terena, mas optei por trabalhar com os terena da região de Miranda-MS, cujas famílias e comunidade em geral demonstraram grande interesse e primeiramente concederam não só a ideia mas grande apoio para o projeto. Seria muito difícil, com os recursos que tinha, trabalhar em outras regiões além desta, mas concluo que o trabalho com surdos terena dessas aldeias pode ser relevante e útil no trabalho com surdos terena de outras regiões, bem como futuros trabalhos de pesquisadores, professores, intérpretes e familiares de surdos de outras etnias.

A partir da recepção que tive na aldeia, tanto em 2011 quanto em 2012, de cada família de surdo terena (informantes) e também a partir de vários pedidos e relatos feitos por professores indígenas das aldeias Cachoeirinha, Babaçu, Argola, Morrinho e Mãe Terra, e do trabalho intenso feito com Ondina, mãe de três informantes surdos, ficou clara a preocupação e o desejo de toda a comunidade de aprender LIBRAS e a língua terena de sinais, além de conhecer mais sobre a cultura e a cosmovisão dos surdos terena, o que nos confirma, portanto, a relevância do trabalho.

Em julho de 2011, viajei a campo para coleta de dados inicial, para posteriormente desenvolver projeto de mestrado. Não foi possível ficar na aldeia. Fiquei, entretanto, em casa de uma pesquisadora da língua terena, localizada a vinte minutos aproximadamente, de carro, da aldeia.

Como não fiquei hospedada em casa de família na aldeia, apesar de realizar trabalho de campo todos os dias, a convivência não foi tão intensa, e, portanto, a observação de várias questões não pôde ser tão aprofundada em função do tempo e relação com os informantes.

Nesse período em 2011, pude conhecer seis surdos terena, e conversar com os familiares de quatro deles. Everton, Elcio e Maria Elisa são três jovens irmãos. Jennifer, que tinha apenas cinco anos na época. Conheci também Nilton, surdo terena que nesse período morava em Miranda-MS e o jovem Hudson, que mora com sua família em Campo Grande-MS, mas que passava as férias na casa de sua avó, na aldeia. As famílias de Elcio, Everton e Maria Elisa e de Jennifer mostraram grande preocupação com as questões relacionadas à língua a ser utilizada ou a ser adquirida, no caso de Jennifer, por seus filhos. Apesar de nenhum dos familiares falar LIBRAS, pôde-se perceber interesse em aprender essa língua e conhecer mais sobre a cosmologia do mundo surdo. Os pais se preocupam com a educação escolar de seus filhos e com seu desenvolvimento social e cultural, dentro e fora da aldeia. Jennifer ainda não havia

adquirido nenhuma língua, como pode perceber, pois nenhum parente próximo conhece a LIBRAS e ela também não estava sendo oralizada em português nem em terena. Os pais desejavam matriculá-la na escola, apesar de se preocuparem com a questão linguística, mas planejavam colocá-la na escola “da cidade” (em Miranda-MS) no ano seguinte, onde ela teria mais assistência de uma professora que domina LIBRAS (que pude conhecer em 2012).

Os pais de Elcio, Everton e Maria Elisa igualmente se preocupavam com a educação escolar de seus filhos, apesar de eles já serem jovens e estarem avançando cada vez mais no aprendizado da LIBRAS, estudando com a intérprete na escola. Foi possível notar, entretanto, que, apesar de adquirirem a LIBRAS apenas no início da adolescência, sua cognição não foi afetada. Suas relações e entendimento com a família e vizinhos e outras pessoas da comunidade não parece ser prejudicada por questões linguísticas. Nessa época, não foi possível coletar nenhum sinal diferente da LIBRAS, apesar de questionar acerca da existência desses na comunidade. Todavia, os dados de viés antropológico, cultural, educacional e social são também relevantes para a pesquisa.

Um dos informantes se mostrou bastante tímido, mas conversou comigo um pouco em LIBRAS. Outro, mais velho, mostrou grande fluência na LIBRAS e oralização em português. Um jovem surdo terena conversou em LIBRAS e outros dois quase não conversaram em LIBRAS ou fizeram tentativa de utilizar outros sinais. Entretanto, pude observar em uma ocasião, em campo, um diálogo intenso que parecia rico em significados entre Tainara e uma amiga, com sinais que eu desconhecia, sinais que não pareciam pertencer à LIBRAS. Isso aumentou a suspeita e hipótese de que existiam sinais conhecidos e utilizados apenas por surdos e ouvintes desse povo.

Em 2012, hospedada em casa de uma família na aldeia de Cachoeirinha (família de Ondina e S. Gildo, pais de três informantes surdos: Elcio, Everton e Maria Elisa), foi possível fazer uma observação bem mais acurada de dados culturais, antropológicos, sociais, educacionais e também linguísticos. Pude conhecer, nessa viagem, 13 surdos terena, que trabalharam como meus informantes, muitas vezes acompanhados de seus familiares e de outros surdos. Muitas vezes também visitei as famílias de surdos acompanhados por Ondina, que é professora de língua terena em uma escola da aldeia Cachoeirinha, muito conhecida e querida na comunidade. Isso facilitou o contato com os surdos e suas famílias nas aldeias em que trabalhamos. Conversando com os ouvintes em português (visto que todos falam a língua portuguesa fluentemente, além do terena) e procurando estabelecer diálogo com os surdos em LIBRAS, pude perceber que nem todos conhecem a língua brasileira de sinais, mas alguns se

comunicam com seus parentes e outros surdos utilizando outros sinais. Buscava, então, realizar a coleta a partir do tratamento de assuntos do cotidiano, como trabalho, educação, família e outros com esses surdos. Quando não compreendia os sinais, os familiares faziam a interpretação para o português para mim e algumas vezes os próprios ouvintes se prontificavam a me ensinar os sinais diferentes, principalmente ao perceber que os surdos muitas vezes se sentiam constrangidos por utilizar sinais diferentes da LIBRAS. À medida que mais informantes eram consultados, mais sinais eram aprendidos. Calculam-se hoje diversos sinais descobertos, que, como já dito, decidimos nomear de “sinais terena”. Os mesmos sinais várias vezes foram encontrados em uso por surdos de aldeias diferentes. Um desses surdos é uma senhora de mais de 70 anos de idade. Portanto, percebeu-se a necessidade atual de descobrir como surgiram esses sinais na comunidade, qual a sua origem, de que maneira se propagaram, se tornaram conhecidos e utilizados. É necessário saber se há um padrão no uso deles e talvez fazer um estudo com o uso de estatísticas, para reconhecer esses padrões.

Nessa viagem em 2012, também pude fazer um debate sobre o filme “Seu nome é Jonas”, que trata da relação de um garoto surdo com sua família e a sociedade em geral. Pude coletar dados importantes para o entendimento de como essas relações se dão nas aldeias já citadas a partir de debates e de questionários que foram preenchidos após a exibição do filme.

Em 2014, consegui coletar diversos textos com surdos terena que só utilizam os sinais terena no seu cotidiano, ou seja, com surdos que não sabem LIBRAS, o que se mostrou muito produtivo.

Em 2016, tive alguns informantes ouvintes mais uma vez: toda a família de Tainara e Beбето, especialmente sua mãe, Ondina, e uma de suas irmãs, Edmara (cujo nome terena é Baby). Também colaboraram com a coleta de dados outros ouvintes, como a mãe de Jennifer, Dona Luciana, a mãe de Jucilene, Dona Cida, e os irmãos de Dona Ximi. Porém, os informantes mais ativos da pesquisa foram, nesse ano, seis surdos terena, que apresento com detalhes a seguir.

Em 2016, também foi feita uma primeira visita a surdos terena e seus familiares na Terra Indígena Araribá, localizada na cidade de Avaí, estado de São Paulo. Alguns dados sobre uma possível língua de sinais terena usada nessa região foram coletados, porém não puderam ser apresentados neste ou em qualquer outro trabalho acadêmico por falta de autorização dos responsáveis pelos informantes.

3.3 Método de trabalho

Meu método foi baseado na leitura e análise das obras já citadas até o momento, dentre outras. Além disso, procurei fazer trabalhos de campo cuidadosos, com respeito ao tempo e à cosmovisão terena e surda. Um trabalho de campo bem preparado e realizado é muito importante para uma boa coleta de dados.

A princípio procurei conhecer a vida de meus informantes surdos. Como era seu dia a dia, quais eram seus gostos e preferências. O trabalho foi, na maior parte do tempo, bilíngue. Para os informantes que sabiam LIBRAS, eu fazia as perguntas nessa língua. Para conhecer melhor os informantes que não sabiam LIBRAS, eu contava sempre com a ajuda de um intérprete: alguém que interpretasse as informações para mim em português ou em LIBRAS (no caso de intérpretes terena surdos). Isso me permitia formular perguntas mais adequadas posteriormente, pois eram adequadas à realidade deles. Se algum deles me dizia que gostava de futebol, por exemplo, eu fazia mais perguntas posteriormente procurando entender melhor os sinais para “gostar” e “futebol”. Tentava descobrir, por exemplo, como sinalizavam NÃO-GOSTAR, perguntava onde a pessoa jogava, em que horário, quando ela tinha jogado, quando ia jogar de novo, para então descobrir mais sinais. Com os surdos terena que falam LIBRAS, as coletas iniciais foram desafiadoras, pois eles queriam conversar comigo apenas nessa língua.

Como já foi pontuado na seção I, os terena já foram e até hoje são alvo de muito preconceito, de desprezo. Esse preconceito foi interiorizado e transformado num preconceito às avessas, deles contra eles mesmos, contra sua própria cultura e língua oral. Não é de se espantar, portanto, que os próprios surdos terena acreditem que a LIBRAS, língua de sinais majoritária do país, seja superior ao sistema de comunicação criado por eles. Apesar de eu explicar diversas vezes que a minha pesquisa era sobre os sinais deles e não sobre LIBRAS, e que não existe uma língua superior à outra, eles demonstravam resistência quanto a seus próprios sinais. Os informantes surdos que nunca estudaram LIBRAS, em sua maioria, demonstraram menos resistência em me mostrar os sinais, porém os ouvintes que faziam a interpretação desses sinais demonstravam muito constrangimento e apresentavam, por sua vez, essa resistência. Talvez seja por não se considerarem “os donos da língua” (de sinais), mas provavelmente esse comportamento se deve a todo histórico de preconceito e perseguição social que já sofreram. Além disso, esses informantes que não falam LIBRAS têm, em geral, menos tempo disponível para a coleta de dados. Isso dificultou o desenvolvimento da pesquisa. Foi necessário realizar

diversas adaptações ao longo de cada trabalho de campo para que dados de qualidade fossem coletados. Após esse primeiro momento, de conhecer melhor a realidade dos informantes e elicitando dados baseados nesse conhecimento, de maneira bilíngue, passei a utilizar outras técnicas para as coletas. Foi percebida a necessidade de se fazer um trabalho, na medida do possível, também monolíngue. Criei um material com diversas imagens selecionadas de campos semânticos diferentes, para perguntar a cada um deles como era o sinal para aquele referente. Isso me permitiu, além de conhecer os sinais terena para cada um daqueles itens, perceber melhor a variação na realização de alguns deles, o que eu já havia constatado anteriormente. Assim, foi possível perceber se há um “padrão” no uso desses sinais entre os terena, ou se há muitas diferenças, o que poderia caracterizá-los como sinais caseiros. Foi necessário, porém, cuidado na escolha de cada uma dessas imagens, que seriam mostradas aos informantes. Mais uma vez, não faria sentido perguntar sobre objetos que não fazem parte da realidade deles, portanto foi feita uma pesquisa sobre a fauna, a flora, alimentos e outros itens da região em que habitam e que eu sabia, por experiência própria, que faziam parte da realidade dos terena. Esses itens foram mostrados, enquanto eu perguntava “o que é isso?” em sinais terena (que já havia aprendido). As respostas foram filmadas e depois, na medida do possível, os sinais foram fotografados, ainda na aldeia.

Após coletados e filmados os sinais com os surdos principalmente, e também com ouvintes que usam esses sinais, fazia uma transcrição inicial do que havia filmado em cada dia de trabalho no caderno de campo e fotografava cada sinal na medida do possível, tirando dúvidas com os informantes ainda em campo. Posteriormente, os vídeos foram assistidos e outros sinais transcritos usando a língua portuguesa, sendo anotado cada parâmetro de cada um.

Ainda não existe um consenso entre pesquisadores de línguas de sinais sobre qual a melhor forma de transcrever os dados dessas línguas. Essa questão da transcrição, e também da padronização e informatização de dados de língua de sinais em uso natural tem chamado atenção dos linguistas (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, p. 265). Geralmente, no Brasil, os sinais da LIBRAS são transcritos em português. As glosas são as palavras do português que o linguista considera como mais próximas dos sinais da LIBRAS, e para serem diferenciadas de outras palavras do texto, elas são escritas em caixa alta. Se formos analisar o sinal que representa a palavra “terena” do português, por exemplo, devemos escrever a glosa em caixa alta (TERENA) e em seguida colocar a imagem ou a sequência de imagens que representa(m) o sinal em sua forma de citação, em geral. Sabe-se que os sinais podem mudar de acordo com o contexto em que são usados, como acontece com as palavras das línguas orais. Portanto, para

facilitar a análise o linguista escolhe uma forma “neutra” do sinal, ou seja, que poderia ser usada em diversos contextos e adaptada, e a apresenta com imagens. Depois das imagens em geral são colocadas descrições dos parâmetros dos sinais em português. São escritas, então, as características da configuração de mão do sinal, as características da locação do sinal e assim por diante. Alguns pesquisadores transcrevem os sinais por meio de símbolos e outros por meio de Sign Writting. Entretanto, deve-se considerar o fato de que esses símbolos e principalmente o Sign Writting, por ser um sistema de escrita, ou seja, um sistema limitado de representação dos sinais, podem simplificar demais as características desses sinais.

Neste trabalho, considere que a melhor opção seria apresentar as glosas em português e apresentar as imagens de seus respectivos sinais. Os sinais terena já fotografados foram analisados novamente e os pares mínimos foram separados. Eles foram percebidos na coleta, por meio de permuta de parâmetros, como configuração de mão e movimento, como sugerido por Cagliari (2002). Também pensei em um modo de viabilizar ainda mais essas descobertas: sabendo que nas línguas de sinais, de maneira geral, alguns sinais de determinados campos semânticos são feitos sempre em contato com ou próximos de uma mesma área do corpo (FERREIRA, 2010, p. 38), a última coleta de dados foi feita, em alguns momentos, por campo semântico. Ferreira pontua que sinais que envolvem a visão, por exemplo, são feitos perto dos olhos; os que se referem à alimentação, perto da boca; os que se referem a sentimentos, perto do coração e assim por diante. Procurei, portanto, coletar sinais que imaginei estarem relacionados à “área da cabeça” (como PENSAR, ESQUECER) um após o outro, por exemplo, pois já imaginava que a locação seria a mesma, e os parâmetros movimento e configuração de mão e orientação da mão é que sofreriam mais mudanças. Assim, foi possível descobrir alguns pares mínimos e alguns sinais que não são pares mínimos, mas são pares análogos. Alguns desses sinais serão apresentados na seção IV.

3.4 Informantes surdos terena⁵

Como já dito na introdução, neste trabalho são identificados os informantes surdos da pesquisa. Existe uma polêmica entre estudiosos de línguas indígenas, que se perguntam se os informantes de uma pesquisa devem ser identificados ou não nos trabalhos científicos.

⁵ Todas as imagens foram feitas e publicadas com a autorização formal dos informantes da pesquisa ou seus responsáveis e os créditos foram dados aos seus respectivos autores.

Certamente há uma preocupação com a privacidade de cada informante. Entretanto, parece existir um consenso no sentido de que, de alguma maneira, os informantes devem ser reconhecidos como donos daquela língua que expuseram, que compartilharam. Apesar do conhecimento científico que o torna capaz de coletar e analisar dados ser, geralmente, apenas do pesquisador, seu trabalho não seria possível se seus informantes não o recebessem em suas casas e expusessem a sua língua.

No caso das línguas de sinais, ainda existe uma questão extra a se acrescentar no debate: a imagem dos informantes aparece obrigatoriamente nos trabalhos, quando são apresentados os dados, por uma questão de modalidade linguística (porque as línguas de sinais são visuais). Então, de qualquer maneira, o informante será revelado, ainda que seu nome não seja citado. Alguns pesquisadores tentaram apresentar seus dados escondendo o rosto de seus informantes (borrando a imagem com recursos de programas informáticos), porém isso prejudica a análise de dados, visto que a expressão facial faz parte da gramática das línguas de sinais. Outros tentaram mostrar os dados por meio do Sign-Writing, uma proposta de escrita para as línguas de sinais, inclusive para a LIBRAS, porém esse recurso dificulta ainda mais a compreensão da análise feita, visto que um sistema de escrita é, comumente, uma representação limitada de uma língua, e não traz apropriadamente em si as características gramaticais desta. Ainda existe a possibilidade de o próprio pesquisador ser o fotografado, mostrando os dados que coletou, no caso de os falantes não desejarem expor sua imagem, sem dano algum para as análises do leitor, portanto. Entretanto, os surdos terena aqui apresentados não impuseram essa restrição. Conseqüentemente, neste trabalho, são colocadas as imagens e o primeiro nome dos informantes, como forma de referenciá-los científica e socialmente, como fornecedores dos dados da pesquisa.

Apresento os informantes mais ativos da pesquisa a seguir, considerando que eles são os donos do conhecimento no que se refere à língua de sinais terena. Com isso, não quero dizer que eles sejam linguistas, pois não têm essa formação, mas honro seu papel de possuidores e usuários de uma língua, criada por seu povo e confiada a mim para que eu pudesse desenvolver este trabalho. As fotografias foram feitas por Adna Reises e Edgar Rodrigues.

Figura 6 - Tainara (Maria Elisa)



Fonte: a autora

Tainara tem 20 anos de idade. É a terceira de três filhos surdos que Ondina e Seu Gildo tiveram (eles também têm 4 filhos ouvintes). Foi para a escola com 7 anos. Recentemente parou os estudos no Ensino Médio para cuidar de seu filho recém-nascido. Conversa com as primas e amigas na aldeia, amigas e parentes que nunca aprenderam LIBRAS. O pai de seu filho também é terena e surdo, mas mora em Campo Grande. Tainara aprendeu LIBRAS com intérpretes nas escolas que frequentou na cidade de Miranda, pois ninguém de sua família fala essa língua.

Figura 7 - Bebeto (Everton)



Fonte: a autora

Bebeto tem 25 anos de idade. Segundo dos três filhos surdos que Ondina e Seu Gildo tiveram. Foi para a escola com 8 anos de idade. Concluiu em 2016 o Ensino Médio, depois de muitas

dificuldades, por ter que aprender a LIBRAS ao mesmo tempo em que tinha que aprender o conteúdo das disciplinas escolares. Dirige o carro da família na aldeia e tem muitos amigos. É talentoso jogando futebol. Aprendeu LIBRAS com intérpretes nas escolas que frequentou na cidade de Miranda, pois, como já dito, ninguém de sua família fala essa língua.

Figura 8 - Ju (Jucilene)



Fonte: a autora

Jucilene tem 18 anos de idade. Única filha surda de seus pais. Gosta de estudar, ajuda a mãe nos afazeres domésticos e gosta de ir à igreja (evangélica). Também aprendeu LIBRAS com intérpretes nas escolas que frequentou na cidade de Miranda, pois ninguém de sua família fala essa língua.

Figura 9 - Lalu



Fonte: a autora

Lalu tem 45 anos de idade. Único surdo de sua família. Trabalha cortando cana-de-açúcar e em outros serviços. Sofre de diabetes, mal que está se tornando comum entre os terena, o que o faz ficar bastante abatido às vezes. Nunca estudou na cidade, apenas poucas semanas em uma escola indígena, e depois parou, pelos mesmos motivos de Jennifer. Ele nunca aprendeu LIBRAS (ninguém de sua família fala essa língua).

Figura 10 - Dona Ximi (Beatriz)



Fonte: a autora

Dona Ximi tem 72 anos de idade. É a única surda de sua família. Mora com seu sobrinho em Campo Grande, mas sempre visita a aldeia Argola (onde coletei dados com ela). Por sua idade, conclui-se que os sinais terena podem ter começado há muitos anos. Perdeu o marido há muitos anos e seu único filho. Nunca estudou na cidade, e nem em uma escola indígena. Ela nunca aprendeu LIBRAS (ninguém de sua família fala essa língua).

Figura 11 - Giane



Fonte: a autora

Giane tem 25 anos de idade. Única surda de sua família também. Mora com seus pais e seu filho, na aldeia Cachoeirinha. Trabalha cuidando de sua avó. Nunca estudou na cidade nem na aldeia. Nunca aprendeu LIBRAS. Apenas aprendeu alguns sinais da LIBRAS com Tainara. As duas são amigas próximas.

Jucilene, Beбето e Tainara conviveram durante muitos anos todos os dias da semana com outros surdos terena: Elcio, o outro irmão surdo de Tainara e Beбето, e também com Regiane, outra informante surda de Babaçu. Elcio e Regiane não participam mais da pesquisa por terem se mudado para Campo Grande. Eles tiveram essa convivência por irem todos os dias juntos até a cidade para suas escolas (uma escola estadual, no caso de Regiane e Jucilene, e a municipal, no caso dos outros informantes). Agora, Regiane está em outra cidade e Tainara parou os estudos por enquanto para cuidar de seu filho em tempo integral, mas Jennifer está estudando também na cidade, portanto convive todos os dias com Jucilene e Beбето. É relevante destacar esse fato pois essa convivência ao longo de anos pode ter sido a responsável pela transformação gradual de sinais caseiros desses surdos, de famílias diferentes, em uma língua, juntamente com a convivência com Giane, Lulu e Dona Ximi e seus familiares no dia-a-dia das aldeias. Como ficou claro, apenas alguns surdos aprenderam LIBRAS, enquanto outros nunca aprenderam essa língua. Alguns surdos terena aprenderam a LIBRAS após a fase ideal de aquisição da linguagem, o que leva a supor que, como não tiveram nenhum prejuízo cognitivo, já faziam uso de outra língua antes do aprendizado da LIBRAS. Nas seções IV e V, serão analisados os sinais criados por eles e mostradas as diferenças entre eles e os sinais da LIBRAS.

3.5 Conclusões sobre a discussão metodológica

Como se pode perceber o trabalho de campo é algo essencial e muito importante numa pesquisa como essa. É preciso fazer todo o possível para se realizar um bom trabalho de campo, aproveitando cada momento para coletar dados sobre a língua. Essa pesquisa seguiu um modelo etnográfico, o que facilitou as descobertas e compreensão sobre a língua pesquisada, visto que língua e cultura são indissociáveis. O importante papel dos informantes da pesquisa também deve ser notado, e na pesquisa com LS esse papel fica ainda mais evidenciado, pois a língua é visual. Assim, identificamos essas pessoas (as que desejam isso), que possuem tanto conhecimento sobre a língua. Também é válido destacar que para coleta de dados e análise de dados para estudos fonológicos é de grande ajuda utilizar a técnica da comutação criada por Pike e também procurar desenvolver técnicas que facilitem a descoberta de pares mínimos e fonemas, como foi feito nessa pesquisa.

4. A FONOLOGIA DE LÍNGUAS ORAIS E DE LÍNGUAS DE SINAIS

4.1 Definição de língua, a língua terena de sinais e a fonologia de línguas orais

Não é tarefa fácil definir o que é uma língua. É algo tão complexo que nos impede de saber ao certo quantas línguas existem no mundo. Como diz Bortoni-Ricardo (2014, p. 9):

Quantas línguas existem no mundo? Essa é uma boa pergunta, mas lamentavelmente não há para ela uma resposta precisa. Estima-se que haja entre seis e sete mil línguas. Mas esse é só um número aproximado por dois motivos. Primeiro porque existem muitas línguas ainda não catalogadas na África, na Ásia e na América do Sul. Em segundo lugar, não é fácil identificar uma língua, porque as línguas não são homogêneas, usadas por todos os seus falantes da mesma maneira. Pelo contrário, elas comportam muita variação.

As línguas comportam tanta variação porque seus falantes têm diferentes tipos de conhecimento e experiência, diferentes visões de mundo, vivem em diferentes áreas e em diferentes momentos. Independente do recorte que será feito para possibilitar sua análise, toda língua deve ser estudada e respeitada, pois línguas são mais do que ferramentas para estabelecer comunicação, são, além disso, “reflexo da cultura de um povo” e “mecanismos de identidade” (SCHERRE, 2005, p. 10). Mattoso Câmara Jr. (1972 p. 53), tratando da indissociável relação entre língua e cultura, explica que as línguas são conjuntos de símbolos:

A criação humana, em relação à linguagem, que a torna um fato superorgânico ou de cultura, é aplicar permanentemente segmentos vocais concatenados com as circunstâncias a comunicar, isto é, dêles fazer SÍMBOLOS, e ao mesmo tempo tratá-los como elementos articulados, isto é, resultantes de unidades mínimas que nêles se repetem, mas distribuindo-se diferentemente (cf. ir - ri) ou intercambiando-se (cf. ri - li - vi etc.). Dessa simbolização e articulação resulta uma estrutura lingüística ou LINGUA. Portanto, a língua é um fato de cultura como qualquer outro; integra-se na cultura.

Concordando com o autor, deve-se acrescentar que essa é uma definição apropriada para as línguas orais, mas também para línguas de sinais, fazendo-se a devida adaptação em sua descrição dos segmentos. Basta que em vez de "segmentos vocais" pensemos em "segmentos gestuais" (gestuais porque os segmentos são feitos com as mãos, e não porque os sinais são gestos. Como já dito, gestos não são equivalentes aos sinais das línguas de sinais).

Uma das maiores dificuldades para os linguistas, quando se trata de uma língua ainda não estudada ou pouco estudada, é traçar a diferença entre língua e dialeto. Rodrigues pontua:

a diferença entre "línguas" e "dialetos" é pouco precisa, a ponto de às vezes dois idiomas estreitamente aparentados serem considerados duas 'línguas', enquanto outros, que não se assemelham tanto, são classificados como "dialetos". (RODRIGUES, 1964, p. 100).

Ele explica também que Swadesh (1964) sugere que sejam considerados dialetos as línguas que apresentam em seu léxico mais de 81% de cognatos (RODRIGUES, 1964, p.101). Porém, como é fácil concluir, é difícil conseguir uma quantidade de léxico razoável para se medir isso em línguas ou possíveis línguas nunca antes estudadas, como os sinais terena.

O mesmo linguista, conhecido por seu estudo de diversas línguas indígenas, diz posteriormente que, mesmo quando se tem um bom nível de conhecimento das línguas, ainda há problemas técnicos para sua descrição, como a definição de língua tendo como contraponto a definição de dialeto, e a diferença entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua (RODRIGUES, 2002, p. 19).

Linguistas especialistas em estudos históricos de línguas orais, como Berlinck, Barbosa e Marine (2008, p. 170) mostram que para a realização deste tipo de trabalho é necessário, seja em nível sincrônico ou diacrônico, consultar documentos escritos de épocas passadas para estabelecer relações temporais. Porém, a seleção dessas fontes é um desafio, já que elas podem possuir dados relevantes para o foco da pesquisa ou não.

Com as línguas de sinais, que são línguas naturais, como já dito, não seria diferente. Foi comprovado cientificamente que a LIBRAS, assim como outras línguas de sinais, possui variação linguística não só no nível lexical (CASTRO JÚNIOR, 2011), mas também no fonológico (XAVIER, 2011), sintático e em outros. Existem variações regionais da LIBRAS, percebidas por seus usuários e pesquisadores, porém é mais difícil percebê-las e registrá-las porque, ao contrário do que acontece com a maioria das línguas orais, línguas de sinais como a LIBRAS ainda não possuem escrita consolidada, ou seja, não possuem registros escritos para serem consultados.

Assim como acontece com o português e outras línguas orais, algumas de suas variedades costumam ser mais valorizadas enquanto outras tendem a sofrer mais preconceito. Já foi detectado que as variedades da LIBRAS mais difundidas no país são as de São Paulo e do Rio de Janeiro (PEREIRA, 2011, p. 3), por esses estados serem mais populosos e terem mais surdos, e também por nessas regiões ser produzida a maior parte de dicionários impressos e digitais da LIBRAS, dentre outros motivos. A questão da variação na LIBRAS é tão relevante que já existem trabalhos como os de Andrade (2013), que realizou um estudo sociolinguístico sobre a variação fonológica da LIBRAS, mostrando que essa língua falada em João Pessoa e Campina

Grande, duas cidades vizinhas no estado da Paraíba, apresenta sensíveis variações em todos os parâmetros fonológicos, em muitos sinais.

Na seção I, foi demonstrado que o povo terena tem sua história, sua cultura, sua visão de mundo que se diferencia em vários aspectos da visão do *purutuyé*. Essas particularidades levaram o terena a constituir sua língua oral, que é diferente da língua portuguesa e de outras línguas em diversos aspectos. Assim, imaginei que os surdos terena poderiam ter feito o mesmo: desenvolvido uma língua de sinais própria, particular, diferente da LIBRAS e de outras línguas de sinais. Entretanto, essa já citada dificuldade para diferenciar língua e dialeto me levou a questionar, a princípio, se os sinais usados pelos terena não constituiriam uma variedade linguística, um dialeto da LIBRAS, falado nessa região do Mato Grosso do Sul (já que eles estão constantemente em contato com o branco, ou seja, com falantes de LIBRAS).

Baseada no que consta na seção III, pensei que esses sinais também poderiam fazer parte de um pidgin, já que a princípio só conhecia surdos terena que também sabiam LIBRAS, que estavam em constante contato com surdos e ouvintes sinalizadores de LIBRAS, e pude perceber que eles compreendiam LIBRAS, usavam a LIBRAS em seu dia-a-dia e às vezes, usavam sinais diferentes dos conhecidos por mim para, em geral, nomear objetos, como “rede”, “árvore” e “mandioca”. Como eles demonstravam muito interesse pela LIBRAS e por estudar, pensei que talvez seu sistema de comunicação pudesse ser uma mistura de LIBRAS (em sua estrutura sintática, principalmente) com sinais criados por eles e suas famílias, formando um pidgin para a comunicação entre surdos terena e, principalmente, entre eles e surdos e ouvintes falantes de LIBRAS, como as intérpretes de LIBRAS-português de suas escolas em Miranda, maiores responsáveis por sua educação escolar.

Havia ainda outra possibilidade: a de que os sinais “diferentes” usados pelos surdos terena fossem sinais caseiros. Pfau (2010, p. 60) explica como surgem e o que são sinais caseiros. Segundo o linguista, estima-se que aproximadamente uma em cada 1000 pessoas é prelinguisticamente surda, isso é, nasceu surda ou se tornou surda antes de completar 1 ano de idade. Obviamente, devido à falta de acesso ao input auditivo, pessoas surdas não conseguem adquirir uma língua oral de modo natural. Línguas de sinais, então, são as línguas que melhor atendem as suas necessidades. Pesquisas mostram que crianças surdas passam pelo mesmo tipo de processo que ouvintes passam na fase de aquisição de linguagem, por exemplo, a época em que dizem as primeiras palavras, a época em que falam palavras compostas, cometem erros linguísticos como generalizações, substituições fonológicas e omissões. Aproximadamente 95% das crianças surdas têm pais ouvintes que não conhecem uma LS. Sem acesso a uma língua

natural desde o nascimento, essas crianças só adquirem uma língua de sinais quando entram em contato com surdos na pré-escola ou na escola. Pfau (2010) diz que ocasionalmente essas crianças desenvolvem sistemas de sinais caseiros, comparáveis a sistemas de comunicação simples que não exibem características de línguas de sinais naturais.

Esses sinais, também chamados de sinais emergentes, são considerados “línguas”, por alguns pesquisadores, como Gesser (2006) e Albanese (2015). Esse afirma:

dificilmente, quando a criança é percebida como surda, todas as pessoas que estão em volta dela se apressam para aprender Libras para conseguirem se comunicar com ela. Mas, mesmo assim, a criança não deixa de participar de sua esfera familiar e se comunicar com os adultos mais próximos. Entre a criança surda e os seus familiares ouvintes é desenvolvida uma língua de comunicação, usada somente por essa família, chamada de Língua Caseira de Sinais. Crianças surdas se tornam sujeitos falantes muitas vezes sem ter acesso nenhum ou muito limitado a Libras. Porém, quando essas crianças chegam à escola, a uma clínica fonoaudiológica ou ao centro de apoio pedagógico, como ela não fala Libras, nem fala Português, considera-se que ela não fala língua nenhuma (ALBANESE, 2015, p. 102).

Entretanto, como já apontado por Pfau (2010) e outros linguistas, os sinais caseiros não exibem características de línguas naturais, são constituídos muitas vezes por apontamentos e gestos utilizados por ouvintes em sua comunicação oral.

Como não sabia, a princípio, se os sinais usados pelos terena poderiam ser considerados uma língua ou não, se constituíam uma variedade regional de LIBRAS, optei por chamá-los inicialmente de “sinais terena”. Assim sendo, precisava encontrar ferramentas linguísticas para poder determinar o que seriam, de fato, esses sinais usados por surdos e ouvintes terena.

A Fonologia é uma área muito produtiva da Linguística quanto à análise de línguas nunca antes estudadas. Com línguas indígenas orais se utiliza principalmente o método fonêmico de descobertas, com o qual se faz a busca de pares mínimos e pares análogos, o que permite descobrir, portanto, fonemas e seus traços nessas línguas. Procurei encontrar na fonologia, então, respostas sobre o sistema de comunicação usado por meus informantes.

Saussure via a língua como um sistema no qual as relações entre os elementos têm uma importância fundamental” (PEDROSA; LUCENA, 2017, p. 15). Os autores relatam que, nessa perspectiva, a língua é tida como um sistema de relações estabelecidas a partir de oposições ou contrastes de formas, o que acabou gerando as bases para novas teorias fonológicas (conjunto que é chamado, de maneira generalista, de Fonologia Estruturalista) (PEDROSA; LUCENA, 2017, p.15). Eles explicam que, dessa forma, a unidade mínima de análise da fonologia estrutural é o fonema. Portanto, para apresentar a descrição fonológica de uma língua, é

necessário observar quais sons estão em oposição fonológica (PEDROSA, LUCENA, 2017, p.19). Cagliari (2002, p. 56) afirma que uma lista de palavras, por si só, não é muito confiável para se chegar a uma boa análise fonêmica; sugere que é mais interessante ter palavras, frases e até textos. Portanto, foi preciso aprofundar as coletas com informantes que nunca aprenderam LIBRAS e ratificar a importância da coleta de dados de sinais terena aos informantes que falavam também a LIBRAS.

Pensando que uma língua é um conjunto de partes mínimas que se combinam e se recombinam para formar novas palavras e partindo da hipótese de que os poucos sinais terena que conheci inicialmente poderiam fazer parte de um sistema maior, de uma língua, decidi usar o método de descobertas de Pike, pela fonêmica, que explica como fazer o levantamento dos sons que exercem função de fonemas numa dada língua por meio do teste de comutação. Segundo Cagliari (2002), para realizar esse teste deve-se substituir um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado.

Pode parecer inadequado, a princípio, usar esse método, tão usado para se fazer análise fonológica de línguas indígenas sem estudos anteriores, para estudar línguas de sinais. Entretanto, fazendo as devidas adaptações, é possível aplicar esse método para descobrir pares mínimos e, portanto, fonemas nas línguas de sinais. Pode soar estranho, para aqueles que não estão acostumados aos estudos linguísticos de línguas de sinais, aplicar termos como “fonologia” e “fonema” nesta pesquisa, porém, interpretando fonologia como estudo da menor parte que distingue significado de uma língua, é possível fazer essa correspondência.

Pfau (2010) explica que o termo “fonologia” também se aplica às línguas de sinais e porque: em linguística, fonologia é definida como o componente da gramática que investiga as menores partes de uma língua que podem distinguir significados mas não possuem em si significado. Essa definição, portanto, pode ser aplicada às LSs. Em outras palavras: a definição é independente de modalidade.

Segundo Pedrosa e Lucena, os meios para descrição linguística utilizados pela fonologia estruturalista para levantamento do inventário fonológico de uma língua passam necessariamente por técnicas de comutação e oposição (PEDROSA, LUCENA, 2017, p. 20). Pensando especificamente na fonologia de línguas de sinais, deve-se lembrar que o fonema não é concreto. Os fones sim, são concretos, mas não necessariamente sonoros.

Cagliari (2002, p. 24) explica como se faz o teste de comutação, que pode ser produtivo em pesquisas como essa:

A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite – através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado – fazer o levantamento de todos os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm.

Por esse método ser tão eficaz quando aplicado no estudo das línguas orais, decidi utilizá-lo na investigação e descrição dos sinais terena. Por meio dessa e de outra técnica, criada por mim (citada anteriormente), foi possível descobrir pares mínimos nos sinais terena, analisar seus fonemas, alofones e distribuição complementar. Antes de apresentar esses resultados, porém, faz-se necessário discutir a fonologia das línguas de sinais, com suas características próprias.

4.2 Análise fonêmica de uma língua de sinais

Segundo Pike (1975), a fonêmica é a contraparte da fonética. A fonêmica procura estabelecer uma técnica satisfatória para descobrir unidades pertinentes de som em qualquer língua, ou seja, fonemas.

Para atingir tal objetivo, existe um procedimento que deve ser feito passo-a-passo, de acordo com o linguista. Baseada na fundamentação teórica sobre línguas de sinais apresentadas anteriormente, afirmo que esse procedimento pode ser realizado de maneira igual nas duas modalidades linguísticas (modalidade oral e visual de língua), fazendo as devidas adaptações.

De acordo com Pike (1975), uma língua consiste em sons vocais sistematizados. Em uma língua de sinais as unidades espaço-visuais também estão organizadas sistematicamente, como veremos mais adiante, nas próximas sessões.

Esses sons vocais aos quais Pike (1975) se refere são produzidos por partes da boca, nariz, garganta e pulmões. Já as unidades gestuais (gestuais no sentido de serem produzidas pelas mãos, e não por serem partes de gestos), às quais faço referência neste trabalho, são produzidas por partes das mãos, braços, rosto e tronco.

Os pontos de articulação nas línguas orais são os lábios, os dentes, a ponta da língua, dentre outros. Nas línguas de sinais, os pontos de articulação, chamados de locação, podem ser a testa, o nariz, a boca, o peito, dentre outros.

Pike (1975) afirma que os sons não são causados por posições fixas do aparelho vocal. Na verdade, essas posições são muito fluidas, sem um intervalo no qual todos os articuladores estão em repouso. Os movimentos fluem de um som para o outro em uma combinação suave. Há um momento considerável de sobreposição, uma vez que os movimentos dos articuladores do primeiro som tendem a antecipar os movimentos que serão consumados no segundo, e assim

por diante. Isso também ocorre nas línguas de sinais. Pesquisas já comprovaram que os articuladores manuais e não-manuais (como as expressões faciais) também trabalham de maneira fluida entre uma parte de um sinal e outra parte, ou mesmo entre os sinais. Essas pesquisas já mostraram, por exemplo, que as configurações de mão podem sofrer diversas modificações de acordo com a próxima configuração de mão a ser usada pelo falante.

Pike (1975) pontua que quando se deseja analisar os sons de uma língua, o primeiro passo é gravar os dados fonéticos por meio de fórmulas fonéticas que representam a maneira pela qual os sons são produzidos. Ele lembra que o investigador certamente cometerá muitos erros; porém, se ele pensa que ouviu um som ou uma variedade de sons, ele deve registrá-lo. Se ele acha que ele ouve um R retroflexo, por exemplo, ele escreve isso. Independentemente de ele estar ou não errado, ele deve escrever os sons que ele acha que ele ouve. É a partir desses dados, ou esses dados revisados, que ele deve finalmente deduzir os fonemas da língua.

No caso da pesquisa com línguas de sinais, o procedimento é exatamente o mesmo. O pesquisador deve gravar em vídeo todas as suas coletas de dados. Nesse momento inicial e também; após isso, ele deve anotar quais são as configurações de mão, os movimentos, as locações e as expressões faciais que encontrou, porque fonemas em línguas de sinais podem ser encontrados dentro desses quatro parâmetros, como veremos a seguir, na seção sobre fonologia da língua de sinais terena. O pesquisador deve desenhar e fotografar os sinais e os parâmetros que encontrou (configurações de mão, os movimentos, as locações e as expressões faciais) dentro deles. Depois, com o auxílio de informantes, deve descobrir se modificando um desses parâmetros, o significado de um sinal mudará, e esse sinal passará a ter outro significado. Mais detalhes serão discutidos na subseção a seguir.

4.3 Fonologia de Línguas de Sinais

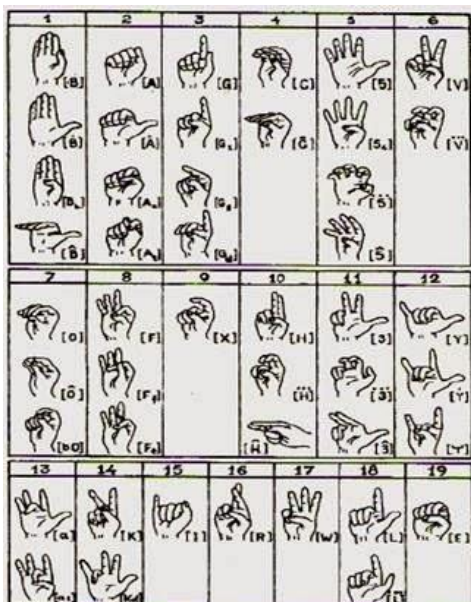
Stokoe (1960) propôs analisar os sinais da American Sign language (ASL) observando suas unidades menores, parâmetros que não possuem significado isoladamente. São eles:

- Configuração de mão: Refere-se à forma da mão, ou das duas mãos, ao produzir cada sinal.

A LIBRAS apresenta 46 CMs, segundo Ferreira Brito (ver Figura 12 a seguir), um sistema bastante semelhante ao da ASL, porém nem todas as línguas de sinais partilham o mesmo inventário de CMs. As CMs da LIBRAS foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente de acordo com a semelhança entre

elas, mas ainda sem uma distinção quanto a CMs básicas ou CMs variantes. Portanto, o conjunto de CMs apresentado a seguir refere-se apenas às manifestações de nível fonético, encontradas na LIBRAS.

Figura 12 – Conjunto de Configurações de Mão da LIBRAS



Fonte: Ferreira Brito (2010)

Muitos pesquisadores da LIBRAS têm usado o número ou a letra associada a cada uma dessas CM, ou mesmo uma pequena imagem com a CM específica dessa tabela para descrever morfologicamente ou fonologicamente esse parâmetro em um sinal. Para descrever os sinais neste trabalho, porém, optou-se por descrever a CM por extenso, em português, pois considerou-se o fato de os sinais terena serem diferentes dos sinais da LIBRAS, inclusive nesse parâmetro, e nunca terem sido descritos linguisticamente antes.

- **Locação ou Ponto de Articulação:** é o lugar do corpo onde o sinal será realizado. Pode ocorrer na região superior (cabeça ou pescoço), média (tronco) ou inferior (da cintura ao meio da coxa). Alguns pontos são mais precisos, como por exemplo a ponta do nariz, e outros são mais abrangentes, como a frente do tórax (FERREIRA BRITO; LANGEVIN, 1995). Parece ainda não existir um consenso sobre a descrição desses pontos de articulação.

- **Movimento:** alguns sinais necessitam de um movimento como bater, deslizar, apertar, girar, etc., para distinguir seu significado. Portanto, uma mão pode aproximar-se, afastar-se ou mover-se no espaço em frente ao corpo; uma mão movimentar-se em direção à outra, que funciona

como um apoio; a mão de apoio pode permanecer estática ou seguir o movimento determinado pela mão dominante ou as duas mãos podem fazer um movimento espelhado, aproximando-se ou permanecendo no espaço fixo em relação ao corpo.

Ferreira (2010) analisou os diversos tipos de movimento. Ela fez uma separação dos movimentos por tipo de Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semi-circular, sinuoso, angular, pontual; Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado. A autora diz que os movimentos podem ser de contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar. Eles também podem ser movimentos internos da mão: torcedura do pulso: rotação, com refreamento; dobramento do pulso: para cima, para baixo; Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo). Os movimentos também podem ter direcionalidade. Eles podem ser unidirecionais: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para um ponto referencial específico. Bidirecionais: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda. Os movimentos também podem ser analisados pela qualidade, tensão e velocidade, podendo ser classificados como contínuos, de retenção ou refreado. E finalmente, podem ser analisados pela frequência: podem ser simples ou repetidos. Contudo, o Movimento é um parâmetro complexo, que precisa ser mais analisado. Parece ainda não existir um consenso sobre a descrição desses tipos de movimento também, podendo existir uma pequena variação nesses termos em pesquisas diferentes.

Estudos posteriores ao de Stokoe (BATTISON 1974,1978), incluíram outros parâmetros fonológicos, descritos a seguir:

- Orientação: é a direção da mão no momento em que o sinal é feito. A direção na qual um sinal é realizado expressa um significado específico e sua inversão de direção pode, em diversos casos, expressar um significado contrário, como no caso de “ajudar” (que pode ser “eu ajudo” ou “eu sou ajudado”, dependendo da orientação), um significado diferente ou, em alguns casos, pode não ter nenhum significado.

- Expressão facial e corporal: muitos sinais precisam estar ligados a uma expressão facial e/ou corporal para dar o sentido apropriado ao referente que designam. Na maioria das vezes é inconsciente, porém natural para ouvintes e surdos apresentarem e modificarem estas

expressões, que acompanham o que falam e expressam como se sentem em relação ao que foi narrado. Essas expressões têm o papel de evidenciar desconfiança, veracidade, tristeza, alegria, depressão, dúvida e outros sentimentos.

Pfau (2010) explica o que são os fonemas e pares mínimos em linguística de línguas de sinais (por exemplo no sinal SUMMER e DRY em ASL, em que só o parâmetro locação muda). Foi sugerido que esses parâmetros, bem como os fonemas em línguas orais, são compostos por unidades menores. O pesquisador explica quais seriam essas unidades menores. Para configuração de mão, por exemplo, são definidos quais dedos são selecionados e qual a posição desses dedos. Então, assim como nos estudos de línguas orais, existem trabalhos de análise de segmentos (Fonologia Autossegmental) de línguas de sinais.

Já foi constatado que os sinais das línguas visuais possuem estrutura interna e são formados por, no mínimo, uma configuração de mão, uma orientação da palma da mão, uma locação, um movimento e um componente não-manual. Stokoe destacou o fato de que nas línguas de sinais, ao contrário do que acontece nas línguas orais, os segmentos são combinados simultaneamente (e não sequencialmente) (STOKOE, 1960). Entretanto, estudos posteriores mostraram que os sinais são segmentáveis sequencialmente, em locações (L) e movimentos (M). Em diversos sinais da LIBRAS, por exemplo, existe a seguinte sequência de segmentos: L-M-L. Sendo assim, considerou-se inicialmente que o movimento é que define a sílaba (como unidade fonológica basilar) em um sinal. Entretanto, posteriormente surgiram estudos, como o do pesquisador brasileiro Aguiar (2013), que fez uma nova proposta de sílaba em LIBRAS. Ele considera que o parâmetro movimento não existe em todos os sinais, ou, se existe, é o chamado movimento transicional, o movimento que ocorre quando o sinalizador termina um sinal e inicia outro. Por isso, ele considera que o ponto de articulação, na verdade, é que constitui o núcleo da sílaba de um sinal, uma vez que o movimento de um sinal só existe porque ele é composto de mais de uma locação. Existem estudos também sobre a existência de pares análogos e alofones em línguas de sinais. Já foi detectada a existência de configurações de mão alofônicas e de variação livre e distribuição complementar em diversas línguas de sinais. Descobriu-se, por exemplo, que a língua de sinais indígena Adamorobe possui 7 configurações de mão (VAN DER KOOJI, 2002, NYST, 2007) e que a língua de sinais da Holanda possui 31 configurações de mão fonêmicas. Já foram estudados também os componentes não-manuais dos sinais, os gestos de boca, e o *mouthing* (geralmente são articulações silenciosas que correspondem a palavras da língua oral mais próxima daquela língua de sinais, ou, quando feita em uma sílaba, geralmente ocorre na primeira sílaba). Ao mesmo tempo em que o *mouthing* não acrescenta

nada ao significado dos sinais, alguns desfazem ambiguidades. Por exemplo, no sinal em língua holandesa de sinais que em geral significa PEQUENO-OBJETO, o *mouthing* diferencia os sinais ERVILHA, PÉROLA e DETALHE (PFAU; QUER, 2014, p. 1).

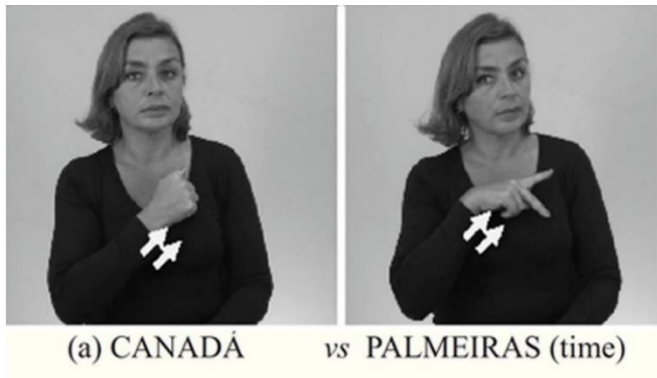
Como se pode perceber, uma das concepções equivocadas sobre línguas de sinais é a de que elas são inteiramente articuladas pelas mãos e possivelmente o antebraço. As mãos são muito importantes, mas outros articuladores (o corpo, a cabeça, e a face ou partes dela) são tão importantes quanto os articuladores já citados. Estudos mostram que sinalizadores, quando conversam, focam sua atenção não nas mãos, mas na face, onde informação gramatical essencial está codificada não-manualmente (SIPLE, 1978; SWISHER et al. 1989 *apud* PFAU; QUER, 2014, p. 1). Componentes não manuais com significado linguístico devem ser distinguidos de marcas não-manuais puramente afetivas como expressões faciais ou movimento de cabeça expressando desgosto, descrença ou surpresa, usados pelos surdos e pelos ouvintes (PFAU; QUER, 2014, p.1). Sinais podem ser lexicalizados por um movimento particular de cabeça ou de corpo específico, por exemplo, em várias línguas de sinais o sinal para “dormir” envolve um movimento de cabeça para o lado. Sinais também podem ser lexicalizados pela presença de expressão facial específica que tem uma relação aproximada com a semântica de um sinal. Por exemplo, sinais adjetivos como FELIZ, BRAVO, SURPRESO, que expressam emoções ou até mesmo sensações, como o sinal para AZEDO. A ausência de expressão facial pode determinar um par mínimo como PENA (PIEIDADE) e SE APAIXONAR na língua catalã de sinais (PFAU; QUER, 2014,, p. 2)

Existem restrições claramente fonológicas em línguas de sinais, e não de natureza física, assim como nas línguas orais. Podemos observar isso nos sinais BICICLETA, em comparação com os sinais CHÁ e PAGAR na ASL, pois é possível realizar um sinal com uma configuração de mão diferente em cada mão, mas isso é atípico em línguas de sinais. Fenômenos linguísticos como antecipação de consoante ou troca de consoante nas línguas orais também ocorrem em línguas de sinais com antecipação de configuração de mão e troca de locação entre dois sinais (PFAU; QUER, 2014, 66). Um tipo de gagueira também pode ocorrer em línguas de sinais assim como ocorre em línguas orais. Como nas línguas orais, blocos fonológicos de línguas de sinais podem ser usados criativamente em brincadeiras e poemas (KLIMA; BELLUGI, 1979). Os dois articuladores (duas mãos) podem ser usados para efeito poético. Essa propriedade é apenas das línguas de sinais, claro, mas sinalizar duas frases simultaneamente é impossível no uso normal da língua.

Estudiosos da LIBRAS, como por exemplo, Xavier e Barbosa (2014, p. 2) dão alguns

exemplos de pares mínimos dessa língua, vistos a seguir:

Figura 13 - Exemplo de par mínimo: configurações de mão como fonemas



Fonte: Xavier e Barbosa (2014)

Nesse par mínimo, os sinais se diferenciam apenas pela configuração de mão, pois a locação, o movimento e a expressão facial são os mesmos nos dois sinais. Essas duas configurações de mão que aqui aparecem, portanto, são fonemas nessa língua.

Figura 14 - Exemplo de par mínimo: locações como fonemas



Fonte: Xavier e Barbosa (2014)

Nesse par mínimo, os sinais se diferenciam apenas pela locação, pois a configuração de mão, o movimento e a expressão facial são os mesmos nos dois sinais. Essas duas locações que aqui aparecem, portanto, são fonemas nessa língua.

Figura 15 - Exemplo de par mínimo: movimentos como fonemas



Fonte: Xavier e Barbosa (2014)

Nesse par mínimo, os sinais se diferenciam apenas pelo movimento, pois a configuração de mão, a locação e a expressão facial são os mesmos nos dois sinais. Esses dois movimentos, que aqui aparecem, portanto, são fonemas nessa língua.

Como se pode perceber, de acordo com o que foi explicado anteriormente, esses sinais se diferenciam apenas por um parâmetro, configurando pares mínimos da LIBRAS.

A seguir, citarei pares mínimos e um par análogo encontrados entre os sinais terena. Como é sabido, a identificação de fonemas por meio de pares análogos é recorrente na descrição de línguas indígenas, que em geral contam com uma quantidade limitada de dados (PEDROSA; LUCENA, 2017, p. 20).

4.4 Exemplos de pares mínimos

Serão comparados a seguir os sinais TRAIR e VACA.

Figura 16 – Sinal TRAIR



Fonte: a autora

Este é o sinal dos terena para “trair”. A configuração de mão consiste em levantar o indicador, nas duas mãos, e manter os outros dedos fechados. A locação é a região superior e aos lados da cabeça. Não há movimento fonológico, apenas transicional. A expressão facial é feita com as sobrancelhas franzidas, e lábios contraídos, em expressão de desgosto.

Figura 17 – Sinal VACA



Fonte: a autora

O sinal para “vaca” tem exatamente os mesmos parâmetros, exceto pela expressão facial, que é neutra ou pode mudar de acordo com o contexto, como no caso dessa fotografia, mas nunca com a expressão facial de TRAIR. Portanto, temos um par mínimo cujos fonemas são as expressões faciais neutra e com sobrancelhas e lábios contraídos.

Serão comparados a seguir os sinais MEU e EU.

Figura 18 – Sinal MEU



Fonte: a autora

Este sinal tem a configuração de mão com indicador levantado, locação no peito, movimento transicional, orientação da palma para dentro e expressão facial neutra. Este sinal significa “meu”.

Figura 19 – Sinal EU



Fonte: a autora

Neste sinal para “eu”, todos os parâmetros do sinal anterior se repetem, exceto por um, ou seja: a locação é no peito, o movimento é transicional, a orientação da palma é para dentro, a expressão facial é neutra, mas configuração de mão é outra. Aqui todos os dedos da mão estão levantados. Portanto temos um par mínimo, cujos fonemas são a configuração de mão com o dedo indicador estendido e a configuração de mão com todos os dedos estendidos.

Serão comparados a seguir os sinais CAFÉ e CHÁ.

Figura 20 – Sinal CAFÉ



Fonte: a autora

Neste sinal para “café”, a configuração de mão é composta pelos dedos indicador e polegar unidos e contraídos enquanto os outros dedos são fechados. A locação é a região ao lado da boca, o movimento é o de “puxar” para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra. A boca se abre ligeiramente.

Figura 21 – Sinal CHÁ, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Assim como no sinal CAFÉ, neste sinal a configuração de mão é composta pelos dedos indicador e polegar unidos e contraídos enquanto os outros dedos são fechados. A locação é a região ao lado da boca, o movimento é o de “puxar” para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra, porém neste sinal o *mouthing* determina que o falante está sinalizando “chá”, e não “café”, pois, como é possível perceber pelas fotografias, a informante articula a palavra “chá”, da língua portuguesa (de maneira geral, os surdos terena preferem articular e oralizar palavras do português e não da língua oral terena. Eles me disseram que consideram o português mais “fácil” tanto para a leitura labial quanto para a oralização). Portanto, temos aqui um par mínimo, sendo o *mouthing* e a ausência do *mouthing* os fonemas encontrados.

Serão comparados a seguir os sinais ONDE(?) e POR QUÊ(?).

Figura 22 – Sinal ONDE?, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal para “onde” a configuração de mão é composta por todos os dedos das duas mãos estendidos. A locação é a região do tronco, o movimento com as mãos é feito de dentro para fora, a orientação da palma é para cima e a expressão facial é com sobrancelhas e lábios levemente contraídos. Além do movimento das mãos, é feito um breve movimento com a cabeça, de um lado para o outro.

Figura 23 – Sinal POR QUE?, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Assim como no sinal anterior, neste sinal para “por quê” a configuração de mão é composta por todos os dedos das duas mãos estendidos. A locação é a região do tronco, o movimento com as mãos é feito de dentro para fora, a orientação da palma é para cima e a expressão facial é com sobrancelhas e lábios levemente contraídos. Porém aqui não é feito o breve movimento com a cabeça, de um lado para o outro do sinal ONDE(?). Portanto, o movimento de cabeça é o único componente que causa distinção entre os sinais “ONDE(?)” e “POR QUE? ”, sendo considerado um fonema.

4.5 Exemplo de um par análogo

Serão comparados a seguir os sinais ÁGUA e BANHO.

Figura 24 – Sinal ÁGUA



Fonte: a autora

Neste sinal para "água" a configuração de mão é composta por todos os dedos unidos e contraídos, exceto pelo polegar. A locação é a região em frente à boca, o movimento é reto para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra. A boca se abre ligeiramente.

Figura 25 – Sinal BANHO



Fonte: a autora

Neste sinal para "banho" a configuração de mão também é composta por todos os dedos unidos e contraídos, exceto pelo polegar. O movimento é reto para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra. Entretanto, neste sinal os lábios não são ligeiramente abertos, como no sinal ÁGUA, e a locação é diferente. O ponto de articulação é acima da

cabeça, e não em frente à boca. Além disso, o *mouthing* (boca que se abre ligeiramente) é opcional, pois o sinal pode ser realizado sem esse elemento.

Portanto, esses dois sinais se diferenciam por dois parâmetros: o ponto de articulação e um gesto de boca.

4.6 Conclusões iniciais sobre o estudo fonológico da língua de sinais usada pelos terena

Analisando os sinais expostos de maneira geral, deparei-me com parâmetros fonológicos existentes em qualquer língua de sinais natural nos sinais usados pelos terena. Isso me levou à hipótese de que eles compõem uma língua estruturada. Com essa análise fonológica, a hipótese de que esses sinais seriam sinais caseiros foi inicialmente refutada. Precisava, porém, de uma comparação entre seu léxico e o léxico da LIBRAS para que fossem refutadas também as possibilidades de esses sinais fazerem parte de uma variedade desta língua. O ideal seria comparar os sinais utilizados pelos terena com sinais da LIBRAS utilizados na região de Miranda, ou no estado de Mato Grosso do Sul, entretanto, não existem estudos específicos sobre a variedade da LIBRAS utilizada nessa região. Portanto, utilizei sinais das variedades do estado de São Paulo e Rio de Janeiro, que, como já dito, são as mais divulgadas e que possuem mais material disponível. Além dessa comparação do léxico das duas línguas, a avaliação detalhada do léxico da língua de sinais terena também possibilita descobrir quais são as configurações de mão presentes nela, visto que esse (a CM) é o parâmetro mais “produtivo”, ou seja, com mais variação, nas línguas de sinais, segundo pesquisas. Essa análise lexical será apresentada na próxima seção.

5. ANÁLISE LEXICAL E GRAMATICAL DOS SINAIS USADOS PELOS TERENA

Como foi posto anteriormente, a necessidade de comparar os sinais dos terena com os sinais da LIBRAS em nível lexical surgiu na tentativa de compreender se os sinais terena fariam parte de uma variedade da LIBRAS, se constituiriam um pidgin com sinais desta língua, ou se constituiriam uma língua autônoma. Busquei, então, coletar os sinais usados pelos terena que nunca aprenderam LIBRAS (e que também eram usados pelos que aprenderam LIBRAS) de todos os campos semânticos, na medida do possível. Como já citei, criei um acervo de imagens no computador, com referências a objetos que faziam parte da realidade do terena daquelas aldeias e perguntei a eles como era o sinal que faziam para representar cada uma das imagens. Depois, sinais para representar ações também foram reunidos (os que eu já havia coletado anteriormente) e alguns desconhecidos foram coletados. Esses sinais serão expostos a seguir, e serão comparados com sinais da LIBRAS, para que fiquem evidentes as diferenças em seus parâmetros, em sua constituição. Eles serão separados por campo semântico, conforme a categorização de Swadesh.

Além de dados sobre os falantes e o uso de sinais nativos dos terena nas três aldeias em que trabalhei, foi feito um inventário com diversos sinais. Dentre eles, estão 100 palavras da lista de Swadesh⁶, com todos os informantes surdos já citados e duas ouvintes terena que utilizam esses sinais, buscando evidenciar diferenças entre esses sinais e os seus correspondentes em LIBRAS.

Esse método é proveniente da léxico-estatística comparada. Os métodos da léxico-estatística comparada são usados para elaborar hipóteses sobre possíveis relações históricas entre as línguas orais (CROWLEY, 1992). Essas hipóteses são criadas por meio de um estudo quantitativo dos cognatos em vocabulários das línguas em estudo.

Segundo Anthony (1953), um cognato é frequentemente descrito como uma palavra que possui mesma forma e significado em duas ou mais línguas com uma língua ancestral comum. Tal definição, de acordo com o autor, é usada pelo linguista que está interessado em traçar e encontrar relações entre línguas num passado remoto ou não tão remoto, pois cognatos tiveram um importante papel na reconstrução de línguas que não possuíam registros escritos, como é o caso das línguas de sinais. Resumidamente, cognatos são descritos como unidades lexicais de

⁶ Essa lista foi elaborada pelo linguista Morris Swadesh, no intuito de determinar a proximidade entre qualquer par de línguas. É uma lista com as palavras em geral mais comuns e essenciais de qualquer língua. Foram feitas diversas versões da lista e ela já foi muito útil na identificação de línguas indígenas de uma mesma família ou tronco linguístico.

duas línguas diferentes que possuem características idênticas o suficiente para serem classificados como semelhantes, provenientes de uma mesma raiz, como é o caso de algumas palavras do espanhol e do português, ou da LIBRAS e a LFS, que têm a mesma origem.

Segundo Al-Fityani e Padden,(2006) uma comparação entre línguas orais exige a identificação de similaridades na estrutura silábica e segmental das palavras; nas línguas de sinais, a similaridade dos cognatos é baseada na comparação das configurações de mão, movimentos, locações e orientações da mão no vocabulário de duas línguas de sinais diferentes. Ainda segundo as autoras, muitos linguistas de línguas orais utilizam uma lista básica de 200 palavras como base de sua pesquisa em léxico-estatística em vez de usar listas mais longas, como um modo conveniente e representativo de línguas de sub-grupos. De acordo com Black e Kruskal (1997), quanto mais alto o percentual léxico estatístico entre os cognatos das línguas orais, maior é a relação histórica entre essas línguas, já que esse fato mostra uma separação mais recente de uma língua comum (1997).

Crowley (1992), por meio dos métodos léxico-estatísticos, estabelece as línguas como dialetos se elas compartilham 81-100% dos cognatos, nos vocabulários considerados principais. Elas são classificadas como da mesma família linguística se compartilham 36-81% dos cognatos e como famílias “descendentes” se compartilham 12-36% dos cognatos. Com “descendentes”, os léxicos estatísticos não precisam necessariamente classificar as línguas como provenientes de uma língua ancestral comum; na verdade, o termo refere-se a línguas dentro de uma mesma região, que podem ter a oportunidade de entrar em contato uma com a outra, como pareceu desde o princípio ser o caso da língua de sinais terena e da LIBRAS. Como já dito, alguns terena informantes desta pesquisa, apesar de viverem numa terra indígena, estão frequentemente em contato com surdos e ouvintes falantes de LIBRAS, na escola e em outras instituições na área urbana de Miranda – MS.

Greenberg (1957) expõe quatro casos de semelhanças no léxico de duas línguas. Desses, apenas dois estão ligados a questões históricas: relações genéticas e empréstimos. Os outros dois casos são o simbolismo compartilhado – no qual os itens lexicais compartilham motivações similares, icônicas ou indicadoras - e, por fim, o acaso.

Os sinais da LIBRAS e os sinais usados pelos surdos terena ao se comunicarem com seus parentes e amigos ouvintes foram comparados com base nos quatro parâmetros fonêmicos (configuração de mão, movimento, locação, e orientação da palma) seguindo a sugestão de McKee e Kennedy (2000). Para McKee e Kennedy, na perspectiva de um estudo de línguas visuais, os cognatos são sinais que compartilham pelo menos três desses quatro parâmetros. As

características não-manuais, como as expressões faciais, não foram consideradas na comparação.

Não é o objetivo deste trabalho tratar especificamente e apenas de léxico-estatística, portanto, não serão expostos aqui todos os sinais comparados. Foram colocados aqui apenas alguns exemplares, o suficiente para mostrar que existem muitas diferenças entre a LIBRAS e a língua terena de sinais (doravante LTS, seguindo padrão de abreviação de línguas de sinais), apesar de as duas línguas serem visuais. Entretanto, deve-se ressaltar que a comparação entre vocabulário com 200 palavras da LIBRAS e 200 palavras da LTS mostrou uma porcentagem baixa de semelhanças (29 %). Conclui-se assim que o mais provável é que a LTS surgiu e se desenvolveu antes de qualquer contato com a LIBRAS.

Devido à limitação de espaço, serão colocados nesta seção apenas alguns exemplos de cada campo lexical, porém mais exemplos poderão ser vistos em trabalhos posteriores a este. Os sinais serão comparados mediante a análise de seus parâmetros morfológicos. Para isso, explicitaremos a Configuração de Mão (doravante CM), a Locação (doravante L), o Movimento (doravante M) e a Orientação da Mão (doravante Or) de cada sinal da LIBRAS e de cada sinal usado pelos terena. Quando for relevante, ou seja, quando for de caráter distintivo, explicitaremos também a Expressão Facial (doravante EF) ou os gestos feitos com a boca ou bochechas, ou ainda os *mouthings*. Os campos lexicais utilizados foram baseados na lista de Swadesh. Todas as fotos e ilustrações dos sinais da LIBRAS foram retiradas de sites, devidamente identificados. As fotos dos sinais terena foram feitas por Evandro Oliveira, Adna Reises, Sandro Augusto Rodrigues e Edgar Leôncio Rodrigues. Os sinais criados pelo terena que possuem movimento interno são mostrados em mais de uma foto para que se possa compreender melhor a trajetória desse movimento.

5.1 Sinais da LIBRAS em oposição aos sinais dos terena

Como já dito, decidi comparar a estrutura (parâmetros fonológicos) de sinais da LIBRAS com sinais usados pelos terena com o objetivo de investigar se a língua de sinais usada pelo terena na verdade seria uma variedade da LIBRAS. Na medida do possível, foi considerada como referência a variedade de LIBRAS usada pelos surdos terena para realizar essa comparação, já que esse é o ideal.

Além de evidenciar diferenças entre uma língua e outra, especialmente no que tange ao parâmetro Configuração de Mão, deve-se notar que existe uma variedade de locações,

configurações de mão e movimento, além de expressões faciais e outros parâmetros em todos os sinais usados pelos terena, como ocorre em qualquer língua de sinais.

5.2 Sinais do campo lexical “animais”

Figura 26 – Sinal CACHORRO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal CACHORRO em LIBRAS. Sua CM é composta por todos os dedos da mão flexionados. A L é a região em frente à boca e o M é curto, reto para dentro. A Or é para dentro.

Figura 27 – Sinal CACHORRO em LTS, Parte I e Parte II

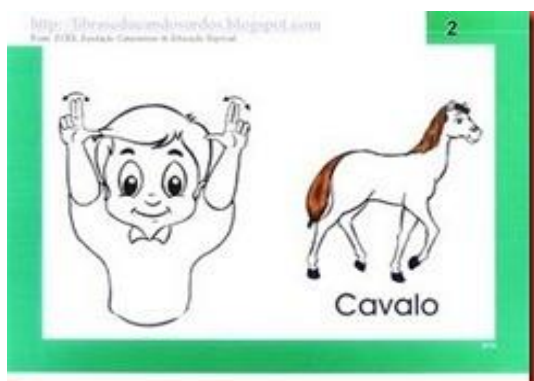




Fonte: a autora

Este é o sinal CACHORRO para os terena. Sua CM é composta por todos os dedos da mão levemente flexionados e unidos. A L é a região ao lado do tronco e o M não é curto como o M do mesmo sinal da LIBRAS. O movimento é maior, reto para fora. A Or é para fora. Além disso, este sinal possui *mouthing*, pois os terena fazem o som “au-au” enquanto repetem o movimento do sinal duas vezes. Portanto, em todos os parâmetros, o sinal CACHORRO usado pelos terena se diferencia do sinal CACHORRO da LIBRAS.

Figura 28 – Sinal CAVALO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal CAVALO em LIBRAS. Ele é realizado, geralmente, com as duas mãos. Sua CM é composta pelos dedos polegar, indicador e médio levantados e os dedos anelar e mínimo abaixados. A L é a região ao lado da testa e o M é de cima para baixo, feito apenas com os dedos indicador e médio. A Or é para fora.

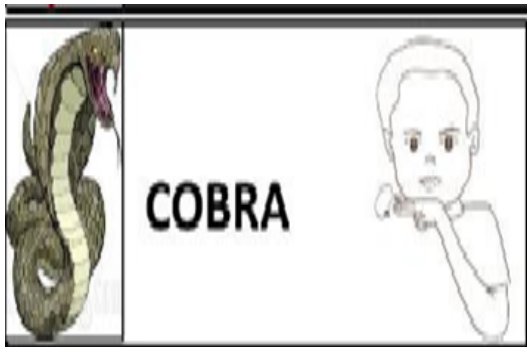
Figura 29 – Sinal CAVALO em LTS



Fonte: a autora

Este é o sinal CAVALO criado pelos terena. Ele é realizado também com as duas mãos. Sua CM é composta por todos os dedos unidos e fechados, exceto pelo dedo polegar, que é estendido. A L é a região em frente ao tronco e o M é de cima para baixo, feito com as duas mãos. A Or da mão direita é para a esquerda e a da mão esquerda para a direita. É feito um gesto de boca, que imita o gesto feito por condutores de cavalos. Portanto, em todos os parâmetros, exceto pelo M, o sinal CAVALO usado pelos terena se diferencia do sinal CAVALO da LIBRAS.

Figura 30 - Sinal COBRA em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal COBRA da LIBRAS. Sua CM é composta por todos os dedos unidos e fechados, exceto pelos dedos indicador e médio, que são estendidos. A L é a região abaixo do queixo e o M é circular. A Or é para baixo.

Figura 31 - Sinal COBRA em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este é o sinal COBRA usado por alguns surdos terena. Existe ainda um outro sinal, uma variação deste, usado por outros surdos terena para se referirem a cobras (no geral, ou seja, qualquer tipo de cobra). Este sinal é apresentado a seguir:

Figura 32 – Variação do Sinal COBRA em LTS, Parte I e Parte II

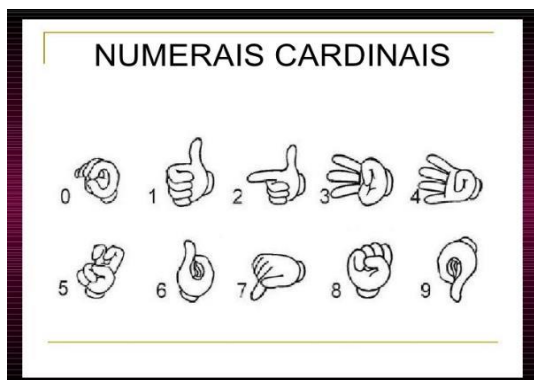


Fonte: a autora

Estes são os sinais COBRA dos terena. A CM do primeiro sinal COBRA é composta por todos os dedos unidos e fechados, exceto pelo dedo indicador que é estendido. A CM do segundo sinal COBRA é composta por todos os dedos unidos e estendidos. Todos os outros parâmetros são idênticos nos dois sinais terena: A L é ao lado do tronco, e o M é sinuoso. A Or é para a esquerda. Portanto, em todos os parâmetros, os sinais COBRA usados pelos terena se diferenciam do sinal COBRA da LIBRAS.

5.3 Sinais do campo lexical “numerais”

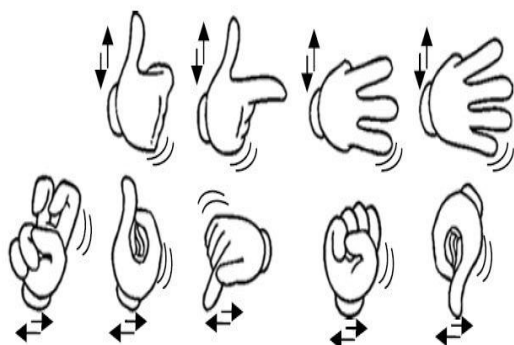
Figura 33 – Sinais para numerais cardinais em LIBRAS



Fonte: pt.slideshare.net/lemesilvana/aprendendo-Ingua-de-sinais (2017)

Estes são os sinais que representam os números cardinais de zero a nove em LIBRAS. A CM do sinal UM é feito com o dedo polegar estendido enquanto os outros dedos estão fechados. Não existe M interno, apenas transicional. A L é em frente ao tronco. A Or é para a esquerda. O mesmo acontece com os outros numerais. No sinal DOIS a CM é feita com o polegar e o dedo indicador estendidos, enquanto os outros dedos estão fechados. Os parâmetros L e M são idênticos aos do sinal UM. No sinal TRÊS a CM é feita com o dedo indicador, o dedo médio e o dedo anelar estendidos, enquanto os outros dedos estão fechados. Os parâmetros L e M são idênticos aos do sinal UM. Em LIBRAS, esses sinais são repetidos e recombinaos para formar novos sinais, como ONZE e CINQUENTA. As exceções são o sinal MIL e todos os sinais que representam números na casa do milhar. Portanto, é possível se referir a qualquer número em LIBRAS. Farei a comparação dos sinais terena com estes numerais, os cardinais, pois os terena não utilizam sinais para falar de números ordinais.

Figura 34 – Sinais para numerais ordinais em LIBRAS



Fonte: comunicamao.blogspot.com.br (2017)

Estes são os sinais que representam os números ordinais de um a nove em LIBRAS. A CM, a L e a Or desses sinais são as mesmas dos sinais para numerais cardinais, que já foram apresentados. A única diferença entre eles é que nos sinais ordinais é feito um M curto e repetido.

De acordo com Fargetti e Sumaio (2015), sistemas numéricos podem ter grande variação nas línguas, de acordo com sua base, em termos matemáticos, e de acordo com sua realização, em termos linguísticos. Assim, podem ser encontrados sistemas com apenas uma palavra como um típico numeral e outros com palavras que excedem os trilhões; numerais podem ser típicos advérbios, ou funcionar como prefixos ou sufixos quantificadores. Esta variedade não nos leva a pensar em sistemas primitivos x sistemas evoluídos, mas sim em sistemas com desenvolvimentos maiores ou menores, de acordo com as necessidades de cada cultura. Por exemplo, um povo da Índia poderá ter necessidade de palavras para numerais muito elevados, para dar conta da passagem de um tempo remoto demais, e um povo amazônico pode ter apenas a distinção ‘um x muitos’ em seu léxico para numerais (embora se pense que possa quantificar de maneiras distintas). O povo juruna do Xingu utiliza, por exemplo, numerais de um a 20 para a quantificação (FARGETTI; SUMAIO, 2015).

Não existem muitos estudos sobre numerais em línguas de sinais, mas existem algumas informações sobre eles. Segundo Zeshan et al. (2013, p. 360), nas línguas de sinais urbanas, como na grande maioria das línguas orais, 10 é a base numérica mais comum. Ainda segundo os pesquisadores, o levantamento de materiais disponíveis em línguas de sinais urbanas não revelou nenhuma língua de sinais com base numérica maior que 10. A predominância de sistemas numéricos de base 10, segundo Zeshan et al., é paralela em línguas orais, e há uma ligação cognitiva evidente entre sistemas numéricos de base 10 e a anatomia das mãos humanas (Zeshan et al., 2013, p. 360). Os terena, por exemplo, usam sinais para numerais de um a dez. A seguir, serão apresentados os sinais UM, DOIS e TRÊS da LTS.

Figura 35 – Sinal UM em LTS



Fonte: a autora

Este é o sinal UM dos terena. A CM do sinal UM é feito com o dedo indicador estendido enquanto os outros dedos estão fechados. Não existe M interno, apenas transicional. A L é em frente ao rosto. A Or é para fora. Portanto, nos parâmetros CM, L, e Or o sinal UM usado pelos terena se diferencia do sinal UM da LIBRAS.

Figura 36 – Sinal DOIS em LTS



Fonte: a autora

Este é o sinal DOIS dos terena. A CM do sinal DOIS é feita com os dedos indicador e médio estendidos enquanto os outros dedos estão fechados. Não existe M interno, apenas transicional. A L é em frente ao rosto. A Or é para fora. Portanto, nos parâmetros CM, L, e Or o sinal DOIS usado pelos terena se diferencia do sinal DOIS da LIBRAS.

Figura 37 – Sinal TRÊS em LTS



Fonte: a autora

Este é o sinal TRÊS dos terena. A CM do sinal TRÊS é feita com os dedos indicador, médio e anelar estendidos enquanto os outros dedos estão fechados. Não existe M interno, apenas transicional. A L é em frente ao rosto. A Or é para fora. Portanto, nos parâmetros L e Or o sinal TRÊS usado pelos terena se diferencia do sinal TRÊS da LIBRAS.

Como já dito, os terena não usam sinais para falar de numerais ordinais. Isso acontece também em línguas indígenas orais. Os sinais para números criados pelos terena vão até 10, como acontece também em muitas línguas orais indígenas. Alguém poderia argumentar que são sinais caseiros, porém deve-se levar em conta que esses sinais são sempre feitos da mesma maneira, há muito tempo (ou seja, não são feitos aleatoriamente), e fazem parte de um sistema maior de comunicação.

5.4 Sinais do campo lexical “cores”

Figura 38 – Sinal BRANCO em LIBRAS

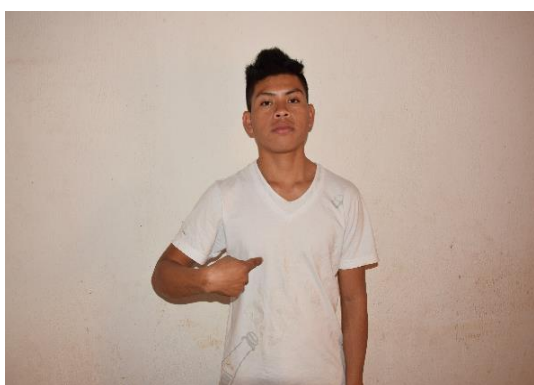


Fonte: www.ip.usp.br (2016)

Este é um dos sinais da LIBRAS usados para se referir à cor branca. Sua CM é composta por todos os dedos esticados e unidos. A L é a região em frente ao tronco e o M é retilíneo, da esquerda para a direita, sobre o braço esquerdo. A Or é para cima.

Este sinal possui variação em LIBRAS. Existem outros sinais para falar da cor branca, mas nenhum deles é semelhante ao sinal dos terena, pois eles especificam cores com apontamentos, como veremos a seguir.

Figura 39 – Sinal BRANCO em LTS



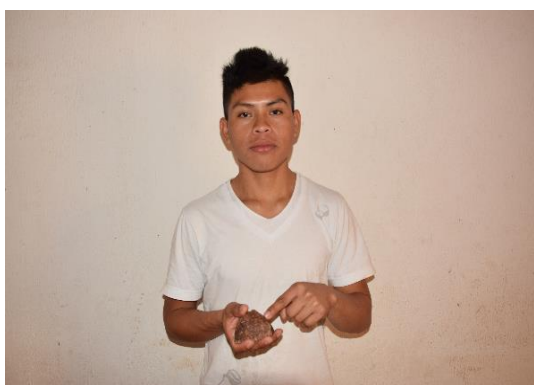
Fonte: a autora

Temos aqui um exemplo de como os terena sinalizam BRANCO. O processo é descrito a seguir: eles procuram qualquer objeto no ambiente em que estão que tenha a cor que procuram, e ao encontrá-la apontam para ela, como aconteceu no momento em que foi feita essa foto. Todas as fotos de sinais para cores foram feitas em sequência, uma após a outra, sem pausa, e sem que eu avisasse antes que iria fazê-las. O informante não teve nenhuma dificuldade para encontrar todas as cores mostradas em uma imagem por mim e apontá-las. Isso mostra que esse fato não é uma limitação na comunicação para os terena. Portanto, de maneira geral, em todos os parâmetros o sinal BRANCO usado pelos terena se diferencia do sinal BRANCO da LIBRAS.

Figura 40 – Sinal MARROM em LIBRAS

Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal MARROM em LIBRAS. Sua CM é composta pelos dedos indicador, médio e anelar esticados e unidos. Deve ser destacado que essa configuração de mão é a mesma que representa a letra “M” no alfabeto datilológico na LIBRAS, e isso não acontece por acaso. Esse sinal é feito com uma CM que faz referência à letra inicial da palavra “marrom”, da língua portuguesa. Ele é, portanto um sinal inicializado, como outros que existem nessa língua. Os terena que nunca aprenderam LIBRAS não usam nenhum sinal inicializado. Com o tempo, analisando os sinais dos terena, essa diferença foi percebida. Este tema será debatido mais adiante. A L é a região em frente ao tronco e o M é retilíneo, esfregando os dedos sobre a mão esquerda. A Or é para baixo.

Figura 41 – Sinal MARROM sinais em LTS

Fonte: a autora

Assim como acontece no sinal BRANCO, no sinal MARROM a cor marrom foi apontada. O apontamento é um processo comum em qualquer língua de sinais. Ele nem sempre vai ocorrer para a designação de cores, podendo ser usado para indicar pessoas, lugares e outros referentes no espaço de sinalização; portanto, é uma ferramenta útil em diversos contextos, e

que deve ser mais estudada. Assim, de maneira geral, em todos os parâmetros o sinal MARROM usado pelos terena se diferencia do sinal MARROM em LIBRAS.

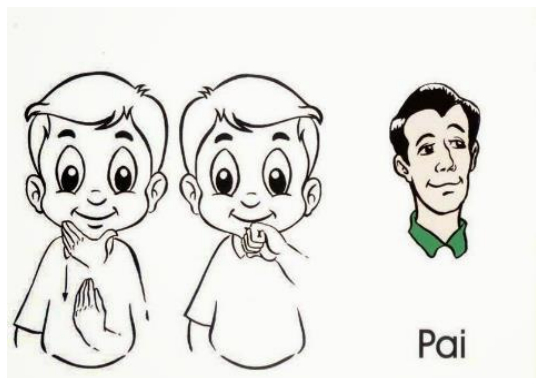
O fato de os terena não usarem sinais específicos para fazer referência a cores pode causar estranhamento, entretanto existem estudos mostrando que o mesmo fato ocorre em outras línguas de sinais. Ferreira realizou um estudo da já citada língua de sinais kaapor, na época chamada de Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB). Ela realizou uma coleta de dados a fim de saber se nessa língua haveria sinais para cores. Segundo a pesquisadora, os kaapor não criaram sinais para cores, apenas usavam os sinais BOM e NÃO-BOM, que significam “bom” e “ruim” classificando as cores como frias/claras ou quentes/escuras durante a elicitación dos dados (FERREIRA, 2010, p. 167). A pesquisadora conclui que nessa língua não existem categorias linguísticas no domínio das cores, mas que existem categorias conceituais, que ficam explícitas pelos sinais BOM e NÃO-BOM. Ferreira pontua que a existência desses termos é justificada pelo sistema das cores da língua oral kaapor (existem 5 termos básicos para cores nessa língua). Ferreira pontua que a língua de sinais holandesa e a de Rennel, na Polinésia, não possuem nenhum termo para cores. A linguista diz ainda que outras línguas de sinais possuem poucos termos nativos nesse domínio e que a maioria dos termos dessa área são emprestados da língua oral. Ela destaca que os dados da LIBRAS e da língua ka’apor de sinais permitem pensar que, quando há sinais básicos para cores, estes se referem muito mais à dimensão luminosidade do que à saturação e à tonalidade delas. Quanto menos interferência houver da língua oral sobre a língua de sinais, segundo a pesquisadora, maior é a tendência de a língua de sinais negligenciar esse domínio semântico (FERREIRA, 2010, p.168). A pesquisadora relaciona esse fato ao prestígio atribuído a determinada língua:

Os empréstimos linguísticos na categorização das cores, existentes na LIBRAS, língua sem prestígio no meio sócio-cultural em que é usada, e inexistentes na LSKB, língua tão prestigiada quanto o kaapor oral, entre os Urubu-Kaapor, parecem evidenciar que, quando a língua de Sinais é considerada língua de prestígio, ela preserva suas características restritas pela sua modalidade espaço-visual. Entre essas características, salientamos (...) a tendência das línguas espaço-visuais de explorarem muito mais a forma, o tamanho e o movimento, na descrição dos seres e eventos, do que as cores. As descrições realizadas pelos informantes surdos mostraram que as cores só aparecem como característica secundária. Na maioria dos casos, as três características mencionadas é que são levadas em consideração. (FERREIRA, 2010, p. 168).

Entre os terena, a mesma característica foi percebida. Os terena, ao descreverem pessoas, animais ou eventos (algo que vivenciaram na escola, ou visitando amigos na cidade de Miranda) se preocupavam muito mais em mostrar a forma e o tamanho do objeto e a maneira como a pessoa se movimentava, por exemplo, do que com as cores dos objetos da cena. Seria interessante fazer um estudo comparativo entre línguas indígenas de sinais brasileiras (citadas anteriormente), e de outros países, a fim de saber como são os sinais para cores em cada uma delas. Seria uma contribuição interessante para a tipologia de línguas de sinais.

5.5 Sinais do campo lexical “parentesco”

Figura 42 - Sinal PAI em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é um dos sinais existentes na LIBRAS para referir-se à figura paterna. Existe outro, gerado a partir de datilologia, muito utilizado também. Em geral, costuma-se dizer que o sinal apresentado pertence à linguagem infantil, uma palavra que poderia ser traduzida para o português como “papai”, enquanto a sua variação, o sinal feito a partir de datilologia, pode ser traduzido como “pai”, apenas. O sinal mostrado anteriormente é formado por duas CM. A primeira é formada com todos os dedos estendidos, e a segunda com todos os dedos encolhidos. A L é a região do queixo e o M é curvo. A Or na primeira CM é para cima e na segunda CM é para baixo.

Figura 43 - Sinal PAI em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este é um dos sinais existentes entre os terena para referir-se à figura paterna. Existe outro, que também faz referência à barba masculina, apresentado na dissertação de mestrado de Sumaio (SUMAIO, 2014). O sinal mostrado tem a CM formada pelo dedo indicador estendido. A L é a região acima da boca e o M é de deslizar. A Or é para baixo. Portanto em todos os parâmetros exceto pela Or o sinal PAI usado pelos terena se diferencia do sinal PAI da LIBRAS.

Figura 44 - Sinal MÃE em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

O sinal MÃE da LIBRAS também possui variação. Este sinal é o que é considerado como parte de uma linguagem mais adulta, podendo ser traduzido como “mãe” no português, enquanto um outro bastante usado, semelhante ao sinal apresentado anteriormente (PAI), faz parte também de linguagem infantil. A CM deste sinal é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto os outros dedos estão contraídos. A L é a região ao lado do nariz e o M é de encostar. A Or é para o lado esquerdo.

Figura 45 – Sinal MÃE em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

A CM deste sinal terena é composta por todos os dedos estendidos, levemente curvados e separados. A L é a região dos seios e o M é de encostar. A mão encosta no primeiramente no seio esquerdo e posteriormente no direito. O M é curto, feito rapidamente. A Or é para dentro. Portanto em todos os parâmetros exceto pelo M o sinal MÃE usado pelos terena se diferencia do sinal MÃE da LIBRAS.

Figura 46 – Sinal FILHO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Existe uma variação deste sinal na LIBRAS, na qual o sinal FILHO é feito com a mesma CM e o mesmo M, mas a L e a Or mudam. Na variação o sinal é realizado a partir do tórax do sinalizante, e não do queixo. Neste sinal, a CM é composta por todos os dedos estendidos e separados num primeiro momento, e unidos em seguida. A L é a região abaixo do queixo inicialmente e em frente ao tórax posteriormente. O M é de deslizar e a Or é para cima.

Figura 47 – Sinal FILHO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal terena, a CM é composta por todos os dedos contraídos e unidos. A L é a região em frente ao tórax. O M é de balançar e a Or é para cima. Portanto, no mínimo em dois parâmetros (CM e M) o sinal FILHO usado pelos terena se diferencia dos sinais FILHO da LIBRAS.

5.6 Sinais do campo lexical “natureza”

Figura 48 – Sinal FLOR em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta por todos os dedos estendidos e pelo dedo indicador e o polegar formando a CM que representa a letra “F” no alfabeto datilológico. Mais uma vez, isso não ocorre por acaso. Esse sinal é feito com uma CM que faz referência à letra inicial da palavra “flor”, da língua portuguesa porque é um sinal inicializado, como MARROM, que já foi apresentado e outros que existem nessa língua. A L é a região em frente ao nariz. O M é de girar para frente e a Or é para a esquerda. Veremos que o sinal criado pelos terena para se referir à flor (em geral, qualquer flor) não é um sinal inicializado.

Figura 49 – Sinal FLOR em LTS



Fonte: a autora

Neste sinal terena, a CM é composta por todos os dedos recolhidos e unidos. A L é a região abaixo do nariz. O M é de puxar e a Or é para a esquerda. Portanto, em todos os parâmetros exceto pela Or, o sinal FLOR usado pelos terena se diferencia do sinal FLOR da LIBRAS.

Figura 50 – Sinal ÁRVORE em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta por todos os dedos estendidos e separados. A L é a região a frente do tronco. O M é de balançar e a Or é para a esquerda. O braço esquerdo compõe a base do sinal.

Figura 51 – Sinal ÁRVORE em LTS, Parte I, Parte II e Parte III

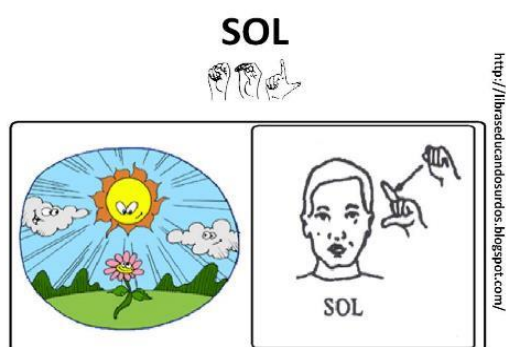




Fonte: a autora

Neste sinal terena, a CM é composta por todos os dedos estendidos e separados. A L inicial é a região ao lado das pernas, e a segunda L é a região ao lado do tronco. O M inicial é de levantar e o segundo é de balançar e a Or é para a esquerda. Portanto, existe uma diferença entre os dois sinais em relação aos parâmetros L e M.

Figura 52 – Sinal SOL em LIBRAS



Fonte: libraseducandosurdos.blogspot.com.br (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta por todos os dedos contraídos e unidos num primeiro momento, e com os dedos indicador e polegar erguidos em seguida. A L é a região ao lado da cabeça. O M é de deslizar e a Or é para baixo. Este sinal não se encaixa nos parâmetros

de um sinal inicializado, porém é um sinal formado a partir de datilologia.

Figura 53 – Sinal SOL em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, a CM é composta por todos os dedos erguidos e separados. Eles são levemente flexionados no início e mais afastados posteriormente. A L é a região ao lado da cabeça. O M é de deslizar e a Or é para a esquerda. Portanto, existe uma diferença entre os dois sinais em relação aos parâmetros CM e Or.

5.7 Sinais do campo lexical “verbos”

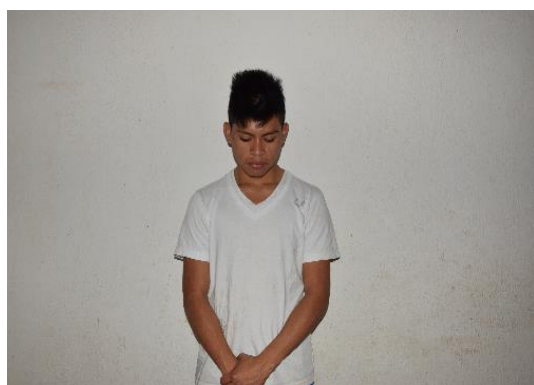
Figura 54 – Sinal COCHILAR em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelos dedos indicador e polegar flexionados. Os outros dedos são contraídos. A L é a região em frente aos olhos. O M é de abrir e fechar (as pontas dos dedos indicador e polegar se tocam e se afastam) e a Or é para a esquerda.

Figura 55 – Sinal COCHILAR em LTS. Parte I, Parte II e Parte III





Fonte: a autora

Neste sinal em terena, as mãos não exercem função significativa. Elas podem ficar unidas em frente ao corpo como na foto ou separadas, relaxadas em contato com o corpo. O sinal é feito com a cabeça. O M é de abaixar e em seguida levantar (a cabeça é curvada e em seguida levantada rapidamente). Percebe-se portanto, que o sinal COCHILAR da LIBRAS é muito diferente do sinal COCHILAR criado pelos terena, pois um é feito manualmente e o outro não.

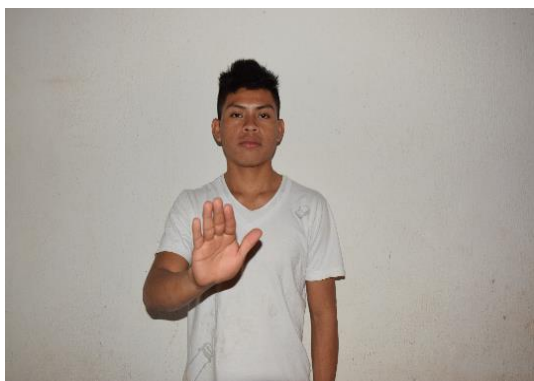
Figura 56 – Sinal ESPERAR em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta por todos os dedos contraídos, nas duas mãos. A L é a região em frente ao tronco. O M é de encostar (os dois braços se tocam e se afastam) e a Or é para baixo.

Figura 57 – Sinal ESPERAR em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, a CM é composta por todos os dedos estendidos. A L é a região em frente ao tronco. O M é de empurrar e a Or é para frente. Portanto, em todos os parâmetros exceto pela L, o sinal ESPERAR usado pelos terena se diferencia do sinal ESPERAR da LIBRAS.

Figura 58 – Sinal ACORDAR em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelos dedos indicador e polegar, estendidos. Os outros dedos são contraídos. A L é a região em frente ao olho. O M é de abrir os dedos. A Or é para a esquerda.

Figura 59 – Sinal ACORDAR em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, a CM é composta por todos os dedos contraídos. A L é a região em frente ao tronco. O M é de estender e afastar os braços. Os olhos se abrem juntamente com o movimento dos braços. Portanto, em todos os parâmetros o sinal ACORDAR usado pelos terena se diferencia do sinal ACORDAR da LIBRAS.

Uma discussão sobre o que podem ser considerados verbos nesse sistema de comunicação criado pelos terena será feita mais adiante.

5.8 Sinais do campo lexical “artefatos”

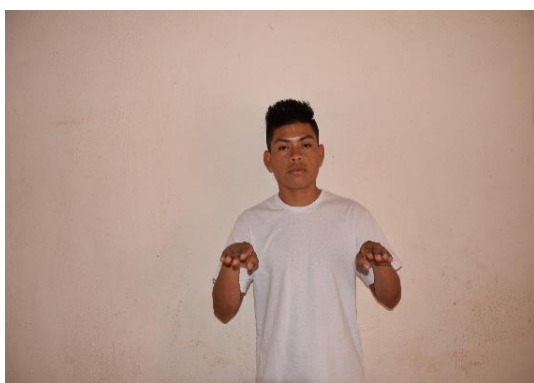
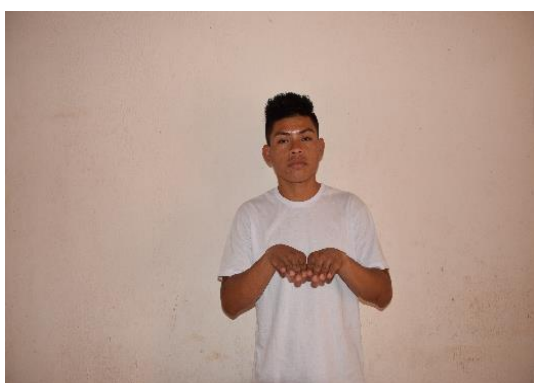
Figura 60 – Sinal CAMA em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelos dedos indicador e mínimo, estendidos. Esses dedos fazem referência icônica aos “pés” das camas. Portanto, essa CM, que aparece em outros sinais como REDE (como veremos a seguir) e BALANÇO, é considerado por alguns pesquisadores como um dos classificadores nessa língua, porém o tema é muito debatido e polêmico. Os outros dedos são em geral contraídos, mas alguns sinalizadores, como o da foto, mantém os polegares também estendidos, o que não causa mudança de significado no sinal. A L é a região em frente ao tronco. O M é para baixo.

Figura 61 – Sinal CAMA em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, composto por duas partes, a CM é feita primeiramente com uma mão e depois com as duas, mas permanece a mesma. Ela é composta por todos os dedos estendidos. A L na “parte I” do sinal é a região ao lado da cabeça e a partir da “parte II” em frente ao tronco. O M acompanha o movimento de tombar a cabeça para o lado na “parte I”, fazendo referência à imagem de uma pessoa dormindo. Essa primeira parte do sinal, quando feita isoladamente, é o sinal DORMIR dos terena. O M em seguida é de deslizar para os lados e para baixo fazendo referência ao formato da cama. Como se pode perceber, os dois sinais fazem referência icônica ao formato comum de uma cama, porém de maneiras diferentes. Em todos os parâmetros, mesmo no parâmetro L, em um primeiro momento, o sinal CAMA usado pelos terena se diferencia do sinal CAMA da LIBRAS.

Figura 62 – Sinal REDE em LIBRAS



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=12SyTaAdjS8> (2017)

Esse é um dos sinais usados na LIBRAS para se referir à rede. Existe uma variação dele na qual o sinal é feito com uma CM semelhante. Em vez de ter apenas o dedo mínimo levantado, o sinal é feito com a mesma configuração de mão do sinal cama, como já dito, ou seja, com o dedo indicador, juntamente com o dedo mínimo levantado, e os outros dedos contraídos. A L é em frente ao tronco. O M faz referência ao balanço de uma rede, para frente e para trás.

Figura 63 – Sinal REDE em LTS,Parte 1 e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal terena, a CM é composta por todos os dedos contraídos, exceto pelo polegar, e unidos. Esses dedos fazem referência icônica ao ato de pegar em uma das “pontas” da rede para balançá-la. A L é a região em frente ao tronco. O M é também de balançar, mas para o lado. Portanto, mais uma vez a referência visual da rede balançando é a mesma, mas ela foi “interpretada” de maneira diferente por índios e não-índios. O sinal de REDE usado pelos terena é diferente do usado pelos falantes de LIBRAS nos parâmetros CM e M, e ele é feito com apenas uma mão enquanto o sinal REDE na LIBRAS é feito com as duas mãos.

Figura 64 – Sinal ÔNIBUS em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, feito também com as duas mãos, a CM é composta por todos os dedos contraídos, exceto pelo polegar, que é estendido. A L é a região em frente ao tronco. O M é de empurrar, uma vez que as duas mãos se juntam e fazem o movimento de empurrar para frente. A Or é para dentro.

Figura 65 – Sinal ÔNIBUS em LTS, Parte I, Parte II e Parte III





Fonte: a autora

Quando eram crianças, Tainara e Everton faziam um sinal diferente para ônibus. Era uma vibração dos lábios e não envolvia o uso das mãos. Agora usam esse sinal. Os dois sinais, tanto de anos atrás como o usado agora, são diferentes da LIBRAS em CM, M e L. Neste sinal, feito também com as duas mãos, a primeira CM é composta por todos os dedos contraídos, exceto pelo polegar, que é estendido. A segunda CM é feita com todos os dedos estendidos. A L é a região em frente ao tronco. O primeiro M é de empurrar para cima e para baixo, com as mãos se revezando, fazendo referência a um volante, e o segundo é o de deslizar para os lados, fazendo referência ao formato e tamanho do ônibus. Em todos os parâmetros, exceto pela L o sinal ÔNIBUS se diferencia do sinal ÔNIBUS da LIBRAS.

5.9 Sinais do campo lexical “nomes”

Figura 66 – Sinal GORDO em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelos dedos polegar e mínimo estendidos, enquanto os outros são contraídos. A L é sobre um dos braços. O M é de girar pelo pulso e para cima ao mesmo tempo. As bochechas são infladas.

Figura 67 – Sinal GORDO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este sinal em terena é feito com as duas mãos. A CM é composta por todos os dedos contraídos. A L é em frente ao tronco. O M é feito com os braços, levantando os cotovelos. As bochechas são infladas. Exceto por essa última característica, o sinal GORDO usado pelos terena se diferencia em todos os parâmetros do sinal GORDO da LIBRAS.

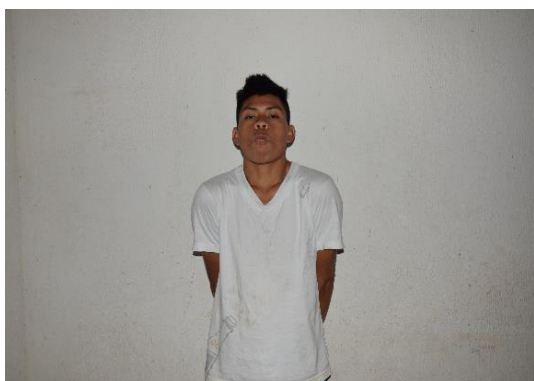
Figura 68 – Sinal MAGRO em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelo dedo mínimo estendido, enquanto todos os outros são contraídos. A L é em frente ao rosto. O M é reto para baixo. As bochechas são sugadas.

Figura 69 – Sinal MAGRO em LTS



Fonte: a autora

Este sinal em terena é feito por componentes não-manuais. Nele as bochechas são sugadas ao mesmo tempo em que as mãos vão para trás e os ombros são erguidos. O movimento feito com as bochechas é o mesmo presente em MAGRO da LIBRAS, mas o movimento feito com os ombros e as mãos não existe no sinal da LIBRAS.

Figura 70 – Sinal RÁPIDO em LIBRAS



Fonte: pt.slideshare.net/lemesilvana/curso-de-libras-2-aula (2017)

O sinal em LIBRAS mostrado é formado por duas CM. A primeira é formada com todos os dedos estendidos e curvados, e a segunda com todos os dedos contraídos. A L é a região em

frente ao rosto e o M é para a esquerda.

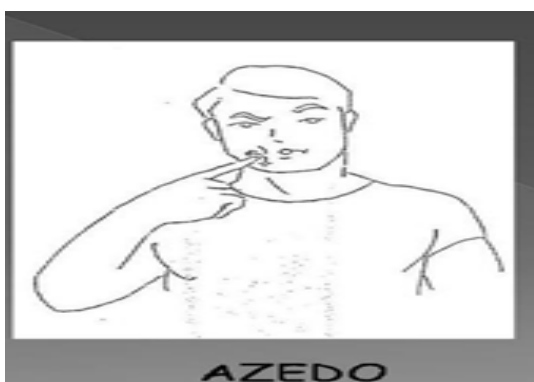
Figura 71 – Sinal RÁPIDO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal em terena a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros são flexionados. A L é em frente ao tronco. O M é para baixo, balançando o dedo. Portanto, em todos os parâmetros, o sinal RÁPIDO usado pelos terena se diferencia do sinal RÁPIDO da LIBRAS.

Figura 72 – Sinal AZEDO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto os outros dedos são contraídos. A L é a lateral da boca. O M é para baixo. A EF é com sobrancelhas e lábios contraídos.

Figura 73 – Sinal AZEDO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este sinal em terena é constituído por componentes não-manuais. Nele as sobrancelhas são contraídas e os olhos semicerrados ao mesmo tempo em que a cabeça vai para trás e a parte de baixo do rosto é contraída, com os lábios um pouco abertos. Portanto, a referência à expressão que pessoas costumam fazer ao sentir o sabor de algo azedo é a mesma, mas os sinais são diferentes. Em todos os parâmetros, existem diferenças entre o sinal AZEDO da LIBRAS e o sinal AZEDO dos terena.

Além desses sinais, foram mostrados na seção anterior outros sinais usados pelos terena diferentes dos sinais da LIBRAS que poderiam se encaixar no campo lexical “nomes”, como CAFÉ, CHÁ, VACA e ÁGUA.

5.10 Sinais do campo lexical “partes do corpo”

Figura 74 – Sinal OLHO em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluintecnologia (2017)

Este sinal em LIBRAS pode ser feito com uma ou duas mãos. Neste sinal a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros são flexionados. A L é em frente ao olho. O M é transicional, ou seja, só é feito na mudança de um sinal para outro.

Figura 75 – Sinal OLHO em LTS



Fonte: a autora

Este sinal em terena é feito com uma mão. Neste sinal a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros são flexionados. A L é abaixo do olho. O M é transicional, ou seja, só é feito na mudança de um sinal para outro. No caso do sinal OLHO, os sinais são muito parecidos. A diferença é que na LIBRAS ele pode ser feito com as duas mãos e que a L é em frente ao(s) olho(s) e não abaixo deles. Como a referência para os dois sinais é o mesmo órgão, ou seja, o olho, e o recurso do apontamento é muito utilizado nas línguas de sinais em diferentes situações (inclusive para a criação de sinais), como já dito, é natural que

esse sinal seja parecido em muitas línguas de sinais.

Figura 76 – Sinal CORPO HUMANO em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta por todos os dedos unidos e fechados, exceto pelos dedos indicador e médio, que são estendidos. A L é a região a frente do tronco e o M é reto para baixo. O dedo médio toca o tronco ao longo de todo o movimento.

Figura 77 – Sinal CORPO HUMANO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, a CM é composta por todos os dedos unidos e flexionados. A L é a região a frente do tronco na “parte I” e em frente ao quadril na “parte II”. O M é reto para baixo. Os dedos tocam o tronco e a parte superior das coxas ao longo de todo o movimento.

Figura 78 – Sinal SANGUE em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Neste sinal em LIBRAS, a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros são flexionados. A L é o pulso. O M é de “esfregar”, sobre o pulso, feito rapidamente. Existe uma variação deste sinal, que é uma composição: VERMELHO^PULSO=SANGUE. Neste segundo sinal, a CM é também com o dedo indicador, e é feito um M de tocar o lábio inferior com o dedo (o que isoladamente significa VERMELHO, na LIBRAS) antes de fazer o M no pulso.

Figura 79 – Sinal SANGUE em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV



Fonte: a autora

Neste sinal em terena, a primeira CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros são flexionados. A segunda CM é feita com todos os dedos flexionados e a terceira com todos os dedos estendidos. A primeira L é o pulso e a segunda o lado do pulso. O primeiro M é de “cortar” o pulso, e o segundo é o de abrir os dedos. Em todos os parâmetros, exceto pela primeira CM e a primeira L deste sinal os sinais SANGUE da LIBRAS se diferenciam do sinal SANGUE dos terena.

5.11 Sinais de elementos “culturais”

Nesta subseção não haverá comparação dos sinais da língua terena de sinais com os sinais da LIBRAS, porque os sinais apresentados a seguir têm como referentes elementos exclusivos da cultura terena, ou seja, que não são conhecidos por surdos que não sejam desse povo. Portanto, todos os sinais são da língua terena de sinais.

Figura 80 – Sinal DANÇA KIPAÉ, Parte I, Parte II e Parte III





Fonte: a autora

Neste sinal a CM é composta por todos os dedos da mão contraídos. A L é o lado do tronco. O M é reto para baixo, feito rapidamente, e repetido. Neste sinal também é feito um movimento com o pé, flexionando levemente o joelho e encostando o pé no chão, juntamente com o movimento feito pela mão, fazendo referência aos passos da dança Kipaé, apresentada na seção I.

Figura 81 – Sinal HI-HI, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV





Fonte: a autora

Hi-hi é um tipo de bolo feito com massa a base de mandioca cozida feita pelos terena e servida em ocasiões especiais. Ela é embalada com folhas de bananeira. Neste sinal a CM é composta por todos os dedos da mão estendidos. A L é a frente do tronco. O M é reto para baixo, feito rapidamente, e repetido, trocando-se as mãos.

Figura 82 – Sinal PINTURA CORPORAL, Parte I, Parte II e Parte III





Fonte: a autora

Os terena, como outros povos indígenas, se utilizam de pinturas corporais feitas com tinta a base de jenipapo em determinadas ocasiões, inclusive os surdos. Beбето, informante dessa pesquisa, sabe fazer pintura corporal muito bem. Neste sinal a CM é composta pelo dedo indicador estendido, enquanto todos os outros dedos são flexionados. A L é o braço. O M é de deslizar sobre o braço.

5.12 Conclusões sobre a análise lexical e gramatical dos sinais usados pelos terena

Esta pequena amostra do léxico da língua terena de sinais nos permite chegar a algumas conclusões iniciais. Os terena criaram sinais para representar objetos e ações que vivenciam em seu dia-a-dia. Como já dito, os terena possuem, em sua língua de sinais, sinais para os numerais de um a dez, e não possuem sinais para numerais ordinais, apenas para numerais cardinais, como muitos outros povos indígenas, em suas línguas orais. Isso se deve ao fator cultural, à cosmovisão de cada povo (pois um povo pode não sentir a necessidade de organizar as pessoas ou objetos em determinada ordem, classificando um como primeiro e outros como segundo e terceiro, por exemplo). Na LIBRAS existem sinais para os numerais de zero a infinito, que

mostram, em sua configuração de mão, influência da escrita do português (sobre a qual tratarei mais profundamente em outra seção), especialmente nos sinais para numerais de “cinco” a “dez” e os sinais que são formados a partir destes, como o sinal para “cinquenta e oito”, por exemplo. O fato de os terena usarem sinais para numerais de um a dez, apenas, de esses sinais não terem sofrido influência da escrita do português e o fato de não possuírem sinais para numerais ordinais é mais um indicativo da autonomia dessa língua, já que na LIBRAS os sinais para numerais são tão diferentes.

Outro fator que deve ser destacado e que precisa ser mais estudado posteriormente é o fato de os terena não possuírem sinais específicos para cores (com parâmetros fonológicos, como CM, M, e L), assim como os Kaapor em sua língua de sinais, mas se utilizarem de apontamentos para indicar cores. Os informantes da pesquisa relataram que nunca sentiram necessidade de criar sinais para as cores, pois sempre podem apontar para a cor (ou uma cor próxima da cor) sobre a qual desejam falar no ambiente em que estão. Esse parece ser um processo natural tendo em vista que o mundo dos surdos é um mundo visual, um mundo no qual a indicação por meio de apontamento é prática e gera uma economia linguística, característica de línguas naturais. De fato, Ferreira (2010, p. 168), estudiosa da gramática de línguas de sinais afirma que os estudos de línguas de sinais têm mostrado que, além das restrições de tendência universal (como as neurofisiológicas) e das restrições de ordem estrutural-linguística, existem também as que são ligadas à modalidade de língua espaço-visual ou oral-auditiva. Assim, segundo a pesquisadora, fica claro que as línguas selecionam características do mundo, também de acordo com a modalidade em que se realizam.

Além disso, como já foi pontuado, Crowley (1992), por meio dos métodos léxico-estatísticos, classifica as línguas como dialetos se elas compartilham 81-100% dos cognatos, nos vocabulários considerados principais. Elas são classificadas como da mesma família linguística se compartilham 36-81% dos cognatos e como famílias “descendentes” se compartilham 12-36% dos cognatos.

A comparação do léxico da LIBRAS e da língua terena de sinais mostra que são descendentes, ou seja, convivem numa mesma região e tem oportunidade de entrar em contato uma com a outra. Entretanto, a língua de sinais não pode ser considerada um dialeto (variedade regional) da LIBRAS, pois a quantidade de cognatos fica muito abaixo de 81%, em torno de 30%.

Assim, este estudo comparativo aponta mais uma vez para a autonomia da língua de sinais criada por surdos e ouvintes terena.

6. MORFOLOGIA

Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras, sejam elas de línguas orais ou de línguas de sinais. A morfologia investiga as regras que determinam a formação das palavras e a sua flexão. A palavra “morfema” é derivada do grego *morphé*, que significa “forma”. Os morfemas são as unidades abstratas mínimas de significado.

Alguns morfemas constituem palavras, outros são apenas partes de palavras. Assim sendo, existem os morfemas presos (em geral, afixos) e os morfemas livres (que constituem palavras).

Como já pontuado anteriormente, as línguas de sinais são línguas naturais, que como outras línguas possuem palavras com morfemas e classes de palavras:

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc. As línguas de sinais tem um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87)

Assim, passamos a analisar o sistema de criação de novos sinais na língua de sinais terena.

6.1 Processos de formação de palavras

O propósito deste trabalho não é apresentar uma gramática da língua de sinais terena, uma vez que um trabalho assim exige um estudo muito aprofundado para que não venha, apresentando informações superficiais e errôneas, prejudicar a comunidade indígena e também a comunidade científica. O objetivo da pesquisa é apresentar evidências de que esse sistema linguístico usado pelos terena constitui, de fato, uma língua. Portanto, a seguir são apresentadas resumidamente características morfológicas dela.

Segundo Kehdi (2003, p. 7), “basicamente, distinguem-se dois processos de formação lexical: a derivação e a composição”. A morfologia apresenta geralmente duas áreas de estudo: a derivacional e a flexional. A primeira trata da formação de diferentes palavras a partir de uma mesma base lexical, por exemplo, no inglês, *dreamer* (“sonhador”) deriva da palavra *dream*

(“sonho”). A segunda trata dos processos que acrescentam informação gramatical a uma palavra que já existe. Quero destacar aqui outro processo de criação de novas palavras em línguas de sinais: a composição. Segundo Petter (2003, p. 72), “o processo de composição junta uma base a outra, com ou sem modificação de sua estrutura fônica; aglutinando-se, em *aguardente*, ou justapondo-se, em *pentacampeão*”. Esse processo dá origem a um novo vocábulo, chamado composto. Segundo Kehdi “A composição ocorre quando dois ou mais radicais se combinam”, como em “amor-perfeito” e “guarda-chuva”, na língua portuguesa (KEHDI, 2003, p. 7).

“A associação de dois elementos mórficos produzindo um novo signo linguístico obedece a certos princípios ou mecanismos que variam em sua possibilidade de combinação nas diferentes línguas” (PETTER, 2003, p.65). Quero destacar, a princípio, o processo de adição, que ocorre quando um ou mais morfemas é acrescentado à base, que pode ser uma raiz ou radical primário, isto é, o elemento mínimo de significado lexical. Kehdi (2003, p. 7) explica que “quando um vocábulo é formado de um só radical, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos), tem-se a derivação”. Ele explica o processo dando os seguintes exemplos: *repor* (= *re-* (pref.) + *pôr*); *felizmente* (= *feliz* + *-mente* (suf.)). São chamados afixos os morfemas que se adicionam à raiz. Afixação é o processo. Dependendo da posição dos afixos em relação à base podemos ter cinco tipos: sufixação, prefixação, infixação, circunfixação e transfixação. São mostrados a seguir alguns sinais utilizados pelos terena que são constituídos, aparentemente, de uma base e um prefixo (os sinais CAMA, MESA DE JANTAR e MESA DE ESTUDOS). Por último, é apresentado o sinal FUTEBOL, formado a partir de composição.

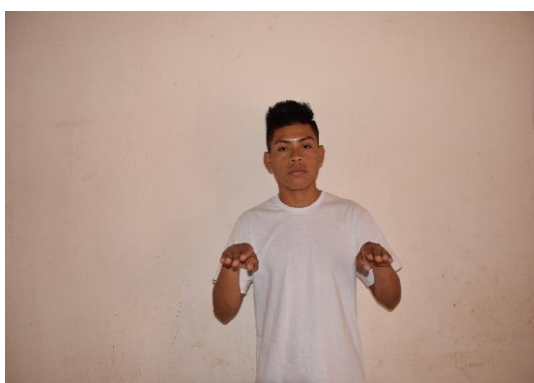
Figura 83 – Sinal DORMIR

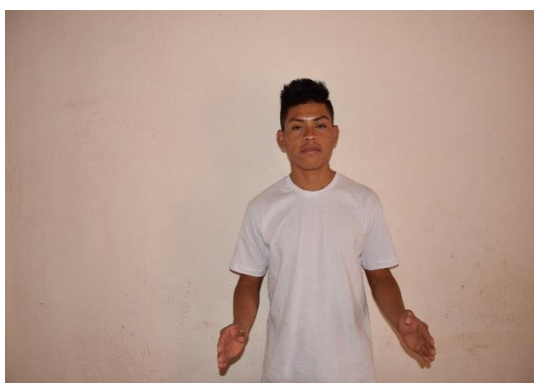


Fonte: a autora

Essa seria a base do sinal que mostraremos a seguir. Esse é o sinal que os terena fazem quando querem indicar que alguém já dormiu, está dormindo ou vai dormir. Por exemplo em TCHAU IR (INDICA LOCAL DA CASA) DORMIR.

Figura 84 – Sinal CAMA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V

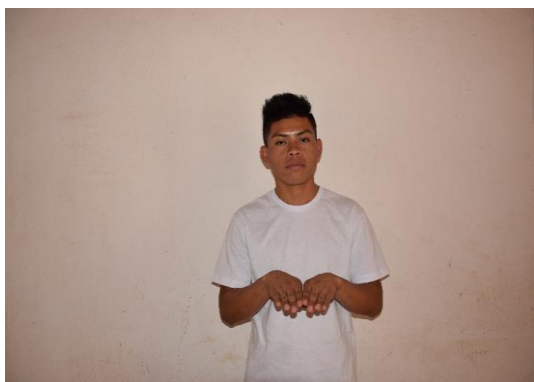


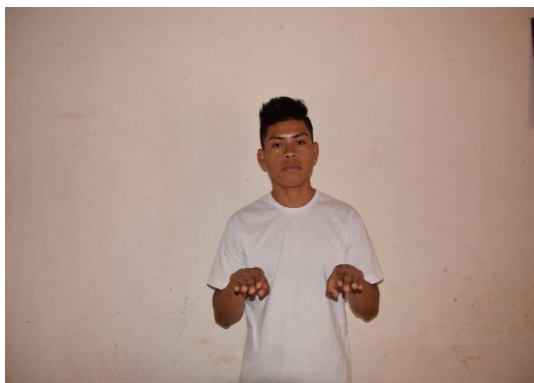


Fonte: a autora

A partir da parte II desse sinal (CAMA), observamos o que parece ser um sinal (uma palavra) ou morfema que isoladamente significa “móvel de formato retangular”. Cheguei a essa conclusão porque essa parte do sinal é encontrada também em outros sinais como MESA DA COZINHA e MESA DE ESTUDOS, apresentados a seguir:

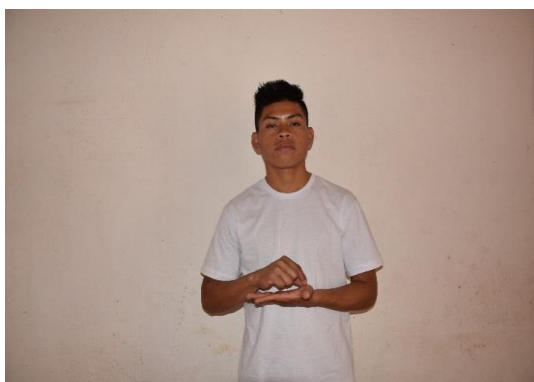
Figura 85 – Sinal MESA DE ESTUDOS, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V





Fonte: a autora

Na primeira parte desse sinal (MESA DE ESTUDOS), observamos o que parece ser um sinal (uma palavra) ou morfema que isoladamente significa “móvel de formato retangular”.





Fonte: a autora

Essa última parte do sinal, isoladamente, faz referência à ação de escrever, por exemplo quando algum informante me vê fazendo anotações sobre seus sinais e sinaliza VOCÊ ESCREVER MUITO (repete ESCREVER e faz E. F. contraindo sobrancelhas).

Como se pode perceber, esse sinal também é composto de duas partes. Aparentemente, o formato retangular funciona como prefixo e o sinal ESCREVER seria a base, formando o sinal MESA DE ESCREVER ou MESA DE ESTUDOS. Os terena usam esse sinal em sentenças como EU NÃO ESTUDAR MESA DE ESTUDOS ESTUDAR CAMA (eu não estudo na mesa de estudos, estudo na cama).

Figura 86 – Sinal MESA DE COZINHA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV, Parte V e Parte VI





Na primeira parte desse sinal (MESA DE COZINHA), observamos mais uma vez o que parece ser um sinal um morfema que isoladamente significa “móvel de formato retangular”.



Fonte: a autora

Essa última parte do sinal, isoladamente, faz referência à ação de comer, por exemplo quando algum informante me chama na hora do almoço e sinaliza VIR COMER (venha comer).

Como se pode perceber, esse sinal também é composto de duas partes. Essa parte do sinal que indica formato retangular não é usada isoladamente como um sinal com significado, por isso é classificado como afixo. Aparentemente, o formato retangular funciona como prefixo e o sinal COMER seria a base, formando o sinal MESA DE COMER ou MESA DA COZINHA.

O sinal que será apresentado a seguir mostra diferenças em sua formação, se comparado com os sinais apresentados anteriormente.

Figura 87 – Sinal FUTEBOL Parte I, Parte II e Parte III



Essa primeira parte do sinal FUTEBOL, isoladamente, significa BOLA para os terena, como na sentença VAI PEGAR BOLA (vá pegar a bola), dita a uma criança que chutou uma bola para longe de sua casa.



Fonte: a autora

Essa segunda parte do sinal faz referência à ação de chutar. As duas partes do sinal, portanto, remetem ao ato de chutar uma bola, formando o sinal FUTEBOL. Os sinais apresentados anteriormente continham uma parte aparentemente sem significado isoladamente,

que mostra um formato retangular. Entretanto, esse último sinal, FUTEBOL, ao que tudo indica, é formado a partir de composição, pois a primeira parte do sinal tem significado isoladamente (significa “bola”) e a segunda parte também (significa “chutar” ou “chute”, de acordo com o contexto).

Sinais de outras línguas de sinais são formados pelos mesmos processos. Sinais da LIBRAS formados a partir de composição, como MECÂNICO, ONÇA-PINTADA, FARMÁCIA e FRUTAS, são mostrados a seguir:

Figura 88 – Sinais MECÂNICO e ONÇA PINTADA em LIBRAS



Fonte: danianepereira.blogspot.com.br (2017)

Figura 89 – Sinais FARMÁCIA e FRUTAS em LIBRAS



Fonte: danianepereira.blogspot.com.br (2017)

6.2 Incorporação de informação léxico-sintática

Segundo Ferreira (2010, p. 25), a incorporação de informação léxico-sintática se dá pela super-posição da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito). Alguns exemplos que a autora fornece são:

1. COMER->COMER-MAÇÃ
2. BEBER, TOMAR->BEBER-CAFÉ
3. PAGAR+MÊS-> ALUGAR, PAGAR-MENSALMENTE

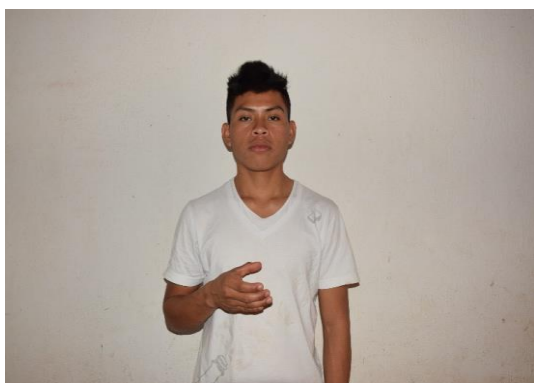
Segundo Oliveira e Cunha (2014, p. 8), em língua de sinais a concordância verbal existe apenas na classe de verbos que denotam transferência, ao contrário de determinadas línguas orais, em que geralmente sistemas de concordância se aplicam a todos os verbos. Além disso, segundo as pesquisadoras, em língua de sinais prioriza-se a concordância com o objeto, diferentemente das línguas orais, em que se pode dizer que o argumento mais importante é o sujeito, podendo também haver concordância com o objeto, mas não como prioridade.

Nos sinais usados pelos terena, um processo semelhante foi observado. Quando me convidam para tomar tereré, por exemplo, os surdos terena não usam o sinal TOMAR separadamente do sinal tereré. Eles sinalizam VIR TOMAR-TERERÉ. Entretanto, quando

falam de entregar ou dar alguma coisa a alguém o processo acontece de maneira diferente da LIBRAS. O sinal DAR ou ENTREGAR não se funde com a CM do objeto (no caso apresentado a seguir, COPO), ou seja, não houve processo de incorporação lexical da maneira como vemos na LIBRAS. Entretanto, os terena marcam a diferença entre um objeto considerado pequeno e um objeto grande dentro do sinal DAR. Para falar de objetos pequenos, o sinal DAR se realiza com apenas uma mão, como veremos a seguir:

Primeiro, apresento a sentença COPO DAR VOCÊ (eu dou copo para você) em uma sequência de três imagens:

Figura 90 – Sentença COPO (EU) DAR VOCÊ (eu dou copo para você), em LTS





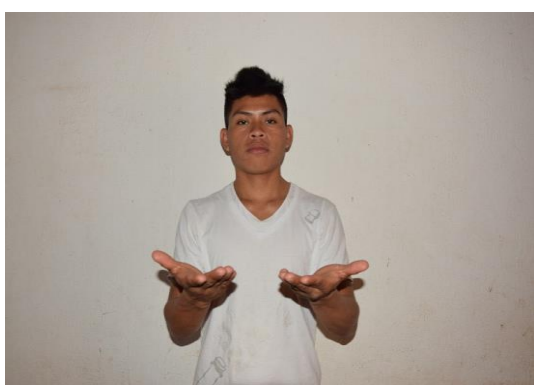
Fonte: a autora

Entende-se que, para objetos leves e que geralmente são segurados com apenas uma mão, faz-se o sinal DAR/ENTREGAR com apenas uma mão, e para objetos mais pesados, que geralmente são segurados com duas mãos, o sinal DAR/ENTREGAR deve ser realizado com as duas mãos, como vemos a seguir:

Em seguida darei outro exemplo, a sentença GARRAFA CAFÉ (EU) DAR VOCÊ (“eu dou a garrafa de café para você”), também apresentada em uma sequência de três imagens:

Figura 91 – Sentença GARRAFA CAFÉ (EU) DAR VOCÊ (eu dou a garrafa de café para você) em LTS





Fonte: a autora

6. 3 Incorporação de numeral

Na LIBRAS, existe incorporação de numeral (morfemas de CM que são incorporados a outros sinais para indicar uma quantidade definida). Pode-se mudar a CM do sinal MÊS, por exemplo, para dizer DOIS-MESES ou TRÊS-MESES em apenas um sinal. Também é possível indicar a duração de algum evento modificando a CM do sinal HORAS. O mesmo pode ocorrer com o sinal SEMANA. Se a ele for adicionado a CM em DOIS, por exemplo, ele passará a significar DUAS-SEMANAS. Foram colocadas imagens dos respectivos exemplos a seguir:

Figura 92 – Incorporação de numeral definido ao sinal MÊS



Fonte: XAVIER; NEVES, 2016

Figura 93 – Incorporação de numeral definido ao sinal HORA



Fonte: XAVIER; NEVES, 2016

Figura 94 – Incorporação de numeral definido ao sinal SEMANA



Fonte: XAVIER; NEVES, 2016

Esse processo não foi observado nos sinais terena. Para quantificar meses, dias ou horas, os terena mostram os numerais e meses, dias ou horas em sinais separados.

6.4 Incorporação de negação

Outro processo produtivo na LIBRAS é a incorporação da negação. Existem alguns sinais que podem incorporar a negação (Ferreira, 2010). O item a ser negado sofre alteração em um dos parâmetros, especialmente o parâmetro Movimento. Esse processo ocorre nos sinais NÃO-TER e NÃO-GOSTAR da LIBRAS.

Nos sinais terena também se observa esse processo, como no sinal NÃO-GOSTAR, apresentado a seguir.

Figura 95 – SINAL GOSTAR em LTS



Fonte: a autora

Esse é o sinal GOSTAR dos terena, usado em sentenças como GOSTAR-DELA.

Figura 96 – SINAL NÃO-GOSTAR em LTS, Parte I, Parte II, Parte III e Parte IV





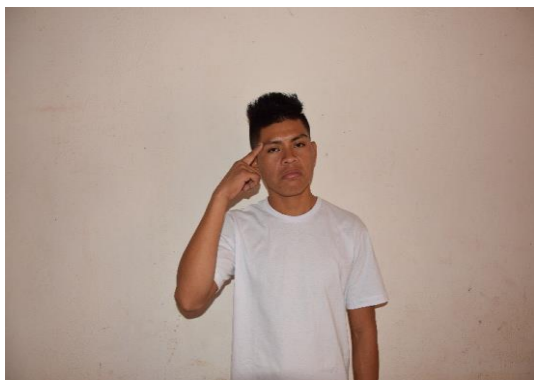
Fonte: a autora

Este é o sinal NÃO-GOSTAR dos terena. Além da E.F. com lábios contraídos, existe nele um movimento para frente diferente do que existe no sinal GOSTAR (mas a CM e a L permanecem as mesmas).

Porém o que mais se observa é a negação de forma marcada por meio da expressão facial incorporada ao sinal sem alteração de nenhum dos parâmetros, o que também acontece

na LIBRAS. Esse tipo de negação é classificado por Ferreira como negação supra-segmental e é observada no sinal NÃO-SABER da língua terena de sinais.

Figura 97 – Sinal NÃO-SABER em LTS



Fonte: a autora

Este sinal aparece em sentenças como no seguinte diálogo:

(P) DIA ENCONTRO SURDOS TERENA (Em que dia será o encontro dos surdos terena?)

(E)NÃO-SABER

O sinal SABER é feito com a mesma CM, mesmo M e mesma L, se diferenciando apenas pelas ENM (pela expressão facial e meneio de cabeça), pois é feito com expressão facial relaxada, sem contração das sobrancelhas, e sem meneio de cabeça.

Um caso especial de incorporação são os verbos chamados direcionais ou com flexão, os quais fazem recurso à direção do Movimento, marcando, grosso modo, o ponto inicial do Movimento, o sujeito e o ponto final do Movimento, o objeto. Esta incorporação, segundo Ferreira, equivaleria às flexões verbais da língua portuguesa.

Exemplos:

1. 1EMPRESTAR2 (=eu empresto para você)
2. 2EMPRESTAR1 (=você emprestar para mim)
3. 2EMPRESTAR3 (=você empresta para ele ou ela)

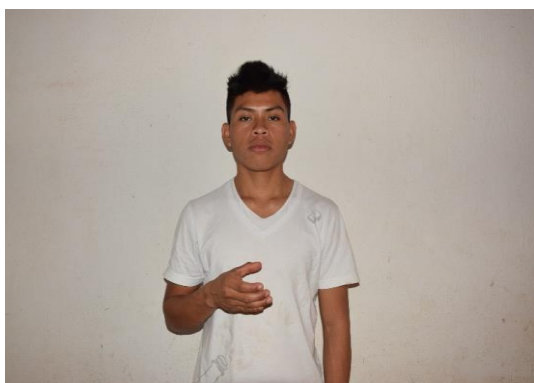
Esse processo também é observado nos sinais terena. Em diversos momentos de diálogos, pude observar exemplos de verbos direcionais, como em:

1. EU DAR VOCÊ
2. VOCÊ DAR CANETA para PRISCILLA
3. VOCÊ LEVAR ÁGUA para TAINARA

A seguir, temos exemplos ilustrados com imagens:

Primeiro, apresento mais uma vez a sentença COPO DAR VOCÊ (eu dou copo para você) em uma sequência de três imagens. Repetimos o exemplo pois ele é ideal também para demonstrar incorporação de direção do movimento ao verbo:

Figura 98 – Sentença COPO DAR VOCÊ (eu dou copo para você) em LTS





Fonte: a autora

Pode-se perceber que houve flexão, pois o sinal de DAR aponta para o agente primeiramente, e marca a trajetória entre este e o alvo na sentença, como pontua Ferreira. No caso explicitado, marca a trajetória do copo sendo entregue por Beбето a mim.

Em seguida darei outro exemplo, a sentença GARRAFA de CAFÉ (EU) DAR para VOCÊ (eu dou a garrafa de café para você), também apresentada em uma sequência de três imagens:

Figura 99 – Sentença GARRAFA CAFÉ (EU) DAR VOCÊ (eu dou a garrafa de café para você)





Fonte: a autora

Mais uma vez, houve flexão, pois o sinal de DAR aponta para o agente primeiramente, e marca a trajetória entre este e o objeto na sentença, como afirma Ferreira (2010). No caso explicitado, marca a trajetória da garrafa de café sendo entregue por Beбето a mim.

Uma preocupação universal entre linguistas é a definição de verbos e nomes nas línguas. Como definir o que é verbo e o que é nome em uma língua? Como definir isso em uma língua de sinais? Como se dá isso na LIBRAS? Alguns autores, como Quadros, Pizzio e Rezende, afirmam que muitas vezes o nome e o verbo se distinguem na LIBRAS por uma diferença no padrão do movimento dos sinais, como por exemplo em TELEFONAR e TELEFONE. A diferença se dá, segundo esses autores, da seguinte maneira: "Na produção do substantivo, o movimento é curto e repetido rapidamente, enquanto que na produção do verbo é longo e repetido lentamente." (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p.32). Porém existem discussões mais recentes, feitas por pesquisadores como Chaibue (2013), que em suas coletas de dados não constataram essa diferença marcada desse modo. Ela relata que estudos antigos sobre a estrutura da LIBRAS foram influenciados pela estrutura de outras línguas orais e de sinais que já foram mais analisadas, como a língua americana de sinais (ASL, de American Sign Language). A diferença, segundo a pesquisadora, se dá pelo contexto em que o sinal está inserido. Aponta Chaibue (2013, p. 18), que

A dificuldade em se distinguir Nomes de Verbos é uma realidade que pode ser ainda mais complexa na análise de línguas de sinais, uma vez que os estudos sobre essas línguas tradicionalmente vêm influenciados por descobertas oriundas das pesquisas sobre línguas orais; em outros casos, pode acontecer também de a análise sobre uma dada língua de sinais ser influenciada pela análise proposta para outra língua sinalizada que conte com um maior número de estudos. No caso da LIBRAS, alguns autores apontam para a aparente interferência de análises da Língua Portuguesa, bem como de outras línguas de sinais (PIZZIO, 2011). É perceptível a

transposição da existência das categorias lexicais nas línguas orais para as línguas de sinais, ignorando possíveis diferenças decorrentes da modalidade.

O que se pôde concluir até o presente momento é que a diferença entre nomes e verbos na língua de sinais terena é feita pelo contexto, como parece ser o caso de diversas línguas de sinais (Oliveira, em comunicação pessoal).

6.5 Conclusões sobre a morfologia

A análise morfológica mostra que os terena utilizam processos como da composição e derivação para criar novas palavras, assim como outras LS e LO. Ainda há muito a ser estudado, mas já é possível perceber processos complexos indicando que a língua terena de sinais se desenvolveu há algum tempo, não sendo um conjunto de sinais caseiros.

Tendo em vista as características morfológicas dos sinais terena apresentadas, percebe-se que algumas também estão presentes na LIBRAS e outras línguas de sinais, enquanto outras não. Esse fato aponta, mais uma vez, para a autonomia dessa língua.

7. SINTAXE

A Sintaxe tradicionalmente é definida como a área de estudo da Linguística que analisa a combinação das palavras em determinada ordem para a formação de estruturas maiores (frases).

De acordo com Faraco (2005, p. 12), “a sintaxe é o estudo da organização das sentenças numa língua”.

A sintaxe está ligada à morfologia, portanto muitas vezes nos deparamos com estudos denominados morfossintáticos, mais do que com estudos “apenas” sintáticos. Os estudos sobre sintaxe de línguas de sinais ainda estão em seu início, entretanto, alguns estudos foram feitos sobre a sintaxe da LIBRAS, por exemplo, revelando semelhanças e também diferenças em relação ao português e outras línguas orais, despertando o interesse da comunidade científica. A seguir, são apresentadas algumas características da sintaxe da LIBRAS para exemplificar o funcionamento da sintaxe numa língua mais conhecida e, posteriormente, são feitas discussões sobre a sintaxe da língua de sinais terena.

7.1 Sintaxe Espacial

Quadros e Karnopp (2004) destacam, no que se refere à sintaxe da LIBRAS, dois aspectos, que estão relacionados: o uso de expressões faciais e a estrutura da frase.

Devido ao fato de serem línguas viso-gestuais ou viso-espaciais e não auditivas, as línguas de sinais têm sua sintaxe organizada em um espaço visual, diferente do que acontece com as línguas orais. Isso implica em diferenças entre as duas modalidades de língua, e daí advém o termo “sintaxe espacial”.

A seguir encontram-se algumas características sintáticas da LIBRAS:

Segundo Quadros e Karnopp (2012), qualquer referência usada no discurso exige o estabelecimento de um local no espaço de sinalização. As pesquisadoras pontuam que este local pode ser referido por meio de vários mecanismos espaciais:

- a) Fazer o sinal em um local particular (se a forma do sinal permitir; por exemplo, o sinal CASA pode acompanhar o local estabelecido para o referente).

- b) Direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente como sinal de um substantivo com a apontação para o substantivo
- c) Usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico (por exemplo, apontar para o ponto 'a' associando essa apontação com o sinal CASA; assim o ponto A passa a referir CASA
- d) Usar um pronome (a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia
- e) Usar um classificador (que representa aquele referente) em uma localização particular
- f) Usar um verbo direcional (com concordância) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço

Essas características estão presentes em outras línguas de sinais, inclusive na língua de sinais terena. Os terena também se utilizam de verbos direcionais (que se classificam como verbos com concordância, em línguas de sinais), por exemplo, quando produzem frases como EU LEVAR PRISCILLA CASA GIANE (eu levei a Priscilla na casa da Giane) ou VÓ TRAZER LENHA MATO AQUI (A vó trouxe lenha do mato até aqui).

Entretanto, deve-se destacar que o uso da apontação e do espaço de sinalização é diferente entre os terena. Foi percebida na língua deles a mesma característica encontrada na língua de sinais Kata Kolok, que veremos a seguir.

7.2 Marca de referente no espaço de sinalização

Pesquisadores de linguística histórica e línguas de sinais jovens afirmam que sinais caseiros passam a ser “sinais desenvolvidos” quando passam a apresentar organização sintática, pois assim podem expressar conceitos abstratos (SUPALLA, 2006).

Segundo Quadros e Karnopp(2012), os mecanismos espaciais são fundamentais nas Línguas de Sinais, pois determinam relações sintáticas e semânticas/pragmáticas.

Zeshan (2004) afirma que na língua de sinais Kata Kolok (usada por uma comunidade surda numa vila no norte de Bali, no norte da Indonésia), a referência espacial é diferente de línguas de sinais urbanas. Eles têm em sua língua uma característica chamada de referência espacial absoluta. Isso porque quando eles marcam um referente ausente da situação de enunciação no espaço de sinalização, eles não apontam para a esquerda e/ou direita, estabelecendo pontos abstratos no espaço para representar figurativamente pessoas ou objetos.

Como eles conhecem o local exato das casas, plantações, gado etc, eles apontam para o lugar onde o objeto ou pessoa está de fato, naquele momento. Foi percebido que os terena (surdos e ouvintes) também possuem essa referência espacial absoluta. Eles sabem onde fica a casa, a escola e a igreja de cada um de seus conhecidos; portanto, não têm dificuldade em apontá-los no espaço de sinalização. O mesmo acontece com a indicação das horas do dia, feita com a mão apontando para o local onde o sol se encontra em determinada hora, e não com números. Entretanto, esse costume é comum em meio a povos indígenas, independentemente de serem surdos ou não (em geral povos indígenas são exímios observadores dos astros e usam esse conhecimento de maneira vasta em seu dia a dia). Esses sinais, portanto, são “motivados” culturalmente.

7.3 Espaço de sinalização em línguas de sinais diferentes

É muito relevante também perceber que o fato mencionado anteriormente (referência espacial absoluta de povos nativos), dentre outros, torna o espaço de sinalização desses povos maior, diferente do espaço de sinalização da LIBRAS, por exemplo. Essa característica, presente também em outras línguas de sinais indígenas, pode tornar os surdos índios vítimas de preconceito de quem está habituado apenas com a LIBRAS e outras línguas de sinais urbanas, que possuem um espaço de sinalização menor.

Em centros urbanos é apregoado que os sinalizantes de uma língua de sinais devem ser discretos, utilizando um espaço de sinalização pequeno (em geral o espaço em frente ao tronco, entre o topo da cabeça e o quadril) e movimentos preferencialmente curtos em seus sinais. Entretanto, devemos ter em mente que esse conceito provavelmente tem sua origem na época do Congresso de Milão (1880), na qual os surdos tinham suas mãos amarradas e eram proibidos de usar línguas de sinais, portanto, só conseguiam fazê-lo com muita discrição e com movimentos curtos. Portanto, não existe razão científica para classificar línguas de sinais com espaço de sinalização maior como inferiores àquelas que possuem um espaço de sinalização menor. Anatomicamente falando, um espaço de sinalização maior poderia, inclusive, facilitar o aprendizado e o uso de uma língua de sinais, uma vez que é visualmente mais fácil acompanhar movimentos longos do que curtos.

7.4 Formação de sentenças interrogativas

Outra questão pesquisada pela área da sintaxe é a formação de frases interrogativas. Na LIBRAS a expressão facial é crucial na formação de interrogativas, pois é por meio dela que se marca, muitas vezes, a diferença entre uma frase interrogativa e uma afirmativa. Veremos a seguir exemplo de sinais interrogativos na LIBRAS e, depois, sinais interrogativos usados pelos terena.

Figura 100 – Pronomes interrogativos usados na LIBRAS



Fonte: vidacff.blogspot.com.br (2016)

Na imagem, pode-se perceber que para fazer perguntas o utente de LIBRAS deve contrair a musculatura do rosto, especialmente sobrancelhas e lábios. Em outras línguas de sinais, inclusive na língua terena de sinais, isso também acontece. Os sinais usados pelos terena para construir sentenças interrogativas são diferentes dos sinais da LIBRAS em sua configuração de mão, movimento e, em alguns sinais, também na locação. Entretanto, as expressões faciais específicas (de função sintática), como nos sinais da LIBRAS, também estão presentes nos sinais terena. Assim como acontece em outras línguas de sinais, as expressões não-manuais na língua de sinais terena são muitas vezes responsáveis por realizar a diferença entre sentenças afirmativas e interrogativas.

Estão presentes na imagem os sinais ONDE e POR QUE da LIBRAS. A seguir, podemos observar os sinais ONDE, COMO e POR QUE da língua de sinais terena:

Figura 101 – Sinal ONDE em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este é o sinal ONDE, usado em sentenças como ONDE ESTAR LARSON? (“Onde está o Larson?”). Além de possuir a expressão facial tipicamente interrogativa, já citada anteriormente, ele é acompanhado de outra expressão não-manual: o movimento da cabeça, feito rapidamente de um lado para o outro.

Figura 102 – Sinal COMO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este é o sinal COMO, usado em sentenças como COMO VOCÊ FAZER? (“Como você fez?”) Ele é acompanhado de *mouthing*, utilizando a palavra “como” da língua portuguesa.

Figura 103 – Sinal POR QUE em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Este é o sinal POR QUE, usado em sentenças como POR QUE VOCÊ IR LÁ? (por que você vai para lá?). Esse sinal é bastante diferente do sinal POR QUE da LIBRAS, feito com uma configuração de mão diferente e movimento mais longo, exemplificando o que foi dito a respeito do espaço de sinalização e movimentos maiores usados por sinalizadores indígenas.

Como já dito, todos esses sinais são diferentes da LIBRAS em diversos parâmetros, mas funcionam da mesma maneira na sintaxe da língua de sinais terena, originando sentenças interrogativas e diferenciando-as de sentenças afirmativas.

É interessante lembrar que uma língua é composta por abstrações. Com o uso da língua (de sinais ou oral) um falante (surdo ou ouvinte) pode falar de algo que já aconteceu ou que ainda vai acontecer, ou seja, de fatos que não estão ocorrendo no momento de fala (algo concreto, visível). Essa abstração só é possível por meio de uma gramática, de marcas de passado e futuro. Para compreender melhor abstrações de seu interlocutor, também é necessário que o falante faça perguntas como “onde?”, “como?”, “por que?”, obtendo mais detalhes sobre

determinado tópico. Assim, os dados apresentados comprovam que os surdos terena são capazes de atingir o nível de abstração de qualquer língua.

7.5 Conclusões sobre a sintaxe

A análise da sintaxe mostrou que existem processos fixos para a ordem das palavras na sentença, na língua terena de sinais, e processos de concordância que acontecem também em outras LS. Mostra que os terena marcam referentes de maneira diferente no espaço de sinalização. Também mostra que o espaço de sinalização nessa e em outras línguas de sinais indígenas podem ser diferentes, provavelmente por questões históricas e culturais, o que deve ser mais estudado. A análise também mostra como são feitas as sentenças interrogativas nessa língua de sinais. Todos esses fatos apontam para a autonomia e também para o desenvolvimento da língua terena de sinais (língua que já passou de um estágio inicial, como da fase de sinais caseiros, por exemplo).

8. SEMÂNTICA

A definição de semântica como área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais é bastante consensual. Essa definição, entretanto, não é muito esclarecedora, porque é preciso definir antes o que é significado (MULLER; VIOTTI, 2012, p. 137).

Existem diversas áreas dentro da semântica: a semântica textual, cognitiva, lexical, argumentativa e discursiva, cada uma com um foco diferente (MULLER; VIOTTI, 2012, p. 137). O estudo da semântica contribui para a compreensão do que é o signo para a Linguística.

Já se debateu muito a definição de signo. O signo é uma relação entre um significante e um significado, e não entre uma palavra e uma coisa. Saussure, ao definir uma relação entre um significante, a imagem acústica do signo, e um significado, o seu conceito, diz que o sentido do signo deixa de depender de um referente fora da língua, e passa a ser determinado por uma relação entre duas grandezas linguísticas: uma imagem acústica, de ordem fonológica, e um conceito, de ordem semântica (PIETROFORTE, LOPES, 2012, p. 111).

Hjelmslev segue a mesma linha de pensamento de Saussure (1916). Ele postula que a linguagem está presente em todas as atividades humanas, portanto é possível questionar se ela seria a fonte, e não o reflexo, de todas as coisas e eventos que estão no mundo.

Uma propriedade central das línguas naturais é sua produtividade. As línguas naturais nos permitem produzir e compreender constantemente significados novos. Permitem a criação de novas palavras e de novas sentenças (MULLER, VIOTTI, 2012).

Segundo Finau (2004), diferentemente das línguas orais, principalmente as de origem Indo-Européia, que expressam a distinção temporal em termos de flexão verbal, a LIBRAS costuma ser citada como exemplo de sistema em que não há essa flexão, a qual é denotada apenas pelo emprego de advérbios temporais.

Não só a LIBRAS possui essa característica, mas outras línguas de sinais ao redor do mundo também, e no caso dos terena não é diferente.

Com relação à temporalidade, Finau (2004) diz que é possível sintetizar a organização do sistema da LIBRAS da seguinte forma: o futuro é examinado como estrutura estereotipada, com emprego de operador temporal específico; o passado é observado pela ocorrência tanto do operador quanto do valor lexical dos verbos e o presente é dado por default, devido à ausência de marcas para passado ou futuro. O mesmo processo acontece na língua terena de sinais.

8.1 Exemplos: sinais que expressam conceitos temporais

Passarei a exemplificar o que foi exposto a seguir, com alguns advérbios de tempo encontrados na LIBRAS e nos sinais terena:

Figura 104 – Sinal ONTEM em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal ONTEM da LIBRAS, usado em sentenças como ONTEM COMER MACARRÃO (Ontem eu comi macarrão).

Figura 105 – Sinal AMANHÃ em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal AMANHÃ da LIBRAS, usado em sentenças como AMANHÃ FAZER PROVA (Amanhã vou fazer a prova).

Figura 106 – Sinal FUTURO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal FUTURO da LIBRAS, usado em sentenças como FUTURO COMPRAR CASA (No futuro vou comprar uma casa).

Figura 107 – Sinal PASSADO em LIBRAS



Fonte: <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> (2017)

Este é o sinal PASSADO da LIBRAS, usado em sentenças como PASSADO SURDOS NÃO-PODER LÍNGUA DE SINAIS (No passado surdos não podiam usar línguas de sinais).

Figura 108 – Sinal ONTEM em LTS, Parte I, Parte II e Parte III



Fonte: a autora

Esse é o sinal ONTEM, usado em sentenças como ONTEM JOGAR FUTEBOL MACHUCAR (Ontem jogando futebol eu me machuquei, dita pelo informante Bebeto em conversa espontânea).

Figura 109 – Sinal AMANHÃ em LTS, Parte I, Parte II e Parte III



Fonte: a autora

Esse é o sinal AMANHÃ, usado em sentenças como AMANHÃ IR CASA GIANE (“Amanhã vou na casa da Giane”).

Figura 110 – Sinal PASSADO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Esse é o sinal PASSADO, usado em sentenças como PASSADO TERENA LAVAR ROUPA RIO (No passado os terena lavavam roupa no rio).

Figura 111 – Sinal FUTURO em LTS, Parte I e Parte II



Fonte: a autora

Esse é o sinal FUTURO, usado em sentenças como FUTURO EU CASAR TER FILHOS (No futuro eu vou me casar e ter filhos).

Esses sinais mostram que a língua terena de sinais permite pensar sobre o tempo, expressar noções de futuro e passado, além do tempo presente. Para que isso aconteça é necessário que os utentes da língua consigam fazer abstrações. Segundo Quadros e Karnopp (QUADROS; KARNOPP, 2004,) não é possível fazer abstrações por meio de gestos, apenas com uma língua, um sistema padronizado, com uma gramática. Apesar das línguas de sinais (como a LIBRAS) não possuírem flexão verbal como algumas línguas orais, como o português, elas marcam o tempo por meio de advérbios (mas esse é um processo comum em línguas orais também). A língua de sinais terena é mais um exemplo da regra. Isso mostra uma semelhança não só com a LIBRAS, mas com diversas línguas de sinais. É importante ressaltar que, como mostrei, o processo para marcar o tempo na língua terena de sinais é o mesmo processo da LIBRAS, entretanto, os sinais usados nas duas línguas para expressar os mesmos significados são diferentes, o que aponta mais uma vez para a autonomia da língua indígena.

8.2 Conclusões sobre a semântica da língua terena de sinais

Apesar de breve, este estudo sobre a semântica da língua de sinais terena mostrou que a marcação de tempo nessa língua é feita com o uso de advérbios, revelando a capacidade de abstração por meio dessa língua, o que é relevante. O mesmo processo acontece também em outras LS e LO. Esse estudo deve ser aprofundado com o uso de mais dados coletados, futuramente.

9. CONTRIBUIÇÕES

Uma vez que foram apresentados o povo terena, os métodos para coleta de dados sobre a língua de sinais terena e as características de línguas de sinais naturais e elementos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica da língua terena de sinais, serão apresentadas neste momento, algumas contribuições para a pesquisa de línguas de sinais, especialmente línguas de sinais indígenas.

9.1 Configurações de Mão da língua terena de sinais e sua relação com grafocentrismo

Foram comparados, até aqui, mais de 27 sinais da LIBRAS (se considerarmos as variações de sinais existentes) de diferentes campos lexicais com sinais criados pelos terena e apresentados 3 sinais que representam elementos culturais dos terena. Na seção anterior, foram apresentados também 10 sinais dos terena de diferentes campos semânticos e a seguir serão mostrados mais 5 sinais. Em minha dissertação de mestrado (SUMAIO, 2014) é possível conhecer outros sinais terena. Foi constatado que os sinais criados pelos terena são diferentes dos sinais da LIBRAS em mais de dois parâmetros, na maior parte desses sinais. Os sinais dos terena são diferentes da LIBRAS principalmente em relação ao parâmetro Configuração de Mão (CM). Fargetti e Soares (2017) perceberam que os terena não possuem sinais inicializados, como os da LIBRAS, porque não são um povo “grafocêntrico” como as sociedades não-indígenas.

Não há como negar que nossa sociedade é grafocêntrica, pois, mesmo ao nascer, somos identificados em papel, por escrito, em nossa certidão de nascimento, com a grafia de um nome que irá nos acompanhar para o resto de nossas vidas. Se ele é grafado com *y*, com *h* ou não, isso é extremamente importante para nós, para quem somos. Assim, desde cedo, nós da cultura do papel, temos dificuldade de dissociarmos nosso pensamento da grafia de letras.

Entretanto, sempre houve sociedades ágrafas, sem escrita. Segundo Cagliari (2005, p. 164), a escrita começou na Suméria, em 3100 a.C., aproximadamente. O pesquisador afirma que, como essa região era de muita água e pouca floresta, a escrita era feita em tabletes de barro. Mais tarde, ainda segundo o autor, a escrita foi feita também em madeira, metal e em pedras dos monumentos:

A idéia de escrever partiu da Suméria e se espalhou rapidamente pelo mundo, surgindo muitas variações no sistema de escrita, cada qual procurando adaptar os símbolos gráficos e seus usos para melhor representar a própria língua. Como as línguas eram muito diferentes, surgiram sistemas de escrita também muito diferentes. Os estudiosos acham que fora da Suméria, a idéia de escrever tenha surgido de forma independente apenas na China, por volta de 1300 a. C. e entre os Maias da América Central, cuja história se conhece pouco e cuja escrita, em grande parte, ainda não foi decifrada. Talvez a escrita tenha surgido sem influência externa também no Egito, por volta de 3000 a.C. Todos os demais sistemas de escrita conhecidos são, certamente, derivados destes quatro, sobretudo o sistema sumério.

Em geral, com exceção dos maias, os índios americanos constituíam sociedades ágrafas. Pensando na revolução dos sistemas de escrita, que se espalharam a partir dos sumérios, os americanos, aqui isolados por em torno de 10.000 anos, após sua migração da Ásia, não acompanharam essa modificação em suas culturas. Portanto, concluímos que o isolamento fez com que não entrassem em contato com sistemas de escrita, e assim permaneceram até o contato com os europeus que, a princípio com intuítos missionários, lhes impuseram ortografias para suas línguas, a partir de modificações do alfabeto romano. Portanto, vemos que a escrita está presente para índios e não-índios e negá-la não é possível, nem produtora. Então, se somos grafocêntricos, se, mesmo ao falarmos, pensamos nas letras, como se dá esta questão em comunidades surdas? São os sinais baseados na escrita? E em povos em que a escrita é recente, os sinais poderiam se referir a ela? De que forma?

Como podemos perceber, pela observação de relatos antigos de educadores do século XIX, a escrita da língua francesa e da língua portuguesa sempre estiveram presentes no uso da LIBRAS, influenciando-a de diversas maneiras, sendo representada, como já dito, pela datilologia, ou alfabeto manual. A soletração manual, como também é chamada, é amplamente utilizada nas línguas de sinais como um meio para representar palavras escritas de uma língua oral, mas não somente para isso. Pesquisadores do léxico e da gramática da LIBRAS demonstram que o uso da soletração manual na LIBRAS é muito produtivo. Castro Júnior (2014, p. 39-40), um pesquisador surdo, explica que o alfabeto datilológico teria importante função de intercomunicação entre línguas diferentes, uma vez que, caso um surdo conheça a escrita da língua oral do outro surdo, poderá usar letras do alfabeto dessa língua oral, para saber seu correspondente na língua de sinais. Portanto, o uso de letras não substitui apenas os sinais, ele cumpre uma função comunicativa importante e frequentemente utilizada no meio da cultura surda, tendo grande importância na prosódia da comunicação.

O autor aponta, inclusive, a possibilidade de gramaticalização da datilologia na LIBRAS:

Várias questões com implicações na organização da gramática da datilologia nos estudos da variação linguística em Libras estão relacionadas com a pesquisa de situações em que a datilologia é desejável em Libras. Uma dessas sugestões é estudar como se dá o processo de evolução da datilologia na Libras. Uma das propostas leva em consideração a seguinte evolução linguística: datilologia → sinais soletrados → processos datilológicos → sinal-termo na Libras → variantes em Libras → convencionalização → padronização. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.41)

Fica claro, então, o quanto a datilologia já foi útil e "desejável", como pontua Castro Júnior, para a LIBRAS, e o quanto ainda será. O grafocentrismo característico da sociedade europeia certamente influenciou suas línguas de sinais, então, chegando até a LIBRAS, língua falada por surdos brasileiros dos centros urbanos. Porém, é interessante refletir sobre essa necessidade de se prender ao que é gráfico. Pesquisadores concluem que essa é uma característica presente na "maioria" das línguas de sinais, porém essa é uma necessidade não demonstrada pelos povos indígenas em geral. Portanto criou-se a hipótese de que também não seria uma característica presente na língua de sinais dos terena surdos ou de outras comunidades surdas indígenas.

Em nosso caso (FARGETTI; SOARES, 2017), o objetivo era descobrir se existem indícios de que alguns sinais terena (ou todos) sofreram influência da datilologia em um de seus aspectos fundamentais - a configuração de mãos - como aconteceu com a LIBRAS. Como já dito na seção IV, por pesquisas linguísticas, foi comprovado que na LIBRAS existem 46 configurações de mão (Figura 12), sendo que o alfabeto manual utiliza 26 destas configurações para representar as letras. Essas configurações de mão que representam letras do alfabeto estão presentes em alguns sinais da LIBRAS, fazendo referência à letra inicial do nome do seu respectivo referente em português. Isso configura um tipo de empréstimo presente na LIBRAS que advém da língua portuguesa. Existem outros tipos de empréstimo nessa língua com origem no português, porém queremos nos ater, neste momento, a esse processo específico, chamado de inicialização (*initialized signs*).

Sobre datilologia e empréstimos nas línguas de sinais advindos de línguas orais, Nascimento (2010, p. 27) afirma que a maioria dos empréstimos em línguas de sinais vem de uma língua oral, por meio de datilologia, a qual a autora compara à soletração de línguas orais; a letra então entraria numa configuração de mão da língua de sinais e poderia então também receber algum movimento. A pesquisadora ainda aponta que “a soletração manual tem sido um canal produtivo para empréstimos entre línguas orais e de sinais”, e que é preciso distinguir datilologia propriamente dita de empréstimos lexicais, que já teriam adentrado o sistema linguístico, após ter passado por uma fase de preenchimento de lacuna, o que chamaríamos de

“variação”, para posterior mudança.

A inicialização, segundo a autora, não é um fenômeno muito estudado, porém já foi detectado em línguas de sinais estrangeiras, e aqui, no Brasil, foi descrito primeiramente por Ferreira-Brito (2010) e Faria (2009), sendo chamado por Faria também de empréstimo por transliteração de inicial. Ou seja, ela se apresenta como o surgimento de novo sinal, que toma emprestada, da escrita da língua oral, a letra inicial da palavra, representada pela configuração de mão (CM) neste sinal.

Um exemplo é o sinal PROFESSOR, em LIBRAS, que é realizado com a CM que representa a letra P da datilologia. O sinal para PEDRA, em LIBRAS, também tem a configuração de mão em P. Essas ocorrências não são regra, mas são um processo notável nessa língua, para a produção de novos sinais, inclusive dos chamados sinais-termos (estudados por pesquisadores como Castro Júnior e outros no projeto Varlibras⁷). Esse processo é chamado de processo datilológico. Sendo assim, é notável o quanto a escrita da língua portuguesa e de outras línguas já influenciou e ainda influencia a LIBRAS (CASTRO JÚNIOR, 2011; 2014).

Ao perceber o quanto o gráfico influencia a LIBRAS e outras línguas de sinais, como a francesa, e é incorporado nelas, passamos a questionar se os sinais da língua terena de sinais teriam também essa característica. Segundo nossas pesquisas fica claro que alguns sinais utilizados por alguns terena surdos (os que conhecem LIBRAS) foram influenciados pela LIBRAS, como o sinal ALDEIA CACHOEIRINHA e o sinal CACIQUE (SUMAIO, 2014), apresentados a seguir. Os sinais - representados por imagens sequenciais que possibilitam perceber a trajetória de seu movimento – podem ser vistos a seguir:

⁷ Segundo Castro Júnior, o grupo de estudo em variação linguística da LIBRAS, em consonância multidisciplinar com outros grupos dos núcleos na Universidade de Brasília (UnB) discute inicialmente a proposta de registrar sinais-termo que são formas variantes na LIBRAS, visando a criação de um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras.

Figura 112 – Sinal CACIQUE em LTS, Parte I, Parte II e Parte III



Fonte:a autora

Figura 113 – Sinal ALDEIA CACHOEIRINHA em LTS, Parte I, Parte II e Parte III



Fonte: a autora

Percebe-se que se utiliza a configuração de mão em C ao longo de todo o sinal, além da referência à faixa presidencial, traço de iconicidade presente em sinais da LIBRAS que fazem referência a autoridades, como o sinal PRESIDENTE ou GOVERNADOR e da referência ao sinal CACHOEIRA, em LIBRAS, tendo em vista que são utilizados os mesmos pontos de articulação e o mesmo movimento desses sinais. Entretanto, precisam ser ressaltados dois fatos acerca desses sinais, antes que sejam feitas as análises de outros sinais terena: em primeiro lugar, dentre tantos sinais coletados entre os terena, apenas nesses dois sinais (além de alguns

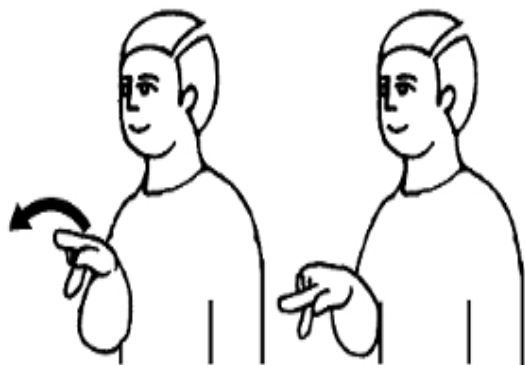
poucos sinais para nomes próprios, ou seja, criados por surdos *purutuyé*, e não pelos terena) foi detectada a influência da LIBRAS e do grafocentrismo, na referência à letra "C" que inicia tanto a palavra "cacique" quanto a palavra "Cachoeirinha". Essa pequena quantidade de sinais representa uma porcentagem mínima se comparada à porcentagem de sinais coletados que não mostrou ter sofrido esse tipo de influência. Não que a influência de outras línguas seja algo negativo.

Estudos da sociolinguística já comprovaram há bastante tempo que a influência de uma ou mais línguas sobre outra(s) é perfeitamente natural e contribui para o crescimento do léxico, dentre outras camadas das línguas, enriquecendo-as. Entretanto, como já foi dito, sociedades indígenas costumam não ser grafocêntricas, e é isso que foi demonstrado também pelos sinais dos surdos terena, que mostraremos a seguir. Portanto, os sinais mostrados anteriormente configuram exceção, e não regra, entre os sinais terena.

O segundo fato a ser ressaltado, porém, é que os surdos terena que criaram e utilizam esses sinais são surdos jovens e que conhecem a LIBRAS. Esses sinais, portanto, foram criados recentemente, pois, como já foi dito, esses surdos não conheceram a LIBRAS na fase de aquisição da linguagem. Além disso, esses jovens representam uma pequena parte de todos os informantes com quem já trabalhei. Portanto, isso demonstra uma influência recente e ainda pequena e mostra que os sinais nativos dos terena originalmente não têm configuração de mão ligada à representação do alfabeto da língua portuguesa ou da língua terena escrita.

Afastando-nos das exceções, e focalizando a regra para atingir o objetivo de explicar nossa tese, apresentamos a seguir os sinais para PROFESSOR e PEDRA, para uma comparação com os sinais já citados da LIBRAS. Em seguida, apresentaremos outro sinal da LIBRAS, com outra configuração de mão, e seu sinal correspondente nos sinais terena.

Figura 114 – Sinal PROFESSOR em LIBRAS



Fonte: www.ip.usp.br (2016)

Este é o sinal PROFESSOR em LIBRAS. Sua configuração de mão, como se pode perceber, é a mesma que representa a letra P, do alfabeto da língua portuguesa.

Figura 115 – Sinal PROFESSOR em LTS



Fonte: a autora

Este é o sinal para professor em sinais terena. Ao contrário do que ocorre no mesmo sinal em LIBRAS, não há nenhuma referência à escrita da palavra “professor” em português ou em terena. A referência icônica para esta configuração de mão, segundo os próprios informantes, são os óculos que um professor que lecionava conteúdos na escola para um deles costumava usar.

Vejamos agora outro exemplo:

Figura 116 – Sinal PEDRA em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

Este é o sinal PEDRA em LIBRAS. Sua configuração de mão também representa a letra P, do português.

Figura 117 – Sinal PEDRA em LTS



Fonte: a autora

E este é o sinal PEDRA nos sinais terena. Com ele acontece o mesmo: não há nenhuma referência à escrita da palavra “pedra” em português ou em terena. A referência icônica para esta configuração de mão parece ser apenas um formato genérico para representar uma pedra. O próximo sinal é o sinal CANTAR, na LIBRAS. Esse sinal é realizado com a configuração de mão em C.

Figura 118 – Sinal CANTAR em LIBRAS



Fonte: www.youtube.com/user/incluirtecnologia (2017)

O sinal CANTAR dos terena representa iconicamente alguns movimentos corporais possíveis de alguém que está cantando e utilizando um microfone:

Figura 119 – Sinal CANTAR em LTS



Fonte: a autora

O fato de os sinais terena não terem originalmente configurações de mão que lembrem datilologia mostra que eles não estão relacionados com um sistema de escrita. Alguns pesquisadores já afirmaram (em comunicação pessoal) que os sinais terena são inferiores aos sinais da LIBRAS, subdesenvolvidos, primitivos, como eram os sinais da LIBRAS antes de se "estabelecerem" como língua. Porém, se uma das justificativas para se dizer isso é o fato das configurações de mão dos sinais dos terena serem bastante diferentes das configurações de mão geralmente vistas na LIBRAS e em outras línguas de sinais, essa tese não se sustenta, já que vimos por meio dos exemplos citados e podemos ver em tantos outros sinais que essa característica é simplesmente um reflexo de uma cultura que não se apega ao grafocentrismo, pois não necessita do gráfico para subsistir. Percebemos que essas configurações de mão são suficientes para as necessidades de comunicação dos terena que utilizam esses sinais.

A noção de grafocentrismo é vista, em geral, como pejorativa, no sentido de culturas muito focadas na escrita, esquecendo-se de que as línguas são, primeiramente, orais. Contudo, como vimos, a datilologia, nas línguas de sinais não-indígenas, é importante recurso, que, embora advindo do grafocentrismo, permite melhorar a comunicação, em especial quando há

dificuldades de compreensão. Assim, usar sinais que apresentam referência à escrita da língua oral, majoritária, não é compreendido como um problema, como um uso indevido, em uma língua distinta, que não contaria com escrita própria já consolidada. Podemos pensar que a datilologia é influência de uma língua majoritária que obriga o surdo a se adaptar a ela (como nos casos de obrigar surdos a ler lábios dos falantes, ou mesmo obrigá-los a oralizar e a usar implantes cocleares). Mas talvez ela seja sentida como empréstimo, e, como tal, um fenômeno totalmente previsível nas línguas do mundo, orais ou não.

Nas línguas de sinais ou nos “sinais indígenas”, como chamamos os sinais que ainda não têm classificação conclusiva⁸, é interessante perceber que esse aspecto não aparece, pois elas não se formaram pela escrita, uma vez que as sociedades eram ágrafas. Isso mostra o quanto a cosmovisão de um povo influencia seu sistema linguístico. Os sinais terena mostram, então, que os surdos e ouvintes terena que se utilizam deles não se apegam ao que é gráfico, assim como os outros ouvintes terena fizeram por muitas décadas e de certa forma, ainda fazem, embora saibamos que a sociedade terena tem se esforçado para valorizar e revitalizar sua língua oral, através de projetos de documentação e de ensino bilíngue intercultural.

Assim, a questão sobre o grafocentrismo não é simples, embora no momento percebamos que as línguas indígenas de sinais, devido à longa tradição oral de seus respectivos povos, não façam uso de inicialização, e mostrem sinais totalmente independentes de escrita.

9.2 Seriam os sinais criados pelos terena “sinais caseiros”?

Como já pontuado, estima-se que aproximadamente uma em cada 1000 pessoas é prelinguisticamente surda, isso é, nasceu surda ou se tornou surda antes de completar 1 ano de idade (PFAU, 2010, p. 60) . Devido à falta de acesso ao input auditivo, pessoas surdas não conseguem adquirir uma língua oral de modo natural. Línguas de sinais, portanto, são as línguas que melhor atendem às suas necessidades. Pesquisas mostram que crianças surdas passam pelo mesmo tipo de processo que ouvintes passam na fase de aquisição de linguagem, por exemplo, a época em que dizem as primeiras palavras, a época em que falam palavras compostas, cometem erros linguísticos como generalizações, substituições fonológicas e omissões. Aproximadamente 95% das crianças surdas tem pais ouvintes que não conhecem uma LS. Sem acesso a uma língua natural desde o nascimento, essas crianças só adquirem uma língua de sinais quando entram em contato com surdos na pré-escola ou na escola. Ocasionalmente essas

⁸ Esta denominação é largamente utilizada por linguistas, na área.

crianças desenvolvem sistemas de sinais caseiros, comparáveis a sistemas de comunicação simples, que não exibem características de LS naturais. Entretanto, assim que essas crianças que desenvolveram sinais caseiros, são colocadas juntas, em uma escola, por exemplo, uma língua de sinais natural pode se desenvolver, assim como foi muito documentado na língua de sinais de surdos em Manágua, na Nicarágua. Nesse caso, em apenas 2 anos, estas características gramaticais de língua de sinais naturais se desenvolveram, então foi um processo rápido, e há indícios de que foi isso que aconteceu com os terena também. Como já dito, há anos eles têm contato uns com os outros (se não com todos, com alguns pelo menos), então puderam desenvolver a língua com pleno entendimento entre eles.

Pfau fala que há casos interessantes em que em pequenas comunidades com surdez transmitida geneticamente nota-se que a surdez não é estigmatizada ou é menos estigmatizada do que geralmente é, e parte dos ouvintes é fluente na língua de sinais também, como em Adamorobe em Gana, Desa Kolok em Bali e uma comunidade beduína no deserto de Negev em Israel. Muitos desses surdos não se consideram deficientes, mas sim como membros de uma comunidade linguística diferente, com sua própria cultura, isto é, valores, costumes e tradições distintas daquelas das comunidades ouvintes, com seu meio próprio de expressão artística (por exemplo poesia) e claro, sua própria língua (PFAU, 2010, p. 60-61).

Os sinais caseiros já foram estudados por diferentes perspectivas, recebendo vários nomes:

Algumas denominações de língua que surgem da situação de contato na interação entre surdos e os membros da família ouvinte apontadas na literatura são: simbolismo esotérico (Tervoort, 1961), pidgin sinalizado (Fischer, 1978; Woodward, 1978; Felipe, 1989), sinais caseiros (Lane et alii, 1996), contact signing (Valli & Lucas, 1992, Goldin-Meadow & Mylander, 1994), ou “embrião” de linguagem (Lima, 2004). Esses autores divergem em muitos pontos, mas em nenhuma dessas perspectivas aufere-se estatuto de língua à língua de sinais caseira e/ou familiar.(GESSER, 2006, 60).

Pesquisadores como Gesser (2006) argumentam que esses sinais podem ser considerados línguas uma vez que são o meio pelo qual os seus usuários se comunicam e percebem o mundo ao seu redor. É certo que os sinais caseiros já receberam vários nomes e chegaram a ser vistos como língua, porém é necessário um cuidadoso estudo, para não rebaixar seu status, mas também para não chamá-los de língua, sem usar de critérios científicos para tanto.

Pesquisadores de sinais indígenas afirmaram recentemente que os terena usam sinais *emergentes*, mas que eles já sofreram muita influência da LIBRAS. Foi dito que esses sinais já

estão sendo deixados devido a uma preferência pela LIBRAS, que os surdos estão aprendendo. Os sinais indígenas já começaram a "se misturar" ao da LIBRAS. Foi dito também que no Amazonas, em lugares mais isolados, onde só se chega de barco, por exemplo, percebeu-se que existe uma preocupação maior em manter, conservar a língua sinalizada dos índios. Esses pesquisadores parecem acreditar que a distância desses índios da zona urbana e, conseqüentemente, da LIBRAS, coopera para que eles tenham e mantenham sua própria língua de sinais. Entretanto, já foi mostrado nesse trabalho que a influência da LIBRAS existe, o que é natural, mas os sinais terena são independentes da LIBRAS, apesar do contato constante do terena com o branco. Além disso, muitos terena demonstram muita preocupação com a manutenção de sua língua e cultura, com diversos materiais e pesquisas feitos sobre essas questões.

Para confirmar a hipótese de que os terena teriam criado uma língua de sinais, percebi que era importante fazer alguns testes na coleta de dados com os terena para comprovar se há independência de contexto. De fato, observei isso, principalmente na última coleta de dados: os surdos terena conseguem falar não só de algo que está acontecendo neste momento, eles podem usar os sinais para se referir a algo que já aconteceu ou vai acontecer, como foi exemplificado anteriormente. Quanto à dupla articulação, esta tese indica que existe também: os surdos terena podem usar morfemas, fonemas para formar novos sinais, como já observei antes e coloquei em minha dissertação de mestrado em relação aos sinais ALDEIA DE CACHOEIRINHA e CACIQUE.

Pfau (2010, p. 514) destaca algumas questões na emergência e tipologia dos sistemas manuais de comunicação, incluindo, mas não limitando isso apenas as línguas de sinais naturais. Ele fala desse uso de sistemas manuais de comunicação em vários contextos, e começa falando das línguas de sinais táteis usadas por pessoas surdo-cegas e ele também fala de línguas de sinais que por várias razões foram desenvolvidas e usadas por grupos de ouvintes, também chamadas de línguas de sinais secundárias.

O pesquisador também trata de algo muito interessante: os também chamados sistemas de sinais caseiros são usados em contextos altamente restritos, porém esses contextos, entretanto, não são situacionais em sua natureza (contexto de caça ou mergulho), mas geralmente contextos familiares. Ele diz que crianças surdas em período pré-linguístico, conforme vão crescendo com familiares ouvintes sem língua de sinais servindo de *input*, podem desenvolver sistema de comunicação gestual para interagir com seus parentes e amigos e dentro da família esses sistemas podem ser meios muito efetivos de comunicação, mas geralmente

esses meios de comunicação são usados apenas por uma geração e não são transmitidos às próximas gerações.

Enquanto num primeiro momento um sistema de sinais caseiros parece ser um simples conglomerado de gestos icônicos em sua maioria, pesquisas mostram que esses gestos são unidades discretas e há evidência de estrutura sintática e morfológica dentro desses sistemas, por exemplo, predicativos, recursividade, em pelo menos alguns desses sistemas de sinais caseiros. Os sistemas de sinais caseiros são conhecidos por ter muito potencial para se desenvolver, até virar uma língua de sinais propriamente dita, uma vez que os sinalizadores de sinais caseiros entram em contato uns com os outros, por exemplo, em uma mesma escola, como aconteceu na Nicarágua, com a língua de sinais nicaraguense, o que foi documentado por Kegl, Senghas e Coppola em 1999. Provavelmente essa é a explicação para o que aconteceu com os terena surdos: muitos (intérpretes, professores e até alguns linguistas) imaginam que os sinais terena sejam sinais caseiros, mas na verdade, o que pode ser percebido pelas análises neste trabalho é que eles deixaram de ser sinais caseiros já há algum tempo, porque eles não ficam em âmbitos apenas familiares, já que terena surdos de diferentes aldeias, que moram em casas distantes umas das outras conseguem se comunicar, conseguem se entender sem praticamente nenhum esforço. Tudo o que foi pontuado até o momento indica que esse sistema já se tornou de fato uma língua, pois já observei que os 3 filhos surdos da Ondina se comunicam há muito tempo com a Giane, a Graci (apesar de ela ter crescido em Campo Grande usando LIBRAS), Nilton (citados em SUMAIO, 2014), Lalu, mesmo que ocasionalmente, mas havia comunicação, e sabiam da existência da Dona Ximi, apesar de ela morar longe da aldeia. Existia o contato, e com Jennifer também, e eles conseguem se entender muito bem quando se reúnem, e, mais do que isso, muitos ouvintes terena (primos, tios, amigos dos surdos) entendem os sinais e os utilizam, então esses sinais não ficaram restritos a um pequeno núcleo familiar. Todas essas pessoas conhecem e usam esses sinais. Podia-se imaginar a princípio que os surdos terena usam esses sinais apenas em casa, mas eu pude vê-los utilizando esses sinais fora de seu núcleo familiar, em outras aldeias.

O uso desses sinais já evoluiu bastante, e o conjunto deles parece ser uma língua natural propriamente dita. O que aconteceu com a língua nicaraguense, em um contexto escolar, pode ter acontecido com eles em outro contexto; é provável que aconteceria com eles em um ambiente escolar se houvesse uma escola indígena dentro das aldeias preparada para recebê-los, mas não há. Entretanto, o que não aconteceu no ambiente escolar aconteceu no contexto cultural e território deles, que são as terras indígenas, no ambiente "familiar" mais amplo

(contato entre suas famílias).

Pfau (2010, p. 518) diz que recentemente as chamadas *village sign languages*, isso é, línguas de sinais usadas em pequenas comunidades, com uma alta incidência de surdez genética, tem adentrado o estágio linguístico de línguas de sinais. Ele cita Zeshan, que faz uma escala de crescimento de complexidade desses sistemas. Ela conclui que códigos gestuais podem se tornar línguas de sinais secundárias e essas línguas de sinais secundárias podem se tornar línguas de sinais naturais ou sinais caseiros podem se tornar línguas de sinais naturais.

Pfau (2010, p. 519) explica os tipos de línguas dentro da tipologia morfológica de línguas orais. Ele explica que línguas com palavras apenas monomorfêmicas são do tipo isolante, enquanto uma língua que preza por palavras polimorfêmicas é sintética ou polisintética se contém incorporação de nome. Uma língua sintética na qual os morfemas são facilmente segmentados é uma língua aglutinante, como o alemão, mas se a segmentação é impossível, a língua é chamada de fusional (COMRIE, 1989). Ele fala que os sinais são conhecidos por ter uma complexidade morfológica considerável (ARONOFF; MEYER; SANDLER, 2005), mas o fato de os morfemas tenderem a se organizar simultaneamente mais do que sequencialmente faz com que a classificação tipológica seja mais complexa. Ele considera, por exemplo, o verbo DAR na língua holandesa de sinais. Em sua forma básica ele é articulado com a mão em "B" e consiste de uma sequência locação, movimento-locação (L-M-L), sendo que o movimento é feito longe do corpo do sinalizador e o verbo pode ser modificado expressando um significado complexo, por exemplo, em "você me dá um objeto grande com bastante esforço", modificando-se a Configuração de Mão, a direção e a maneira como é feito o movimento, assim como os componentes não manuais, mas todas essas modificações acontecem simultaneamente, então o sinal resultante ainda é no formato L-M-L, os afixos não são sequenciais, adicionados sequencialmente (PFAU, 2010, p. 520). Simultaneidade, entretanto, não deve ser confundida com fusão. Podemos ver que todos os morfemas envolvidos (concordância com sujeito e objeto, classificadores, advérbio de modo) são facilmente segmentados, então não constitui fusão. É claro que morfologia simultânea também é atestada em línguas orais, por exemplo, nas línguas tonais, mas geralmente existe um máximo de combinação de dois morfemas simultâneos, enquanto nas línguas de sinais, muito mais morfemas podem ocorrer simultaneamente (PFAU, 2010, p. 520).

Pfau (2010), sobre negação, diz que em todas as LS estudadas até agora a negação pode ser expressa manualmente (com partícula manual) ou não manualmente (com movimento de cabeça). Entretanto, a expressão de negação parece ser tipologicamente muito homogênea.

Entretanto, baseada num estudo tipológico Zeshan propõe (PFAU, 2010, p. 521) que negação em LS atualmente vem em dois tipos: sistema manual dominante e sistema não-manual dominante, sendo que o sistema manual dominante é caracterizado pelo fato de que a negação manual é obrigatória. Esse sistema foi identificado, por exemplo, na LS turca e na LIS. Em contraste, porém, em um sistema não-manual dominante as sentenças são negadas com a marca não manual, apenas, geralmente. Esse padrão é encontrado por exemplo na NGT, na ASL e na IPSL. Os sinais terena não são exceção, pois pelo que observei os surdos terena podem usar os dois tipos de negação (a partícula manual e o movimento de cabeça), mas aparentemente o sistema é não-manual dominante, porque sempre usam o movimento de cabeça para negar e, ocasionalmente, a partícula manual (que provavelmente deve ser usada para dar ênfase).

Pfau (2010) diz que, assim como na tipologia de negação em língua oral, uma importante distinção é essa entre partícula de negação como existe, por exemplo, no inglês, e negação morfológica por meio de afixo, por exemplo, como existe no turco, além disso, em línguas com negação dupla, por exemplo, em francês, dois elementos negativos sendo duas partículas ou uma partícula e um afixo, são combinados para negar a proposição (PAINE, 1985 *apud* PFAU 2010, p. 521). De acordo com Pfau (2010), essa tipologia pode ser aplicada a línguas de sinais. Ele argumenta que, por ora, a língua alemã de sinais, que é uma língua não-manual dominante, tem uma partícula de negação, com a negação manual sendo uma partícula, que entretanto é opcional e o marcador não-manual, que é o movimento de cabeça, sendo um afixo que é atrelado ao verbo. Em contraste, a LIS tem uma partícula simples de negação. Nesse caso, a partícula pode ser lexicalizada especificamente por um movimento de cabeça. Se isso estiver no caminho certo, então, como antes, podemos encontrar similaridades tipológicas intermodais como diferenças intra-modais. Sobre concordância, o fenômeno linguístico em LS que alguns estudiosos chamam de concordância é especialmente importante para um ponto de vista tipológico sobre as modalidades oral *versus* visual, porque essa concordância é realizada no espaço de sinalização modulando propriedades fonológicas (movimento e/ou orientação de verbos).

Em todas as LS que tiveram sistema de concordância descrito há apenas um subgrupo de verbos (os chamados verbos "concordáveis") que podem ser modulados para mostrar concordância (p. 522). Em contraste, outros verbos, os verbos simples, nunca podem mudar sua forma para mostrar concordância. Entretanto, de certo modo, um sistema de concordância rico e um sistema de concordância zero são combinados em uma mesma língua de sinais. Em segundo lugar, uma concordância com o sujeito foi encontrada por ser geralmente mais marcada

do que uma concordância com objeto, considerando que alguns verbos só mostram concordância com objeto e concordância com sujeito é às vezes opcional. Algumas LSs, por outro lado, não aparentam ter um sistema de concordância como mostrado anteriormente, como por exemplo no Kata Kolok, uma village sign language de Bali. Em relação à concordância em LSs, classificações tipológicas muito conhecidas mostram que são um tanto limitadas. Resumidamente falando, aparentemente isso se deve ao fato de essas línguas terem propriedades específicas da modalidade visual, em particular o uso de espaço de sinalização e o corpo do sinalizador.

Pesquisas comprovam que a LIBRAS demorou anos para chegar em Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul (ALBRES, 2005 p. 12). Quando chegou, em 1960, foi constituída pela LIBRAS advinda do Rio de Janeiro juntamente com os sinais caseiros dos surdos de Mato Grosso do Sul. Não há nenhuma menção a surdos terena no artigo que trata dessa chegada da LIBRAS ao estado. Nessa época, os terena estavam espalhados, realizando trabalho praticamente escravo em fazendas, de cidades como Miranda e Aquidauana, como já dito na seção I. Então, provavelmente não tiveram nenhum acesso à LIBRAS nessa época. Esse contato parece ter começado muito recentemente, há aproximadamente 10 anos, de acordo com o relato dos próprios surdos terena e de seus familiares. Mas, nessa época, já havia surdos na comunidade, como D. Ximi, e portanto, já existiam sinais terena.

Não parece possível cientificamente dizer que os sinais terena são sinais caseiros porque têm, por exemplo, apontamentos. Se for assim, os da LIBRAS também são sinais caseiros, como, por exemplo, os sinais para partes do corpo. Se existem muitos sinais e apenas alguns são feitos por meio de apontamentos, então parece mais um sistema de sinais caseiros que evoluiu para uma língua, como já aconteceu com tantas línguas de sinais. Este trabalho traz uma contribuição para essa discussão.

Em minha dissertação de mestrado (SUMAIO,2014), preferi não afirmar que os sinais criados pelos terena constituíam uma língua, porque havia feito poucos trabalhos de campo (apenas dois, sendo o primeiro um contato inicial, de poucos dias, para falar sobre o projeto de mestrado que planejava elaborar), convivido por pouco tempo com os terena, e portanto, coletado poucos dados. Devido aos problemas já citados na seção III, naquela época os dados eram escassos, o convívio maior foi com surdos que geralmente queriam falar em LIBRAS comigo, então não era possível definir se era realmente uma língua diferente da LIBRAS tendo registrado apenas 40 sinais. Hoje, tenho coletados muito mais sinais, e vários textos, inclusive de D. Ximi, Lalu e Giane, que são surdos terena que nunca aprenderam LIBRAS. Ainda é

necessária uma análise aprofundada da sintaxe do que suponho ser a língua terena de sinais, porém é assim que a defino neste momento, tendo em vista que uma análise inicial de sua fonologia e de seu léxico mostrou que ela está separada historicamente, morfológica e fonologicamente da LIBRAS, e que é usada por um grupo grande de pessoas, não sendo seu uso restrito a apenas uma família. Portanto, conclui-se que os sinais criados pelos terena não podem ser considerados uma variação da LIBRAS e nem um pidgin formado com sinais desta. Esse sistema, que permite falar de qualquer assunto, criar infinitas sentenças e textos e que não é influenciado pela escrita da língua portuguesa, como a LIBRAS, mostrou ser um sistema autônomo, que proponho ser chamado de língua terena de sinais, seguindo padrões internacionais de nomeação de línguas de sinais.

9.3 Sobre verbos e nomes nas línguas de sinais

Como já citado, com alguns verbos, locações no espaço de sinalização podem ser usados para expressar concordância. Isso é feito por meio de movimento e/ou orientação do verbo sinalizado a partir da locação associada com o sujeito até a locação associada com o objeto, por exemplo na sentença “eu dou a você” (JANIS, 1995; MATHUR, 2000; ZWITSERLOOD; VAN GIJN, 2006 *apud* PFAU, 2010). A maioria dos verbos em línguas de sinais são planos, no sentido de que não podem expressar concordância da mesma maneira que esses verbos considerados “concordáveis” (por exemplo “amar”, “sonhar”, não fazem concordância por meio de movimento, em NGT). A ordem das palavras e auxiliares resolvem a questão em outras línguas (PFAU, 2010, p. 71). É importante perceber que foi sugerido que em todos os verbos com concordância o movimento é determinado por regras semânticas (temáticas), não por regras gramaticais dos argumentos verbais (por exemplo no verbo “convidar” em NGT). Concluo que este processo existe no sistema de comunicação criado pelos terena. Na sentença EU-DOU-COPO-VOCÊ (eu dou o copo para você) feita pelos surdos terena, a ordem de palavras deve ser essa, e a direcionalidade específica a pessoa que vai dar e a pessoa que vai receber o copo. Esse é apenas um exemplo, mas esse processo é para qualquer objeto.

Percebeu-se também que alguns sinais como CORRER e COMER passam por processo de reduplicação, o que indica que podem ser verbos. Se um surdo terena quer dizer que correu muito, ele fará o sinal mais rapidamente e com movimento mais curto. O mesmo acontece com COMER, mas em COMER a Expressão Facial também será diferente, com as sobrancelhas erguidas. Eles também parecem ser diferenciados pelo contexto e pela expressão facial dos

nomes, que costumam apresentar expressão facial neutra. Entretanto, não caberia no momento esclarecer essas análises. Por hora considero como verbos esses sinais apenas como hipótese por meio de tradução desses sinais para o português. É necessário que seja feito um estudo mais aprofundado para determinar ao certo o que são nomes e verbos nos sinais usados pelos terena.

9.4 Conclusões sobre as contribuições

A língua terena de sinais mostra influência da LIBRAS, com a qual tem contato, processo absolutamente natural. As análises apresentadas mostram mais uma vez que a língua terena de sinais possui flexibilidade, capacidade para criar novas palavras e capacidade comunicativa. As análises mostram também que essa língua tem um sistema de CM diferente do sistema de LS urbanas, influenciado pela escrita das LOs. Esse estudo deve ser mais aprofundado e comparado com o de outras línguas em trabalhos tipológicos.

CONCLUSÃO

Apresentei, em minha dissertação de mestrado (SUMAIO, 2014), alguns dados sobre os então chamados “sinais terena”. Esse termo foi eleito porque naquele momento não foi possível aprofundar análises sobre esse sistema por conta de algumas questões, como o fato de muitos informantes preferirem usar a LIBRAS, em vez da língua terena de sinais, para falar comigo. Este fato fez com que eu, naquele momento, só conhecesse alguns de seus sinais nativos (em torno de 40), que eram revelados em meio a falas em LIBRAS. Com apenas 40 sinais, coletados em um contexto gramatical e lexical inadequado, em sua maioria (com léxico e gramática da LIBRAS), não foi possível concluir que faziam parte de uma língua autônoma.

Entretanto, nas coletas de dados seguintes, como já dito, pude coletar mais dados com surdos e ouvintes terena que nunca aprenderam a LIBRAS, podendo assim compreender a gramática que determinava o uso desses e de outros sinais nativos. Além disso, utilizando métodos da léxico-estatística, pude perceber que a língua de sinais que os terena usam não é uma variedade da LIBRAS, pois elas são muito diferentes em seu léxico, o que podemos perceber principalmente observando seus constituintes fonológicos. No momento presente, portanto, não é mais necessário ter o cuidado de chamar essa língua de “sinais terena”. Passo agora a chamar esse sistema de “língua terena de sinais”, especificando que é a língua falada na TI Cachoeirinha, pois é possível que outros terena surdos falem uma língua diferente (surdos terena da TI Araribá, de Avaí-SP, por exemplo).

É interessante lembrar que uma língua é composta por abstrações. Com o uso da língua (de sinais ou oral) um falante (surdo ou ouvinte) pode falar de algo que já aconteceu ou que ainda vai acontecer, ou seja, de fatos que não estão ocorrendo no momento de fala (algo concreto, visível). Essa abstração só é possível por meio de uma gramática, de marcas de passado e futuro. Para compreender melhor abstrações de seu interlocutor, também é necessário que o falante faça perguntas como “onde?”, “como?”, “por que?”, obtendo mais detalhes sobre determinado tópico. Assim, os dados apresentados comprovam que os surdos terena são capazes de atingir do nível de abstração de qualquer língua.

Pelos dados apresentados nesta tese, concluímos que os terena falam de acontecimentos do passado e que acontecerão no futuro. Eles fazem perguntas, obtêm respostas, contam histórias, fazem brincadeiras, e ensinam sinais da LIBRAS ou palavras do português para surdos que nunca aprenderam essas línguas. Isso tudo só é possível por meio de uma língua, com léxico e gramática.

Esta pesquisa contribuiu com a discussão de fonologia de línguas de sinais, explicitando pares mínimos e pares análogos dessa língua terena de sinais, e conseqüentemente seus fonemas. Explicitou também outras características, como o conjunto de configurações de mão que encontramos na língua de sinais dos terena. Foram encontradas Configurações de Mão em “A”, em “B”, em “C”, em “D”, por exemplo, porém não foram encontradas Configurações de Mão em “E”, “F”, “I”, “P”, “R”, “T” e “X”, provavelmente por essa língua não sofrer influência da escrita da língua portuguesa, como a LIBRAS sofreu.

Procurou-se também descrever algumas características morfológicas, sintáticas e semânticas dessa língua, mostrando suas semelhanças e diferenças com outras línguas e apontando para sua estrutura gramatical, o que mostra, além de sua fonologia, que ela não é um sistema simplificado, de sinais caseiros.

Como já dito, segundo Meier (2006), as línguas de sinais e as línguas orais têm muitas propriedades fundamentais em comum. As línguas de sinais e as línguas orais possuem vocabulários “convencionados”. Nas duas modalidades (visual e auditiva), as línguas compartilham a característica de ter palavras que são constituídas de unidades fonológicas sem significado; assim, as línguas de sinais e as línguas orais apresentam dupla articulação, de acordo com o autor. Ainda segundo Meier, as línguas de sinais, tanto quanto as línguas orais, possuem mecanismos para a construção de novos vocabulários por meio da composição e derivação morfológica. As duas modalidades de língua exibem regras similares na combinação de palavras ou sinais para formar sentenças. Todas essas características estão presentes na língua de sinais terena, apresentada com dados ao longo desta tese.

Este trabalho pode contribuir também na análise de tipologia de línguas de sinais, falando de suas configurações de mão, que não estão influenciadas pela escrita de nenhuma língua oral, como em geral acontece com outras línguas de sinais. Esta pesquisa, portanto, mostra que essa língua terena de sinais é independente da LIBRAS e não são sinais caseiros.

Espero com este estudo poder contribuir para a linguística em geral, e especialmente para a pesquisa sobre línguas de sinais indígenas. Também espero poder contribuir para com a educação e história dos surdos terena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOH, E; PFAU, R; ZESHAN, U. **When a wh-word is not a wh-word:** The case of Indian Sign Language. In *The Yearbook of South Asian languages and linguistics*. Bhattacharya, T. (ed.), 11-43. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

ADSUARA, C. H. C. **UNATÍ YAPEY!!** Aspectos da vida Terena em Araribá. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2016.

AGUIAR, R. **Nova proposta de sílaba em LIBRAS.** Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2013.

ALBANESE, B. C. **Da Língua Portuguesa, Línguas Brasileiras de Sinais, Línguas Caseiras de Sinais à língua nenhuma:** qual(is) língua(s) os surdos (não) falam?. In: BOLOGNINI, Carmen Zink; SILVA, Ivani Rodrigues. (Org.). **Sentidos no Silêncio:** práticas de língua(gem) com alunos surdos. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 93-107.

ALBRES, N. A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS,** 2005 Petrópolis: Editora Arara Azul Ltda. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf> Acesso em 28 set. 2014.

AL-FITYANI, K.; PADDEN, C. **Uma comparação lexical de Línguas de Sinais no mundo Árabe.** In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais.* SC: Arara Azul, 2006. p. 130-139. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf >. Acesso em: 4 ago. 2016.

ALMEIDA, E.O.C. de. Surdez e Língua de Sinais. In: ALMEIDA, E.O.C. **Leitura e Surdez:** um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. pp.1-17.

ANDRADE, W. T. L. **Variação fonológica da libras: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba.** Tese de Doutorado. João Pessoa: UFB, 2013.

ANTHONY, E. M. The teaching of cognates. **Language Learning** 4, 79-82. 1953.

ARONOFF, M; MEIR, I; SANDLER, W; **The paradox of sign language morphology** in *Language* (Baltim). 2005; 81(2): p. 301–344. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3250214/pdf/nihms-340372.pdf> Acesso em 31 mar. de 2018.

AZEVEDO, M. J. S. **Contribuições Linguísticas Aplicadas ao ensino da Língua de Sinais na Comunidade Sateré Mawé na Microrregião de Parintins**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UEA, 2015.

BALDUS, H. **Ensaios de Etnologia Brasileira**, 2. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1979.

BARRETOS, E. A. **A situação de comunicação dos akwê-xerente surdos**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2016.

BARROS, M. E. **Princípios básicos da ELiS: escrita das línguas de sinais** in *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p. 204-210, jul./dez. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/38881-188989-1-PB.pdf> Acesso em 4 jun. 2018.

BATTISON, R. **Phonological deletion in American Sign Language**. *Sign Language Studies*, 1974 v. 5: 1-19.

BATTISON, R. **Lexical Borrowing in American Sign Language**. Silver Springs, MD: Linstok, 1978.

BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T.C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008.

BITTENCOURT, C. M. F.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília : MEC ; São Paulo : USP/CTI, 2000. 156 p.

BLACK, P.; KRUSKAL, J. **Comparative lexicostatistics: A brief history and bibliography of**

key words. 1997. Disponível em:
<<http://www.ntu.edu.au/education/langs/ielex/BIBLIOG.html>> Acesso em 07 ago. 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 10 dez. 2012.

BRUNO, M. M. G.; COELHO, L. L. Discursos e Práticas na Inclusão de Índios Surdos em Escolas Diferenciadas Indígenas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 681-693, jul./set. 2016.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica**: Introdução à teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de letras, 2002.

CAGLIARI, L. C. Breve história das letras e dos números. In: MASSINI-CAGLIARI, G; CAGLIARI, L.C. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado das Letras. 2005.

CÂMARA JR, J. **Língua e cultura**. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução.) 1972

CASTRO, A. R; CARVALHO, I. **Comunicação por língua de sinais**: livro básico. Brasília: Editora SENAC, 2005.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira - Foco no Léxico**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2011.

CASTRO JÚNIOR, G. de **Projeto Varlibras** Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2014.

CHAIBUE, K. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais**: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo. Dissertação de Mestrado, Goiânia: UFG, 2013.

COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

COSTA, M. G. L. (2017) **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo paiter suruí no contexto familiar**. Dissertação de mestrado. Porto Velho: UNIR, 2017.

CROWLEY, T. **An introduction to historical linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

D'ANGELIS, W. R. **Educação escolar e ameaças à sobrevivência das línguas indígenas no Brasil meridional**. BRASA IX - New Orleans/LO, USA, 27-29 mar 2008 Disponível em: http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Wilmar-DAngelis.pdf Acesso em 10 de fev. de 2018.

DUQUE, P. H. ; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências**. 1. ed. Natal: Editora da UFRN, 2012.

ELER, R. R. S. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos paiter suruí**. Dissertação de mestrado. Porto Velho: UNIR, 2017.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

FARGETTI, C. M.; SOARES, P. A. S. Sinais terena e grafocentrismo em línguas de sinais – contribuições teóricas. **Revista Ideação** V. 18 N° 1, 2016 Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/17306/11513> Acesso em 05 de jan. de 2017.

FARGETTI, C. M.; SUMAIO, P. A. Numerals in juruna. **LIAMES** 15(2): 17-41 - Campinas, Jul./Dez. – 2015.

FARIA, S. P. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira.** Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2009.

FELIPE, T. A. Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos. In. **Revista Espaço.** Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN-DEZ./ 2006, P.33-47.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA-BRITO, L; LANGEVIN, R. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, S. R. S; FERREIRA, M. N. O. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67-98, jan./jun. 2016 Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/19293/20011> Acesso em: 15 jan. 2017.

FINAU, R. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras.** Tese de Doutorado – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GALLOIS, D. T. **Por que valorizar patrimônios culturais indígenas?** Revista Ciencia e Cultura vol. 60 no. 4 São Paulo Oct. 2008 Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400015 Acesso em 2 nov. de 2017

GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”:** ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado, Campinas: Unicamp, 2006.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROLETTI, M.F.P. **Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

GODOY, G. **Dos modos de beber e cozinhar cauim: ritos e narrativas dos ka'apores**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

GOLDIN-MEADOW, S. **The resilience of language**: What gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language. Hove, Psychology Press, 2003.

GOLDIN-MEADOW, S; MYLANDER, C. The Development of Morphology without a Conventional Language Model. 1984 In: **CLS20** Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED263708.pdf>. Acesso em 01 abr. 2018.

GREENBERG, J. **Essays in Linguistics**. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

HERSKOVITS, M.J. **Antropologia cultural**: o homem e seu trabalho. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Pessoas indígenas, por sexo, segundo o tronco linguístico, a família linguística e a etnia ou povo - Brasil – 2010**. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_1_14.pdf. Acesso em 28 mar. 2018.

ISA - Instituto Socioambiental **Terras Indígenas no Brasil**. 2010 Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3629#demografia> Acesso em: 28 de março de 2018.

JOHNSON, J; JOHNSON, R. Assessment of Regional Language Varieties in Indian Sign Language. **SIL Electronic Survey Report 2008-006**. 2008 Disponível em: <http://www-01.sil.org/silesr/2008/silesr2008-006.pdf> Acesso em 01 abr.2018.

JÚLIO, A; SOUZA, C. C. **Língua terena: contribuições para sua documentação**. 2016 Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf> Acesso em 10 ago. 2017.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: **Summer Institute of Linguistics**, 1968. Disponível em: http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/kakumasu_1968_urubukaapor_signlanguage.pdf Acesso em 15 mai. 2013.

KEGL J., SENGHAS A., COPPOLA M. Creation through contact: Sign language emergence and sign language change in Nicaragua. In: DeGraff, M. **Language creation and language change: Creolization, diachrony, and development**. pp. 179–237. Cambridge: MIT Press; 1999.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KLIMA, M; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

KYLE, J.G; WOLL, B. **Sign Language: The Study of Deaf People and Their Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LADEIRA, M. E; AZANHA, **Terena: História**. 2004. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1042> Acesso em 26 jan. de 2017.

LIMA, J. M. da S. **A criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola**. Dourados, 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific**. New York: E.P. Dutton; Co. Inc, 1922.

MARCHEWICZ, R. M. S. **Com a palavra índios e índias: introdução ao estudo da representação no mundo Terena**. Dissertação de Mestrado Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E; LEITE, T. **Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados.** Revista Alfa. v. 54, n. 1, 2010.

MCKEE, D.; KENNEDY, G. Lexical comparisons of signs from American, Australian, British and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**, Mahwah, 2000. p. 49-76.

MEIER, R. P. Modalidade e Aquisição da Língua: Estratégias e Restrições na Aprendizagem dos primeiros sinais In: **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**, TISLR9, Florianópolis/SC UFSC, 2006.

MIRANDA, C.C. **Territorialidade e práticas agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades terena de MS.** Dissertação de Mestrado. Campo Grande: Universidade Dom Bosco. 2006.

MÜLLER, A; VIOTTI, E. Semântica Formal. In FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II. Princípios de Análise.** SP: Contexto, 2012. p. 119-148.

NASCIMENTO, C. B. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato.** Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB. 2010.

NYST, V. **A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana).** Utrecht: LOT. 2007.

OLIVEIRA, C. C.; CUNHA, K. M. M. B. Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua. Revista **Eutomia**, 2009. Disponível em: http://www.eutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/linguistica-artigos/Concordancia-Verbal-em-Lingua-de-Sinais-e-suas-Implicacoes-na-Escrita-da-segunda-Lingua_Christiane-Cunha-de-Oliveira-e-Karina-Miranda-Machado.pdf Acesso em 29 de mar. 2018.

OLIVEIRA, E. A. **Alguns aspectos culturais dos terena.** Anais do Neppi. 2016. Disponível em:

<http://www.neppi.org/anais/identidade%20e%20organiza%E7O%60o%20social%20indigena/ALGUNS%20ASPECTOS%20CULTURAIS%20DOS%20TERENA.pdf> Acesso em 04 out. 2017

OLIVEIRA, R. C. **Do Índio ao Bugre: O Processo de Assimilação dos Terena**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1976.

ORLANDI, E. P.; SOUZA, T. C. C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, E. P. **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988. p. 12-27.

PEDROSA, J; LUCENA, R. 2017. Fonologia estruturalista. In HORA, D.; MATZENAUER, C. **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto. 2017.

PEIRANO, M. **Etnografia não é método**. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=en&nrm=iso Acesso em: 26 mar. 2018

PEREIRA, E. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do piauí. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2013.

PEREIRA, K. Á. **Estudo sobre a Variação Linguística da Libras no Contexto da Educação de Surdos**. Ed. Universitária UFPEL, 2011.

PETTER, M. Morfologia. In: J. L. FIORIN (Org.) **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.

PFAU, R. Handwaving and headshaking? On the linguistic structure of sign languages In: **Les llengües de signes com a llengües minoritàries**: perspectives lingüístiques, socials i polítiques (Actes del seminari del CUIMPB-CEL2008) Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 2010, p. 59-84.

PFAU, R.; QUER, J. 2014 Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In:

BRENTARI.D., Ed. **Sign Languages**. Cambridge UK: Cambridge University Press; 2014. p 381-402.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign Language: An International Handbook**. De Gruyter, 2012.

PIETROFORTE, A. V. S; LOPES, I. C. Semântica Lexical. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-135.

PIKE, K. L. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1975. (1. ed., 1947).

PINKER, S. **The Language Instinct**. London: Penguin Books, 1994.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009.

RAMOS, C. R. **Libras: a língua de sinais dos surdos brasileiros**. 2007. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/libras.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2012.

RODRIGUES, A. D. Classificação do tronco lingüístico Tupi. **Revista de Antropologia** 12:99-104. São Paulo 46 1964.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ROSA, A. M. **Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)**. Três Lagoas: UFMS, Dissertação

(Mestrado), 2010.

SANDLER, W. **Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language**. *Semiotica* 174–1/4, 241–275 2009. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/efa2/b2faa3f87d19f5b9e141a353b5dd3123231f.pdf> Acesso em: 31 mar. 2018.

SAKEL, J.; EVERETT, D. **Linguistic Fieldwork: A Student Guide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERMER, T. **Lexical variation in Sign Language of Netherlands**. 2004 Disponível em: https://www.gebarententrum.nl/media/33555/92_file1.pdf. Acesso em: 01 abr. 2018.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SEGOVIA HERRERA, M. Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica. In: **ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM**, I. São Paulo. Trabalhos. São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 63-9.

SILVA, D. **Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngue terena-português**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2013.

SOBRINHO, M. de L. E. **Alfabetização na língua terena: uma construção de sentido e significado da identidade terena da Aldeia Cachoeirinha/ Miranda/ MS**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2010.

SOUZA, R.B.; SEGALA, R.R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R.M.; STUMPF, M.R. (Org.). **Estudos Surdos IV**, Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STAMP, R; SCHEMBRI, A; FENLON, J; RENTELIS, R; WOLL, B. Lexical Variation and Change in British Sign Language. **PLoS ONE** 9(4): e94053. doi:10.1371/journal.pone.0094053 (2014). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261838240_Lexical_Variation_and_Change_in_British_Sign_Language Acesso em 1 abr. 2018.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

SUMAIO, P. A. **Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da libras e de sinais nativos por indígenas surdos**. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2014.

SUPALLA, T. **Arqueologia das Línguas de Sinais: integrando lingüística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais jovens** in Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais, TISLR9, Florianópolis/SC UFSC, 2006.

SWADESH, M. Afinidades de las lenguas amerindias. **Akten des 34 Internationalen Amerikanisten Kongress**, p. 729-738, 1964.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

VAN DER KOOIJ, E. **Phonological Categories in Sign Language of the Netherlands: The Role of Phonetic Implementation and Iconicity**. Unpublished PHD dissertation, Leiden University. 2002.

VARGAS, V. L. F. **A Dimensão sóciopolítica do Território para os Terena: As aldeias nos séculos XX e XXI**. Tese de doutorado, Niterói: UFF, 2011.

VILHALVA, S. **Índios surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012.

WALSH, T.; ABU RAYAN, A.; ABU SA'ED, J.; SHAHIN, H.; SHEPSHELOVICH, J.; **Genomic analysis of a heterogeneous Mendelian phenotype: multiple novel alleles for inherited hearing loss in the Palestinian population**. *Human Genome*, v. 2, 2006. p. 203-211. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3525152/> Acesso em 03 dez. 2017.

XAVIER, A. N. “Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais”. **XVI SETA - Seminários de Teses em Andamento**, 2011, Campinas. **Anais do SETA (UNICAMP)**, 2011. v. 5. p. 119-145.

XAVIER, A. N; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. **Delta**, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0371.pdf>. Acesso em 02 fev. 2018.

XAVIER, A. N; NEVES, S. L. G. **Descrição de aspectos da Morfologia da LIBRAS**. Revista Sinalizar v. 1, n. 2 2016 Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>. Acesso em 13 fev. 2017.

ZESHAN, U. Hand, Head and Face – Negative Constructions in Sign Language. **Linguistic Typology** 8. 1-57 2004.

ZESHAN, U; DELGADO, C. E. E; DIKYUVA, H; PANDA, S; DE VOS, C. **Cardinal numerals in rural sign languages: Approaching cross-modal typology** 2013. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.897.5860&rep=rep1&type=pdf> Acesso em 30 mar. 2018.

Apêndice : Modelo de termo de cessão de uso de imagem e voz que cinegrafistas assinaram

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA A UTILIZAÇÃO DE VOZ, NOME, SOM E IMAGEM

Eu, _____, solteiro(a) () casado(a) ()
 profissão: _____ residente na Rua _____,
 n° _____
 complemento, _____ cidade _____ estado _____, portador da
 Cédula de Identidade RG _____, inscrito no CPF/MF sob
 n° _____, **DECLARO** estar ciente de que o uso de imagem, nome, voz e som
 em todo e qualquer material (ex: fotos, documentos e outros meios e comunicação) produzido
 por mim deverá ser usado apenas por Priscilla Alyne Sumaio Soares.

Sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas para uso interno desta
 instituição de ensino.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima
 mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em
 destaque, das seguintes formas: (i) *outdoor*; (ii) *busdoor*; folhetos em geral (encartes, mala
 direta, catálogo etc.); (iii) folder de apresentação; (iv) anúncios em revistas e jornais em geral;
 (v) *home page*; (vi) cartazes; (vii) *back-light*; (viii) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes,
 televisão, cinema, entre outros).

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo, livre e
 espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa a ser reclamado a título de direitos
 conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente autorização em 02
 (duas) vias de igual teor e forma.

Miranda, _____ de _____ de _____

Nome - Assinatura